Leitura das Cartas Inéditas de Eduardo de Almeida a Alfredo Pimenta

Dra Maria Teresa Pimenta

Eduardo de Almeida e Alfredo Pimenta, conterrâneos e coetâneos, destacam-se na cultura e na política do seu país e da sua cidade natal, embora com alcances diferentes. A atestá-lo uma vasta bibliografia que incluí, no caso de Eduardo de Almeida, ficção, estudos históricos e etnográficos, pedagógicos, sociológicos e inúmeros discursos – verdadeiras peças de oratória com que interveio em vários acontecimentos políticos e profissionais, nacionais e locais –, e ainda colaboração assídua em publicações como a *Revista de Guimarães* e vários jornais da cidade. No caso de Alfredo Pimenta, a sua bibliografia é mais vasta, já que, desde muito cedo, subordinou o seu ganha-pão à escrita e ao pensamento o que lhe permitiu legar-nos um imenso labor nos domínios da História, Política, Literatura, Crítica, Filosofia, Linguística, sob a forma de livros, opúsculos, colaboração em revistas nacionais e estrangeiras, artigos de jornal nacionais, tanto continentais como ultramarinos e uma valiosa biblioteca em que apoiava os seus estudos : «*As minhas fichas são os meus livros. É neles que escrevo as notas remissivas(...)*», dirá um dia em entrevista à *A Voz* de 14 de Outº de 1934.

Ambos presidiram a duas grandes instituições culturais de Guimarães: – à Sociedade Martins Sarmento de que Eduardo de Almeida foi secretário da direcção (1908-09) e presidente várias vezes (*1921-25;1929-31* e *1945-46*) onde recomeçou a publicação da *Revista de Guimarães* interrompida desde 1914 por falta de meios e ao Arquivo Histórico, tornado Municipal em 1931 e Arquivo Municipal Alfredo Pimenta em 1952, que Alfredo Pimenta organizou e dirigiu até 1950, ano da sua morte e onde criou o *Boletim de Trabalhos Históricos* que publicou até ao final da sua vida. O *Boletim* tinha como objectivo divulgar os fundos documentais do Arquivo e dar a conhecer não apenas as suas actividades como os trabalhos dos investigadores e historiadores locais e nacionais.

Eduardo de Almeida nasceu em 3 de Fevereiro de 1884 na cidade de Guimarães e Alfredo Pimenta, a 3 de Dezembro de 1882, um pouco fora da cidade, em Penouços, São Mamede de Aldão. Receberam a mesma formação de base e universitária: feita a instrução primária na cidade que os viu nascer não mais se perderiam de vista e a vida levou-os a construir uma amizade perdurável. Lendo páginas de Alfredo Pimenta em que, por alturas dos seus quarenta anos, dá conta da sua própria biografia encontramos as seguintes referências a Eduardo de Almeida[1]:*"Quando há trinta e cinco anos, eu moía a paciência àquele meu admirável professor de latim que se chamou Cónego José Maria Gomes e que vive perene, na minha Saudade e na minha gratidão; quando há trinta e cinco anos eu, todos os dias, subia o calvário que ia da minha casa para o Beringel onde ficava o Colégio de São Nicolau, a auferir como diria o desventurado Pad Zé, o elemento espiritual que emanava da Gramática latina do Madvig ou das páginas arrelientas do Tito Livio – consumia-se no mesmo labor, mas do outro lado da vila, uma criança da mesma idade e do mesmo tamanho, meu vizinho de rua, - e que, poucos anos volvidos, seria meu camarada, meu amigo como irmão; eu no*

[1] Alfredo PIMENTA, *Páginas Minhotas*, Organizações Bloco, Limitada, Lisboa, 1950, pg53,54 e Páginas Minhotas, (2ª Edição), Opera Omnia, Braga, 2007, pgs.75,76.

colégio de São Nicolau, com o Cónego José Maria Gomes a fazer de tirano; ele no Colégio de São Dâmaso, tendo como símbolo de tirania, o Padre Hermano." Depois da infância, perfeitos os dezasseis anos, Almeida segue para Coimbra para cursar Direito, em 1900, onde, com o mesmo objectivo já se encontrava Pimenta, desde os seus dezassete em 1899: *"Nas vésperas da partida para Coimbra, quando já sacudíamos a poeira dos bichos de Liceu, e ensáiavamos a arrogância bisonha de caloiros da Marrafa – ele e eu perpetravamos – eu, escarranchado no Pégaso matreiro que parecia impedir-me algum dia, vencer a Quimera; ele desbastando o ébano misterioso duma Prosa prometedora (...) fomos para Coimbra, como conhecidos que se tiram, com simpatia, o chapéu (-...) e à sombra maternal da velha Torre maternal, a nossa amizade nasceu, cresceu, criou tronco, ramos, folhas, flores, e é hoje ameno refúgio para os nossos corações feridos, e para os nossos espíritos desencantados.(…)"* Posteriormente desempenham funções similares: por diversas vezes na 1ª República foram deputados e após as suas formaturas, Eduardo de Almeida foi chefe do gabinete do ministro da Justiça no governo de Bernardino Machado, Dr. Manuel Monteiro e Alfredo Pimenta, chefe de gabinete do ministro do Fomento, Dr. Aurélio da Costa Ferreira, no governo provisório de Duarte de Leite (1910). Abriram ambos banca de advogado, chegando a projectar um escritório comum no Porto, mas cedo Alfredo Pimenta percebeu que não era esta a vida a que aspirava. Depois de uma breve estada em Matosinhos, deslocou-se definitivamente para Lisboa e aqui procurou outros modos de se sustentar e à família que constituiu muito cedo (casou-se com 21 anos e aos 27 já era pai dos três filhos que teve): exerceu temporariamente a função de professor do liceu no ensino oficial e privado, dedicou-se inteiramente ao jornalismo de opinião e ingressou nos quadros do Arquivo Nacional da Torre do Tombo para onde o levou o seu pendor para a investigação histórica depois da confessada desilusão com a Filosofia. O seu temperamento e a sua concepção de vida orientaram-no para uma intensa intervenção politica, primeiro como republicano e depois como monárquico. Neste campo assumiu, contra a corrente, cargos políticos de responsabilidade. Por seu lado, Eduardo de Almeida com uma breve passagem por Lisboa e Porto, viveu a maior parte da sua vida em Guimarães e depois de ter participado nas Constituintes de 1911, desempenhou na sua terra natal actividades que lhe deram grande nomeada: no mundo da cultura, a direcção e a presidência da Sociedade Martins Sarmento e a publicação de romances e trabalhos etnográficos; na esfera da administração pública, a Administração do Concelho e a direcção do Internato Municipal criado logo após a implantação da República para os alunos do ensino liceal no então recém fechado Seminário Eclesiástico; na esfera profissional, o brilhantismo da sua advocacia foi por todos reconhecido.

Comungaram nos mesmos ideais republicanos depois de uma breve passagem pelo anarquismo socialista mas separam-se ideologicamente sem que isso afectasse as suas relações pessoais. Alfredo Pimenta em 1915 desiludido com a evolução da 1ª Republica e com a reacção violenta dos republicanos à tentativa de Pimenta de Castro

para impor uma ditadura, aderiu, em confissão pública, à monarquia[2] que nunca mais abandonou até ao final da sua vida; Eduardo de Almeida manteve-se fiel aos ideais republicanos mas desinteressou-se da actividade política devido à instabilidade para que se arrastava a República, sobretudo depois do consulado sidonista, da revolta dos monárquicos em Monsanto (1919) e da noite sangrenta do 19 de Outubro de 1921.

Estas tomadas de rumos diferentes não os levaram a afastarem-se e foram-se acompanhando com maior ou menos frequência ao longo das suas vidas, cimentados pela amizade estruturada nos tempos de Coimbra e que a similitude de interesses e funções no domínio da cultura não deixava apagar.

No arquivo particular de Alfredo Pimenta, na parte relativa ao espólio epistolar[3] encontram-se 81 cartas que Eduardo de Almeida lhe endereçou desde os seus tempos de estudantes de Coimbra até praticamente ao final da vida do destinatário isto é de 1901-2 a 1950. Distribuem-se irregularmente pelos anos embora a sua frequência só a partir de 1933 diminua drasticamente.

Estas cartas têm o interesse da sua abrangência que é vasta e profunda: além de se estenderem ao longo de 50 anos e reflectirem os anseios dos três períodos fundamentais da vida pessoal – a juventude, a maturidade e o ocaso com os seus projectos, sonhos, desilusões, os seus temas levam-nos para as suas criações literárias acompanhadas dos entusiasmos e angústias que o processo de criação suscita, para assuntos que dizem respeito à gestão das duas importantes instituições culturais de Guimarães já citadas, e às burocracias, actividades e tomadas de posição frente a personalidades da terra, à resolução de problemas delicados como a criação do Arquivo Municipal que amputava a Sociedade da sua guarda e que era entregue precisamente a Alfredo Pimenta e outros ainda de natureza familiar e social.

Embora nesta colecção existam apenas as cartas de Eduardo de Almeida, o seu teor ilustra tanto o seu modo de ser, de pensar e de reagir perante as vicissitudes da vida como os anseios, as realizações e desilusões de Alfredo Pimenta. Nelas estão retratados o seu autor e o seu destinatário e a profunda simpatia e amizade de Eduardo de Almeida por Alfredo Pimenta e a deste por ele, por reflexo. Nos textos das missivas que aquele assina e que este, em textos vários corrobora, verifica-se o mútuo apreço e amizade. Tornam-se assim importantes para as suas biografias como contribuem para a apreciação da vida cultural de duas zonas como a Coimbra estudantil no arrancar do século XX e Guimarães na sua 1ª metade. Permitem-nos observar as articulações de

[2] Alfredo PIMENTA, *A Questão Politica (Commentarios por A.P.)*, França & Arménio-Editores, Porto, 1915 e *A Solução Monarchica (Commentarios por A.P.)*, ed. do autor, Porto, 1915

[3] Na posse do Arquivo Municipal Alfredo Pimenta, em Guimarães a partir de 2005 por doação da sua Família

ambas com horizontes mais vastos tanto nacionais como o que se colhia no estrangeiro. Aliás, verifica-se nesta correspondência a função de "actualizador"[4] que o "lisboeta"[5]Alfredo Pimenta com o seu acesso às novidades bibliográficas desempenhava junto de Eduardo de Almeida que dele se socorria quando necessitava.

Mas, principalmente, estas cartas têm aquele sabor assinalado por Pedro Salinas[6] ao analisar a inovação que a carta introduziu na esfera das relações humanas quando, no século XIX, o seu uso se intensifica graças aos progressos do sistema postal. Elas deixam transparecer a específica confidencialidade considerada por este autor característica original na arte do "*cartear-se*" que, na sua opinião sempre expressa com aquela graça que a sua escrita tem, não é o mesmo que conversar. A prova da diferença estará, aliás, no neologismo *cartear-se* que se distingue de conversar. Na carta, quem a escreve, não tem o destinatário na sua frente – o que tem é a versão da pessoa a quem se dirige e que tem a feição de recordação, imagem, alma. A carta, não é como o Diário, um solilóquio: ela exige o círculo social mínimo – duas pessoas – esgotando desse modo a sua função: mensagem de quem a escreve para quem a lê, directa, sem olhos estranhos, sem nada entrecruzado. A sua privacidade não implica solidão, mas partilha. Salinas, evoca Gustavo Llansón, analista do acto epistolar e conta-nos como ele descreve o autor da carta quando se prepara para a iniciar. Na sua opinião, o emissor procura captar uns instantes da sua própria vida, num meneio da alma, Narciso involuntário, debruçado sobre a folha de papel, contempla-se a si próprio, caindo desse modo no equívoco do destinatário que em primeiro lugar é afinal ele próprio. Explorando esta ideia, imagina quantas vezes se verteram pensamentos no papel como lágrimas pelas faces, por puro desabafo da alma, destinadas sobretudo ao consolo do próprio autor. Encontra nesta formulação a forma "privada, privadíssima da carta".

Na sua análise, Pedro Salinas salvaguarda a probabilidade dos autores das cartas, embora dirigindo-se a uma pessoa determinada, incluírem o propósito de as destinarem ao público, talvez não conscientemente, mas levados pelas leis misteriosas da beleza da linguagem seguindo o prurido de bem escrever. Podem deste modo resvalar da carta privada para a carta com intuitos de publicidade o que não deixa de ter consequências como a transformação do destinatário em personagem literário, em figura de ficção, desenquadrado que foi da sua qualidade de carne e osso, situado num espaço e num tempo.

[4] Eduardo de ALMEIDA, cartas a A.P.

[5] Alfredo Pimenta fixa residência em Lisboa a partir de 1910

[6] Pedro SALINAS, *El Defensor*, Alianza Editorial, Madrid, 1967

Não é este o caso da epistolografia de Eduardo de Almeida dirigindo-se a Alfredo Pimenta. Ela inclui-se na categoria da carta privada, privadíssima. Corresponde à necessidade de se colocar a si e ao destinatário frente aos trâmites da sua vida prática e intelectual e das decisões acerca do sentido a dar à sua vida. E por isso estas cartas encontradas no espólio epistolar de Alfredo Pimenta além de, pelo seu teor, desenharem também o percurso biográfico de Alfredo Pimenta, serem elemento valioso para entendermos as circunstâncias destas duas personalidades inquietas que não se furtaram ao esforço de procurar na cultura a orientação para a resolução dos seus problemas pessoais no intercâmbio com as suas circunstâncias.

As peças encontradas neste espólio são em número de 81 das quais 22 não têm data ou apenas incompleta e é por aproximação que as situamos no tempo, por relação a temas ou factos que evocam ou com base nos carimbos dos Correios. Três, com a indicação de terem sido escritas em Coimbra em 2 e 11 de Março e 19 de Maio, serão provavelmente de entre 1901(?) e 1903 ;duas já datadas de Guimarães, (18 e 2 de Julho) serão possivelmente do ano lectivo de 1904-05, quatro serão de 1905-06, (respectivamente, 10 de Julho, 19 de Agosto redigidas da Póvoa do Varzim e duas outras, de Guimarães em 25 de Setembro e 30 de Dezembro); do ano lectivo de 1906-07 encontramos duas; de 1908, serão as três que indicam as datas, respectivamente, de 23 de Abril, 9 de Junho e 7 de Dezembro, também de Guimarães, sem ano.

Há mais 8 que não apresentam data mas que serão, 1 em 1924, 1 em 1925 pelo carimbo do envelope; e 5, certamente escritas em 1927 e 1930 pelos factos que revelam ou deixam advinhar.

As restantes têm a data completa: uma em 1904, uma em 1905, uma em 1909, cinco em 1922, seis em 1923, nove em 1924, dez em 1925,cinco em 1927, três em 1929, seis em 1930, uma em 1931, seis em 1932 e nos anos de 1933,1934,1935,1944 e 1950, uma, respectivamente.

Na sequência desta colecção que termina em 1950, verifica-se um intervalo de 1909 a 1922. As cartas que não têm data e que, por aproximação tentámos situar, não parecem ser deste período. A que retoma a continuidade da correspondência que temos é de 20 de Fevereiro de 1922 cujo conteúdo nos impede de concluir pela interrupção da correspondência e tão só pensar na possibilidade da sua perda: Alfredo Pimenta em 1910 muda a sua residência para o Dafundo e depois para a Rua de Pedro Nunes, mais no centro de Lisboa. Será esta a hipótese mais provável para explicar tão grande hiato na sequência da correspondência que está em nosso poder.

Circundando alguns questões nelas versadas, existem no espólio da correspondência para Alfredo Pimenta, cartas de outros vimaranenses ilustres como Alberto Vieira Braga[7] e A.L de Carvalho[8] que desempenhando funções na Sociedade Martins Sarmento e na Câmara Municipal, fornecem dados esclarecedores sobre esses temas.

Nas cartas de Eduardo de Almeida perpassam os tempos de estudantes de Coimbra (1901-1904), com as clássicas aflições dos pedidos de dinheiro, os anseios das realizações afectivas, os projectos de revistas literárias para refundar o mundo de acordo com os credos aprendidos nos pensadores da sua época. Com Gonsalo Meira[9], Rodrigo Pimenta[10] e Abel Cardoso[11] e o próprio Alfredo Pimenta, Eduardo de Almeida planeia fundar uma revista convicto "*que um jornal, se tiver a guia-lo um firme propósito e se robustecer em regras exactas de lealdade e justiça, é um dos mais directos e genericos meios de elevar pelo ensino a miseria humana, buscando o triumpho seguro, na evolução politica dos nossos ideais (…)*" (carta de 30 de Dezembro sem indicação de ano).

O embate dos ideiais e certezas com a realidade que marca a entrada na vida prática (1905 1909), mantendo todavia a esperança e a energia de contribuir para o bem comum são trama desta correspondência em sequencia cronológica.

"Tu não conheces, tu não sabes, por mera intuição e sem engano "todas as bellas asperesas, todos os grandes preconceitos, todas as feras e todas as pombas" da vida pratica. Fazes simplesmente romance triste e o que te anceia como demasiada angustia e como a agonia culminante não é senão um segundo bem ephemero, desespero quasi esquecido, gota das lágrimas que se choram. Os clamores torturados do cerebro amesquinham-se quando os confrontamos com as dores reais, sam phantasmas poéticos da miséria positiva. As ideas esmagam-se no distender infernal dos sentidos. Eu que tanto

[7] Alberto Vieira BRAGA, n.1892, m.1965, natural de Guimarães, escritor, etnólogo, da Associação dos Arqueólogos Portugueses, do Instituto Português de Arqueologia e História, da Sociedade Portuguesa de Antropologia e Etnologia, do Instituto Geográfico e Histórico da Baía, várias vezes Director da S.M.S. e da *Revista de Guimarães*, autor de uma vasta e conscienciosa obra de investigação

[8] António Lopes de CARVALHO, n. 1881,m-1961.natural de Guimarães, Director da S.M.S.. do semanário republicano *Alvorada*, membro da Junta Geral do Distrito, presidente da Comissão Administrativa de Guimarães e da Cantina Escolar Vimaranense, estudioso dos Mesteres de Guimarães de que publicou 8 vols. entre 1939 e 1952, assim como de histórias e curiosidades desta cidade.

[9] Gonsalo Monteiro da Meira, bacharel em Direito pela Universidade de Coimbra, filho do Dr. Joaquim de Meira e de D. Adelaide Sofia Monteiro de Meira, cunhada do tio e tutor de Alfredo Pimenta, Silvestre Pimenta; o Dr. Joaquim de Meira pertenceu ao Conselho de Família de Alfredo Pimenta durante a sua menoridade.

[10] Rodrigo Pimenta, 1885-1959, bibliófilo, arquivista, bibliotecária da Sociedade Martins Sarmento e do denominado Arquivo Municipal de Guimarães até 1951, onde também exerceu as funções de Director não nomeado depois da morte de Alfredo Pimenta, seu irmão, autor de estudos bibliográficos, erudito.

[11] Abel Cardozo, 1877,m.? pintor vimaranense, com formação na Academia das Belas Artes de Paris, autor de frescos na fachada principal do edifício da Sociedade Martins Sarmento, professor na Escola Industrial e Comercial Francisco da Holanda (Guimarães) e na Escola Afonso Domingos (Lisboa), irmão do coronel Mário Cardozo.

phantasiara sobre a dêbacle humana e me arregimentara na revolta decidido a lutar, desci a esta noite e apavorei-me. Os meus olhos e os meus ouvidos, o meu coração e o meu cérebro, alongaram-se, prescutaram, bateram como se um mundo novo surgisse do fundo dum cálice de absynto a gemer num vento de tempestades. A minha cegueira viu, a minha surdez ouviu e o meu sangue gelou-se. Os evangelistas em que eu me fora educar, abandonaram-me. Procurei-os de novo. Folhei-os avidamente e na anatomia das letras eu encontrava somente cadáveres de prophecias, sonhos honestos de ócio, palavras redundantes. – Que queres tu que eu faça, Kropotkine? A vida é má. O capitalista rouba o operário. És advogado? Pois sabe que os códigos beneficiam o burguez. Se tens alma segue-me." (…) "O embaraço maior do nosso credo está em realisa-lo. A mais pequena idea accionando constitue, à face dos códigos e na consciencia dos burgueses, a propaganda pelos factos. Escuta-me bem, Alfredo. Eu entrei na vida, nesta outra vida, com a mesma força, a mesma convicção e o mesmo empenho. Os desastres morais não me intimidam – estimulam-me. Se tu me conheces a valer, não sonhes sequer que seja possível transformar-me ou que um jornal te surprehenda com a noticia da minha candidatura a deputado. Não é questão de brio ou de honestidade; é a lógica de um temperamento. A minha psychologia não se altera. Pode por inadaptação, enfermar mas nunca descair. É por isso que antigamente os heroes morriam nas fogueiras. Vagarosamente, porque não se caminha depressa na cidade, ir-te-hei noticiando a obra. Principiei-a, como pareceu razoavel, por mim próprio. E, quando foi permittido pelo statu quo, libertei-me do cativeiro económico. Duma conversa com o meu Pai resultou que eu,do dia 1 de Outubro, ganho, não recebo, a titulo de filho familia rendas para extravagancias. (…)".[12]

O tormentoso dilema de pactuar com o sistema ou romper com ele não se esgota para os dois correspondentes nesta fase da entrada na vida prática. Mantem-se ao longo das suas vidas como o atestam as suas biografias e será lapidarmente formalizado por Alfredo Pimenta décadas depois deste período da correspondência numa breve e cintilante frase em que ele confessa: "*tinha diante de mim uma vida ingrata, áspera, dura a formular constantemente o dilema trágico: ser vencido ou ser vendido. Diferença de uma letra – mas diferença infinita. Escolhi o ser vencido e a Vida venceu-me*".[13]

A *accolade* académica ia-se transformando em companhia profunda. Em carta de 11 de Janeiro sem indicação de ano, mas do período de entre 1905 e 1907 há uma carta lindíssima em que Eduardo de Almeida "corre" em auxílio do Amigo entregue a angustiosa crise como se depreende do texto:

«(...) teu irmão veio a correr e muito aflicto ler a carta em que, como derradeira talvez, lhe exigias que nada revelasse ao Eduardo e ao Gonsalo. Cumpriu elle o seu dever e não cumpriste, meu infeliz, o teu com tal prohibição. Eu desculpo-te e vou responder-te, não com a farta rethorica que me seria facil adquirir para acompanhar as tuas lágrimas e a arte superior da

[12] Eduardo de ALMEIDA, carta de a A.P., 25 de Setembro, s/ano, (1905?)

[13] Alfredo PIMENTA, *A Propósito de António Sardinha*, ed. de Autor, Lisboa,1944,pg.11

tua carta, mas servindo-me d'aquella serenidade ajuisada de que me pareces necessitar. E lamento, quero confessar-to, que me coagisses ao dever de te chamar...pusilanime. Isso que intentavas fazer era uma cobardia indigna do teu caracter. «Estou certo que escreveste aquelle testamento num momento de desespero e excitação cerebral. Viste a miseria em lugar de experimentares a força dos teus musculos, viste a pacata inercia do tumulo, como um burgues pullido, quando puderias inquirir do valor da tua intelligencia e da utilidade dos trabalhos que produzes. Achas commodo, e quem o negará? um ridiculo tiro de pistola, tu homem positivo, leitor de Comte, idealista avançado, tu que guerreaste com denodo, tu que aconselhaste o sacrificio humano para a redempção humana! Que te importa a mulher e a filha na vaga embriaguez do repouso, que é o teu sonho doirado nesta hora febril? Tu vais, tranquillamente retratado nos periódicos, com necrologia de Theophilo e romaria de operários, dormir o bom somno dos invalidos. Abandonas a luta – abandonando (?) – àquella a quem juraste amor e tomaste nos teus braços e ao fruto desses beijos. E vais, com um acto de estupida vaidade e criminosa fraqueza, desmentir a honestidade da tua vida e das tuas obras. Porque se o fizeres, has de ouvi-lo do amigo que salvaste numa hora egual, eras um desonesto e um criminoso, para quem se iria buscar à pathologia a desculpa e a irresponsabilidade. «Tu viverás Alfredo, e eu não creio no que li mais do que o tempo bastante a furtar-me à impressão da tua prosa e dos teus desvarios. Trabalha porque esperança. Teu amigo, Eduardo d'Almeida.»[14]

Alfredo Pimenta entrou mais tarde que Eduardo de Almeida na chamada vida prática porque se enredou na dispersão que o ambiente coimbrão proporcionava como palco de experiências sensitivas e intelectuais a todos aqueles jovens que ali chegavam para alcançarem um grau académico. O escritor Augusto de Castro, contemporâneo de ambos e seu companheiro de estudos, enquadra Alfredo Pimenta na tertúlia de Coimbra, anos depois da sua morte, em artigo comovido do *Diário de Notícias* de que foi director: *«Conheci-o em Coimbra – de capa e batina, mas já com um grosso volume de livros debaixo do braço, monóculo em riste, sempre a discutir. Tinha já a mesma alma de criança que nunca perdeu – de criança de mau génio, travessa e entusiasta. Era um exaltado liberal, como mais tarde foi um exaltado conservador, porque, tudo o que ele foi, foi-o com excesso de exaltação. Usava as convicções como a cabeça - ao vento. Era um discípulo de Malarmé, passeava Baudelaire pela Couraça dos Apóstolos e, de noite, no Largo da Feira ou no Choupal, esmagava Coimbra e os Lentes com estrofes de Verlaine e apóstrofes de Karl Marx (...) Coimbra era nesse tempo, em Portugal, não uma cidade, mas um estilo de vida. Aqueles que por lá passavam e tomavam ordens no Quebra-Costas e no Penedo da Saudade traziam sempre nos olhos e no espírito a Porta Férrea e o Choupal. Criava-se lá uma escola de amigos que nunca mais se perdia. Elegiam-se hábitos, ideias e lirismos, que, depois nos acompanhavam naquilo que então se chamava "a vida prática", porque a "vida teórica" era em Coimbra (...)». «No nosso tempo - dele e meu - o estudante coimbrão tinha dois vícios: a discussão e a guitarra. Ambos eles se exerciam até altas horas da madrugada - com trinados de luar e de garganta. Discutia-se e cantava-se aos berros. Pior para quem dormia! Enquanto nós debatíamos o Leroy-Beaulieu, a filosofia de Kant ou Oscar Wilde, D. Afonso Henriques ou a sebenta do dr. Calisto; enquanto dedilhávamos os arroubos do Parnaso ou suspirávamos rimas às tricanas, ninguém tinha o direito de ressonar. Acordar o burguês – que lá chamávamos desdenhosamente «futrica» –, alarmar os ecos da noite e as insónias do indígena eram os sagrados direitos da Polémica e da Poesia.(...)»*[15].

[14] Eduardo de ALMEIDA, carta a A.P., 11 de Janeiro s/ano (1906-1907?)

Enquanto Alfredo Pimenta continuava em Coimbra e o seu curso se estiraçava lento devido às inúmeras actividades a que o seu espírito inquiridor o levava, Eduardo de Almeida cumpria devidamente os seus estudos terminando a formatura no tempo próprio. É aliás Alfredo Pimenta que nos conta retrospectivamente essa diferença de ritmos nas suas crónicas de *A Voz* a que deu o título de "*Páginas Minhotas*" e que seriam reunidas e publicadas postumamente em livro com o mesmo título: "*quando no fim desse ano, ou nas férias do Natal do ano seguinte, regressamos a Guimarães, ele a descansar dum trabalho proveitoso, eu ,a sofrer as consequências duma triste mocidade de órfão sozinho (…)".*[16]

Por isso em carta com a data de 18 de Julho (s/ ano) Eduardo de Almeida pode escrever ao Amigo: "*Ando a praticar no escritório do Dr. Marques. É um intelligente e um honesto, sabes? Receio o futuro e quero ganhar o meu pão (…)*" Mas o peso da vida socialmente adulta faz-se sentir: "*A cidade mata-me. Estes ares, esta vida, o eterno fervilhar de tanta podridão domina-me e esgota-me. Sou um foragido, sou como que um criminoso que deseja ardentemente a Verdade (…)*".

Alfredo Pimenta, ainda em Coimbra, já no término do seu curso pensa em ir para Moçambique, no que é dissuadido pelos conselhos amigos de Teófilo Braga.[17] Mas em 1908 conclui os seus estudos depois da retumbante greve académica de 1907 em que ele participa integralmente. Constituíra família, publicara dois livros de versos que viria a repudiar,[18] tenta a advocacia para a qual descobrirá não ter vocação, funda um jornal, colabora em vários, instala-se em Matosinhos, dá à estampa ensaios de doutrinação política.

Nos anos de 1908 e 1909, três cartas que, com datas mais precisas, reflectem os passos mais seguros de quem realiza o seu caminho já sem os titubeios das escolhas juvenis. Em 1908, Alfredo Pimenta concluída a sua formatura, procura abrir banca de advogado no Porto, com Eduardo de Almeida ,[19] mas desiste. Funda o jornal

[15] Augusto de CASTRO, "O Monóculo de Alfredo Pimenta", *Diário de Noticias*, 5 de Janeiro de 1958

[16] Alfredo PIMENTA, *Páginas Minhotas*, op. cit[a], pgs.54 e 76, respectivamente 1[a] e 2[a] ed.

[17] Alfredo PIMENTA, Memórias Inéditas da Casa da Madre de Deus, Guimarães

[18] Alfredo PIMENTA, *EU*, Typographia Democrática, Coimbra, 1904, e *Para a Minha Filha*, Typographia Democrática, Coimbra, 1905

[19] Mário CARDOZO, Eduardo de Almeida (1884-1958), *Revista de Guimarães*, vol. LXVIII, pg.8-35, ed. Sociedade Martins Sarmento, 1958

O Debate[20] e já em Matosinhos onde se instalara e se mantém até 1911, nasce-lhe uma filha[21] que se junta aos dois[22] que já tinha. Em 1908, publica *Factos Sociais*,[23] depois de ter publicado *A Mentira Monárquica*[24] e o *Fim da Monarquia*.[25] Ao primeiro destes livros, editado pelo Centro Republicano de Coimbra, este partido apõe a seguinte nota: "*Ao publicar este trabalho do Sr.A. P., o Centro não está a alimentar vaidades pessoais, apenas a manifestar a vontade de contribuir com todas as suas forças para a reorganização nacional baseada em princípios científicos e progressivos*". Evoluíra do socialismo libertário para o republicanismo conservador.

Todos estes passos são acompanhados por Eduardo de Almeida que, instalado em Guimarães entregue à sua vida profissional e tendo publicado o romance *Na Lama*[26] se vê escolhido para membro da Direcção da Sociedade Martins Sarmento para o triénio 1908-1910. Em 23 de Abril de 1908, este novel director redige uma sugestiva carta que permite depreender que entre os dois amigos teria havido um período sem noticias, coisa que acontece quando o afazer imediato da Vida absorve tão completamente que não deixa tempo para a troca habitual das experiências, às vezes com as pessoas que estão nas mesmas terras, quanto mais com aquelas que estão em terras diferentes. Assim, esta carta que começa pomposamente «*Alfredo Pimenta*» e que demonstra o estilo vivíssimo de Almeida: «*Suponho que és vivo ainda. Concordo em que seja uma hypotese muito arriscada, mais talvez do que o povoamento ou não povoamento lunar, a que me agarro todavia pelo infinito prazer que me causaria este único facto excessivamente simples - de que tu, meu caro Alfredo Pimenta, resides ainda no bairro de S. José, nº 35, da cidade de Coimbra, e ahi resides em corpo e alma tal como te conheci ha 3, 4, 5, 6 e 7 anos.*

«Prosseguindo nesta phantasia, a da tua vida, permite-me que a abrace efusivamente...espiritualmente por causa de tantas léguas que separam os meus braços do tronco de que és proprietário e os meus labios da face cujo dominio directo possues mas cujo alienaste. De mim apenas te quero offerecer uma novidade enorme – é que vivo - também? ainda aqui neste esriptorio da rua Gil Vicente e em minha casa na rua do dr. José Sampaio.

«Agora caes tu (lembra-te da hypotese) pesadamente em meus braços, felicitando-me - pois que? - por esta inefavel delicia: sermos ambinhos, tu e eu, eu e tu, vivissimos & Cª. Ora que ? !Então que tens feito? Boa ?, hein? Este Alfredo Pimenta, quem o havia de dizer, sim - quem havia de dizer ha 3,4,5,6 e 7 anos, que na segunda feira da paschoela de 1908, pelas duas da

[20] *O Debate*, Semanário fundado em Matosinhos, por Alfredo Pimenta com Hernâni G. de Mello, dirigido pelo primeiro.

[21] Maria Gracinda Pimenta, (n.1911-m.1991), natural de Matosinhos, morreu em Lisboa

[22] Maria Adozinda de Carvalho Pimenta, pelo seu casamento, de Sousa Monteiro (n.1905 – m.1988) e Alfredo Manoel de Carvalho Pimenta (n.1907-m.1989) ambos naturais de Coimbra e falecidos em Lisboa

[23] Alfredo PIMENTA, *Factos Sociais – Problemas de Hoje – Ensaios de Philosophia Critica*, Livraria Chardron, Coimbra, 1908,

[24] Alfredo PIMENTA, *A Mentira Monarchica – Analyse do Momento Actual da Politica Portuguesa*, Typographia Democrática, Coimbra, 1906

[25] Alfredo PIMENTA, *O Fim da Monarchia*, Typogfaphia Democrática, Coimbra, 1906

[26] Eduardo de ALMEIDA, *Na Lama*, Coimbra, 1905

tarde, ceu brusco e vento pouco fagueiro, o havia de encontrar ainda vivo e féro, as suas lunetas, a sua gravata, o demónio das suas botas, elle no bairro de S. José,nº 35 e eu na rua de Gil Vicente! E inteirinho...os braços, as pernas, o cerebro etc., e etc. ,pois não é verdade?...Co' os diabos - abracemo-nos outra vez; com mil raios jupeterianos - venha o osculum pacis.
Mas falla pr'ahi ,hombre ,desembucha .Dois filhos - que me dizes? Um (deixa-me contar pelos dedos) e um = dois. Ora este Alfredo, o Alfredo Pimenta! Pimenta & Filhos! Eu sei, lá isso vi-o nos jornais - que estavas o sucessor do Teophilo, que eras o rapaz mais sabedor de toda a Coimbra, que ias deitar cá fora uns "Factos Sociais", que fazias o quinto anno em direito, que eras uma e a maior das esperanças da mentalidade portuguesa. Enfim, tantas coisas que eu perguntava a mim o que o outro a si mesmo perguntava da razão- Este Alfredo Pimenta (& Filhos, Sucessor) será o meu Alfredo Pimenta? E eras tu, caramba!, tu mesmo, tu proprio, sem outro Eu além do EU que publicaste em verso, in illo tempore... Perdoa a lágrima enternecida que brilha em meus olhos, mas de comoção. Isto de a gente se voltar a encontrar depois de 3,4,5,6 e 7 annos não acontece todos os dias...Pois não é verdade que vamos caminhando pelo mundo separados: porque tu vais elevando-te até os que admiras e eu, que te admiro, para me aproximar de ti seria obrigado a uma larga viagem no comboio e a subir as ingremes ladeiras que vem até ao bairro de São José nº 35 e não obstante semelhante aproximação era exclusivamente physica!

«Adeus o tempo foge. Dás-me um abraço e outro, e escuta, mas attende que a voz extingue-se no veu da saudade pela magua em voltarmos a desencontrar-nos e a morrer um para o outro – escuta – ahi pello verão, quando acabares a formatura vem com a petisada (a Cº) a descansar uns dias à minha casa na rua dr. José Sampaio (...)».

No ano seguinte, congratula-se com o facto de Alfredo Pimenta ter fundado o jornal: *O Debate*. Em carta de 20 de Janeiro de 1909, em papel timbrado com o seu nome e a sua profissão, escreve: *«Meu caro Alfredo, tanta coisa para te dizer...*

«Estou admirado. Tens um jornal! Parabens. Isto vai magnificamente. Só esqueceste-te de que sou pobre, mais pobre do que tu, e estava ahi bom ensejo de ganhar um pouco a minha vida. Não desanimo porque confio em ti. Vê lá se tu arranjas qualquer trabalho remunerado no jornal. Umas chrónicas literarias e scientificas a 2.000 reis cada - tão pouco! -, ou umas cartas de inteira responsabilidade propria em que diariamente for analysando os factos da vida portuguesa ou estrangeira, baratinhas, mesmo a quinhentos reis cada uma. O pão de vida, enfim, que diabo! Eu vou para ahi com 500.000 de divida e nem 10 reis até agora seguros.

«Lembra-te d'isto - que sou teu irmão. És só director politico? Que importa - falla, mexe-te, paciencia e coragem. Se não conseguires, tanto peor e vamos adeante. Mando-te o folhetim. O jornal é diário? O romance está incompleto mas eu acabo...Responde já. O folhetim é gratis? As outras coisas ficam para amanhã. Teu do coração (...)». E em 7 de Dezembro, de ano não identificado, mas que tem de concluir-se por 1908 ou 1909, Eduardo de Almeida em carta já citada, manifesta a sua alegria pela possibilidade de Alfredo Pimenta se juntar a ele no seu escritório de advogado e oferece-se para o defender numa querela que ele tem com a senhoria: «*(...) Olha lá - eu quero ser o teu advogado,*

como desejo que tu sejas o da Voz Publica.[27] *São as nossas estreias (eu a defender-te! Calcula o que direi...Declara já, já na Voz Publica que eu me offereci, claro que gratuitamente, de todo o coração para te defender a ti e não consinto que alguem mais te defenda. Eu sou o teu amigo, eu sou o teu companheiro - quem, senão eu, pode ser o teu advogado?(...)»* E entusiasmado, comenta a ideia dos dois partilharem o mesmo escritório: «*(...) Eu que te disse - não é só uma sociedade de advogados, é a fraternidade intellectual, moral e affectiva(...)».*

Alfredo Pimenta ia evoluindo no seu pensamento acerca das coisas e do mundo. Do anarquismo socialista amadurecia no positivismo. Ele próprio, numa retrospectiva interessante e emocionada, que intitula *Evolução dum Pensamento*[28] perante uma plateia juvenil na Universidade de Coimbra, em 1935, conta que, chegado a Coimbra com os seus verdes dezasseis anos, fora 'colhido' pelo anarquismo aristocrata ou aristocratismo anarquista (sic), caldeado pelas leituras de um ›› *Carl Schmidt, de um Bakounine, um Jean Grave, um Kropotkine, um Malato e Tutti quanti*››, da qual se fora libertando, por contacto com a filosofia de Comte: *«um dia, nas suas leituras, foi-lhe chamada a atenção para certos principios ou dogmas de A. Comte. (...)* Estudou esta filosofia cuja influência foi fundamental. E o resultado foi o encontro com o republicanismo como solução politica e sociológica para o seu país. É então que surge a publicação do livro que merece o comentário de Eduardo de Almeida em carta de 9 de Junho de 1908(?): *Factos Sociais (– Problemas de Hoje) – Ensaios de Philosophia Critica*[29] –, dedicado a Carolina Michaelis. de Vasconcelos, com prefácio de 15 de Novembro de 1906. O prefácio é uma declaração de intenções. O Autor situa-se dentro daquilo a que se poderá chamar a dinâmica das gerações teorizada por Ortega y Gasset[30] quando analisa a "mudança dos tempos" pela dinâmica das gerações na sua sucessão "cumulativa ou oposta" conforme o carácter conservador ou revolucionário que entre si apresentem. Vê nesta inter-relacionação o "gonzo da História". Com efeito no seu prefácio, Alfredo Pimenta do alto dos seus 24 anos, afirma a sua libertação das peias metafísicas e teológicas de uma educação atrasada e de uma instrução indisciplinada e a assunção à serenidade mental e moral que só um critério científico pode dar (sic): «*A disciplina de intelligência levando-nos ao conhecimento concreto dos phenómenos e das leis, e a orientação moral à consciência do nosso lugar na epocha actual, produzem o amor à verdade e a vontade de ser útil (...)»*, e mais adiante: *«não temos a pretensão de crear systemas ou impôr originalidades. Nem o critério que procuramos seguir, no-lo concede. Demais é bem verdade a máxima de Vauvernagues: "é mais fácil dizer coisas novas que conciliar as que já foram ditas"».* Então qual será afinal o seu propósito e a filosofia com a qual vê o mundo e se situa nele? Esclarecendo, escreve: «*A nossa intenção? O nosso fim? Elle explica-se por estas palavras de Littré:*

[27] *Voz Publica*, jornal dirigido por Sampaio Bruno; os artigos de Alfredo Pimenta escritos neste jornal foram reunidos no seu livro *Estudos Sociológicos* ,Centro de Publicidade Editor, Lisboa, 1913, com prefácio de Teófilo Braga

[28] Alfredo PIMENTA, *A Evolução dum Pensamento (auto-biografia filosófica)*, Biblioteca da Universidade, Coimbra,, 1935

[29] Ver nota 20

[30] Ortega y GASSET, *En Torno A Galileo,* Revista de Occidente, S.A. Madrid, 1959

«todo aquelle que, pouco que seja, augmente a somma de positividade nos espíritos, trabalha no sentido geral da civilização e presta um serviço social». Imediatamente Eduardo de Almeida comenta com alvoroço: «*Felicito-te com todo o meu coração pelo novo trabalho – em que se vê prometes destinar as tuas forças a qualquer coisa de bom e útil a favor da sociedade humana. Há n'isto o reconhecimento do que puderes fazer em meu bem, no dos meus filhos e no dos outros que compõem os meios em que eu e elles somos e viremos a ser chamados a viver.(...)»* E depois de uma apreciação critica, termina: «*O teu livro illucida e ensina...É produto de longos estudos em que se adquiriram muitos conhecimentos; de uma vontade forte e de uma honestidade segura. Trabalhando sempre, hei-de ver o teu nome ligado a uma verdadeira obra. Esta é de crítica. A outra será de reconstrução. O que não significa que n'ella se não desenhe já o esboço perfeito da outra. Ahi o seu mérito(...)»*[31].Aborda assim o traço fundamental que caracteriza o trabalho intelectual de Alfredo Pimenta: a crítica e a construção.

Ambos não descuraram a actividade literária que se foi desenvolvendo a par das vicissitudes das suas profissões. O destinatário das cartas, no entanto, fará da actividade literária praticamente, a sua actividade profissional. Viverá da escrita. Depois da breve tentativa de abrir banca de advogado no Porto (1908) e de uma passagem pelo magistério no ensino liceal (no Passos Manuel, em Lisboa, 1911 a 1913), dedicar-se-á exclusivamente ao estudo e à publicação das conclusões e das interrogações a que chega acerca dos acontecimentos políticos, correntes literárias, problemas de crítica filosófica, estética e histórica de que resultou uma vasta bibliografia, esparsa em livros, jornais nacionais e estrangeiros. E quando por via da necessidade de uma estabilidade económica entra para os quadros do Arquivo Nacional da Torre do Tombo [32]onde ocupará as funções de 2° e 1° conservador e por fim, o de director, o que o prende é o trabalho de investigador tal como quando assume a direcção do Arquivo Municipal de Guimarães.[33]

Outro foi o percurso de Eduardo de Almeida. Não fará do trabalho literário a exclusividade da sua vida, embora lhe tenha dado uma larga parte como ocupação complementar do seu ganha-pão, como atestam esta correspondência e a sua bibliografia. Preencheu a vida com o exercício de alguns cargos públicos: deputado às Constituintes em 1911, advogado em que interveio em causas de grande brado, como um célebre caso que tratava de absolver um réu do crime de abuso de liberdade de imprensa, ou defender uma mulher acusada de filiocidio e com a gerência Banco Nacional Ultramarino. No entanto a actividade literária continuava a ser uma preocupação de que não

[31] Eduardo de ALMEIDA, carta a A.P., 9 de Junho, s/ano, (1908?), ano da publicação do livro de A.P.

[32] 1931,2° Conservador do Arquivo Nacional da Torre do Tombo,(D° do Governo,n°204,II série, de 4 de Setembro de 1931); 1947, 1° Conservador (D° do Governo,II série, n°304, de 31 de Dezembro de 1947);1949, Director do Arquivo Nacional da Torre do Tombo, (Diário do Governo, II série, n°17, 21 de Janeiro de 1949

[33] Director do Arquivo Municipal de Guimarães, por conveniência de serviço, Decreto publicado no D° do Governo, n°299, II série de 28 de Dezembro de 1931

desistia e realmente, da sua bibliografia que não é grande, constam alguns romances e novelas, uma peça de teatro, incursões no domínio da etnografia tão em voga na época, a par do jornalismo que atingia a grande e pequena imprensa do país. Em simultâneo desempenhava tarefas em que a sua vocação literária se podia espraiar entre as quais o seu labor na Sociedade Martins Sarmento, tornando-se colaborador activo na *Revista*[34].

Alfredo Pimenta, afastado da sua cidade natal pelos imperativos da sua vida, não a esqueceria e, sobretudo a partir desta época, começa a notar-se uma intensificação da correspondência de muitos vimaranenses assim como a reaproximação de Alfredo Pimenta a Guimarães e a vontade de vir até ela. Por um lado, nota-se o seu desejo de colaborar com a *Revista de Guimarães:* segundo a carta de Eduardo de Almeida de 21/10/1922, Alfredo Pimenta ter-se-á oferecido para fazer uma conferência na Sociedade, tal como sugerira a publicação das cartas de João de Meira[35] no número da *Revista* que iria homenagear o douto vimaranense; mais tarde, é ele que recebe o incitamento de Eduardo de Almeida: «*artigo para a Revista? - excelente. Manda*». [36]

Verifica-se também que deseja voltar a residir temporariamente em Guimarães, pois uma herança recebida de um Tio seu, permitia-lhe voltar à terra em que vira a luz do dia e onde passara a infância e a adolescência até ir para Coimbra e depois para outros horizontes onde faz a sua vida respondendo ao apelo da sua vocação: com pendor para o estudo e para a expressão através das belas letras, Alfredo Pimenta manifesta interesse pela 'res publica', tornando-se num activista entusiasmado em tudo que fosse política. Aliás, afirma um dia que «*não é vergonha nenhuma um intelectual interessar-se pela política; vergonha será depois queixar-se*». [37]

Nalgumas cartas de Eduardo de Almeida, já no ano de 1923, percebe-se o propósito de Alfredo Pimenta vir a Guimarães para o que necessitando de alojamento, o próprio Eduardo de Almeida lhe oferece a sua casa, sublinhando que o convite é só para ele, porque para toda a família não tem capacidade[38] e informa que o

[34] *Revista de Guimarães*, órgão da Sociedade Martins Sarmento, publica-se desde 1884, foi primeiro editada no Porto e depois em Guimarães. Esteve suspensa entre 1913 e 1920

[35] João Monteiro de Meira, n- 1881, m.1913, vimaranense, médico, escritor, professor de Medicina Legal, encarregue pela Sociedade Martins Sarmento de prosseguir a obra do Abade de Tagilde, *Vimaranis Monumenta Histórica*, não o tendo conseguido por falta de saúde. A.P. evoca-o sentidamente na ocasião da sua morte.

[36] Eduardo de ALMEIDA carta a A.P., 27/4/1924

[37] Alfredo PIMENTA, No Centenário do Abade Corrêa da Serra, "Cultura Estrangeira, Cultura Portuguesa", *Diário de Notícias*, 4 de Abril de 1950

[38] Eduardo de ALMEIDA, carta a A.P., 24/8/1924

D. José Ferrão [39] lhe oferecia hospitalidade.[40] Nos finais desta década, Alfredo Pimenta depois de vários trâmites burocráticos arranjaria então para si aquela que depois ficou a ser conhecida como a "Casa da Madre de Deus" em Azurém, frente à capela da Nossa Senhora da Madre de Deus de fora. Aqui passou a residir quatro meses por ano, de Julho a Outubro, ao abrigo das funções de director do Arquivo Municipal, cargo que desempenhava em comissão de serviço como conservador e director do Arquivo Nacional da Torre do Tombo.

Com a herança de três quintas no concelho de Guimarães, divididas entre as freguesias de São Pedro de Azurém e Atães, cultivadas de milho e vinha, arrendadas conforme os costumes do Minho, Alfredo Pimenta reata com a sua presença em Guimarães. No final da sua vida, evocando o passado, escreve: «*Quando tomei posse, há cerca de trinta anos, da Madre de Deus (...)ressuscitou em mim o velho amor pela terra em que nascera, e de que fazia parte a casa em que, pela primeira vez, abri os olhos à vida. A ausência de trinta anos não matara aquele amor, mas adormecera-o. E adormecido ficaria se a ausência não fosse interrompida. Os campos, os montes, os vales, os rios, os regatos, as árvores, as fontes, as gentes, as eiras, tudo cantou em mim aleluia, (...) porque de novo me senti minhoto e guimarense*».[41]

Em 1921 Eduardo de Almeida assume pela 1ª vez a presidência da Sociedade Martins Sarmento tornando-se editor e colaborador activissimo da Revista que conseguira relançar.

Ler era para si algo de muito importante: »(...) *tu bem sabes o que é ler, para nós,*» escreve em 27 de Maio de 1924: «*e como nós nos habituamos a ler*».Pede para Alfredo Pimenta lhe enviar livros para os trabalhos que quer publicar na revista da Sociedade e para os romances que quer escrever. É-lhe indiferente que sejam em francês, espanhol ou italiano. Confia no critério de Alfredo Pimenta. Mas precisa de «*um pouco de literatura, arte, religião, psicologia. O grande mal é não haver dinheiro para comprar o que apetece. Mas um poucochinho que liga a província ao mundo*». Escrever é para ele, uma necessidade vital, aliás como para Alfredo Pimenta. Enquanto um explica a urgência que tinha em arranjar um editor para um livro que terminara «*não pelo dinheiro, esse triste dinheiro dos escritores portugueses, nem pela imortalidade de uma noticiasinha por favor nos jornais(...) Mas por mim mesmo, para eu continuar a escrever(...)*»[42], o outro, neste caso o destinatário das cartas, confessou um dia: «*Não escrevo por vaidade, por narcisismo, por amor da glória, por desejo de aplausos. Escrevo, por uma necessidade estrutural do meu temperamento para que no silêncio vasto que me rodeia, e na solidão moral em que vivo, eu possa, de vez em quando, ouvir-me e encontrar-me e suppor-me um pouco menos só*» e ainda: «*Como artista escrevo primeiro para mim; depois para mim;* e

[39] D. José Ferrão de Castelo Branco, n.1882,m.1964,vimaranense, formado em Direito (Coimbra), proprietário, Director da *Revista Gil Vicente*

[40] Eduardo de ALMEIDA, carta a A.P. 2/10/1923

[41] Alfredo PIMENTA, *Páginas Minhotas*, ed. Organização Bloco Limitada, Braga, 1950, pg.V (1ª ed.) e Opera Omnia, Braga, 1907, (2ª ed.), pg.7

[42] Eduardo de ALMEIDA, carta a A.P., 6/9/1927

sempre para mim. É pensando em mim que escrevo.»[43] antecipando-se os dois, assim, ao poeta português da segunda metade do século XX, António Ramos Rosa, què canta a poesia como "*a respiração do desejo*"...

A Amizade entre os dois foi contínua. Em 1929, Alfredo Pimenta evoca-a num artigo titulado «Eduardo de Almeida»: «(…) *Nem os vendavais a arrancaram, nem as inclemências do fogo a exauriram. O Eduardo de Almeida (...) e eu, somos um para o outro, hoje como há trinta e tal anos, em Coimbra, quando ele, na sua casa da rua da Trindade, armava em César de Bazan, e eu, em meu alcaçar de Celas, rendia culto a Baudelaire e meditava Hegel(...)*»[44].

Esta correspondência alcança aquele tempo (1922-1933) em que os dois amigos se encontram já na fase definida das suas vidas, nesse "*meio caminho*", em que as linhas de conduta sonhadas se vêm mais ou menos concretizadas ao sabor do confronto com as realidades, em que se alcança a estruturação da resposta à vocação que torna as vidas felizes ou infelizes. Talvez, dentro daquele conceito de felicidade orteguiano resultante do diálogo que cada vida individual estabelece com a sua circunstância naquela célebre definição do "*eu sou eu e a minha circunstância, se a não salvo, não me salvo a mim*", talvez, diria, que Alfredo Pimenta tenha logrado maior felicidade que Eduardo de Almeida, no sentido de, sendo mais fiel à sua vocação, ter talhado com a obstinação que era para si o viver, a sua circunstância para nela poder evoluir e permanecer fiel a si mesmo, já que um dia soube dizer que o seu objectivo na vida era torná-la útil, gastando-a com trabalho intelectual ao serviço da cultura do seu país. E, se percorrermos a sua vida, encontramos, com efeito, a par das maiores aflições monetárias, a constante fidelidade ao labor intelectual, que implica como sabemos a honestidade como valor absoluto para consigo próprio. Ter razão, terá sido o critério da vida em Alfredo Pimenta. Não a satisfação das suas *razões*, mas a razão das coisas, ou seja a inteligência delas, o que é algo inesgotável, como se sabe e implica o estudo constante, a perseguição sem tréguas. Esta terá sido a característica da vida de Alfredo Pimenta e, para nós, a chave para o compreendermos. Ortega y Gasset, no modo sugestivo com que filosofa, diz que nós, os humanos, somos como que uns náufragos de cujo esbracejar para não sossobrar, surge a cultura[45]. Penso, conhecendo o processo vital de Alfredo Pimenta, que ele assumiu integralmente a sua condição de náufrago e que ao seu jeito, assumindo a solidão do seu naufrágio, encontrou a tábua de salvação na procura da razão das coisas. Nunca enunciou nos seus escritos a palavra Verdade se não com o pronome "a minha verdade", dando a entender que a sua procura não acabava. Quando no último ano da sua vida contempla o seu retrato na versão do pintor Preto Pacheco e se encara, diz ser um "leão vencido", e nesta frase, está a síntese da sua vida e da sua mente: a procura da verdade que no absoluto não se alcança, mas que em cada patamar a que se chega, compromete e que dentro da cadeia da solidariedade que une o género

[43] Alfredo PIMENTA, *Pretextos e Reflexões,* (Primeira série 1920-1922), Editora Parceria António Maria Pereira, Lisboa, 1922, pg.17e pg.32

[44] Alfredo PIMENTA, *Páginas Minhotas*, op. citª, 1ª ed. pg.53, 2ª ed.pg.75

[45] Ortega y GASSET, *Goethe desde dentro*. Revista de Occidente, Madrid, 1933

humano deve ser responsavelmente explicitada sabendo-se que, nem no fim da luta, é alcançada. Daí, talvez, o ardor das suas polémicas, o rigor das suas investigações e a aceitação da deposição das armas, quando as forças se vão com a vida : «*eu sou um leão vencido*»... Por isso, a sua bibliografia é variada nos assuntos a que se dedica, como múltipla era a biblioteca que juntou, reflectindo as redes da sua procura, que correspondiam a uma necessidade vital como a evolução que fez dentro da filosofia, da política e da religião, sempre em combate, sem desistências ou descanso. Seria diferente o temperamento de Eduardo de Almeida e diferentes a sua história pessoal e as suas ânsias vocacionais. Por isso, talvez, tivesse ido mais na corrente das vicissitudes que oprimem e abafam: em 2/X/1923, lê-se uma lancinante carta em que talvez se possa ver reflectido este dilema que a fidelidade à vocação coloca: «*Vivi - e ainda não estou refeito - uns dias de tragédia neurasthenica. É o cansaço físico e moral de quem trabalha mais do que é permitido às debilissimas forças humanas. Esta minha duplicidade de financeiro - eternamente sem um chavo e mesmo porque cada vez mais a riqueza me engulha mais e asca à consciência e de incorrigivel devaneador, arruina-me. A albumina apoderou-se de mim, tenho dias inteiros e seguidos de envenenado e em qualquer hora incerta, agora ou logo, uma sincope mais demorada, um pequeno tic do coração e pronto." Ah! era um bom rapaz!...": que é a despedida, um manguito à morte, dos que ainda ficaram.*

«Pois num desses longos estios de calcinação dolorosa e febril vieram ter comigo as tuas carinhosas palavras. Fizeram-me bem. Cantaram luz na minha alma em treva. Reviveram o sempre confortavel lenitivo da saudade - e que saudade, Alfredo! Amores (?) param as ondas desse vasto oceano dos nossos sonhos. E, como em doce oração, foram balsamo, piedade, bondade, meigura...

«Ouvi - talvez sussuro do infinito por onde voltaram as nossas fantasias - bater o nosso coração adormecido de rapazes, aquele pulsar que, mesmo em estos de revolta, era poesia, candura, enternecimento.

«De todas as palavras vindas ou por vir a saudar o meu trabalho, destaco as tuas em mais alto prêço. E por tudo. Eu conheço-me, Alfredo. A vida foi-me sinistramente aziaga. Torturou-me, deu-me a provar o fel das peores amarguras. Romancista?, para quem, como, se eu gastei a vida a viver um romance pungente, fulminante. Literato? como, se a dor, a dor verdadeira, crua , me desvairou à loucura e me deixou no canto da estrada como vagabundo e esfarrapado caminheiro? Não, eu sou a sombra de um nome.

«Como agradecer-te Alfredo? Nem tu sabes o bem que me fizeste. Obrigado, obrigado.(...)». E fazendo verter para o campo da nostalgia ou do paraíso perdido as ânsias da sua vida pessoal: «*Sinto-me a envelhecer*», escreve, quando chega aos 40 anos.*«(...) é trágico. Agora que eu talvez começasse a começar!...Falo em arte, em livros. Tenho alguns cá dentro, no coração do cerebro. Mas escreve-los...»*[46] Passados anos, é ainda o mesmo desabafo angustiado que se faz ouvir: *«É o cansaço da vida, exaustiva e desiludida, que terá apenas como epitáfio de que "um homem que se enganou no caminho", um pouco falho como advogado – por ter veleidades de arte mais falhou como artista -, por ter de advogar,*

[46] Eduardo de ALMEIDA, carta a A.P .,26 /2/sem ano, mas o envelope tem o carimbo de 1924

secou-me os olhos. Mas lembrei-me do que fomos, das horas em que sonhamos puramente – numa vida pura.

"Não. Tu não erraste o caminho. De ti ficam páginas literárias, que desafiam os séculos, e viverão frescas e belas, pelos tempos além, de ti fica a soma enorme dos teus procedimentos e a profusão de ideias que prodigamente lançaste. (…)».[47]

As preocupações literárias, a participação em diversas realizações culturais tanto na cidade de Guimarães como fora dela são assunto que levam Eduardo de Almeida e Alfredo Pimenta a trocarem impressões nesta forma de escrita epistolar.

Um dos temas glosados diz respeito à vida interna da Sociedade Martins Sarmento.

Ao assumir a presidência da Sociedade Martins Sarmento pela primeira vez em 1921, Eduardo de Almeida acorre ao Amigo, dando-lhe explicações sobre a categoria de sócio de Alfredo Pimenta dentro daquela instituição. Desfazendo um quiproquo, em carta de 20/2/1922, afirma a sua qualidade de sócio correspondente, facto que seria publicado, acrescenta, no número da *Revista de Guimarães* a sair em breve. Depois, anunciava, passaria a sócio honorário que era, aliás, a categoria que lhe correspondia na opinião de todos os sócios não só pela amizade que lhe tinham como também pelo lugar que ocupava na sociedade portuguesa já que não bastasse a honra que a cidade de Guimarães tinha em o contar entre os seus. Estas justificações dever-se-iam certamente, ao temperamento de Alfredo Pimenta que não gostava de deixar os seus créditos por mãos alheias e também certamente ao cuidado e carinho com que olhava a Sociedade Martins Sarmento. Primeiro via nela um foco dinamizador ímpar da cultura da cidade; depois olharia para ela também com a gratidão enternecida de quem nas brumas da memória da sua meninice distante e, quem sabe, desacompanhada, se vira surpreendentemente reconhecido com o prémio que o distinguia nos seus êxitos de estudante da instrução primária. Votava-lhe pois grande consideração não só pelas suas funções como pelo cariz que enformara a sua fundação. Mas as suas relações com ela foram difíceis.

Num artigo escrito para a "*Voz*" (Tribuna Livre - Páginas Minhotas) e mais tarde incluído no seu livro *Páginas Minhotas*[48] conta-nos a história da instituição dedicada a Martins Sarmento, destacando a iniciativa que presidira à sua fundação e que derivara daquilo que há de mais saudável numa sociedade: o sentimento de admiração pelas figuras exemplares que nela surgem, admiração que não se fica pelo encómio mas que vê na figura exemplar um estímulo para a prossecução do progresso e da qualificação humanos. Nestas páginas pode ver-se a admiração

[47] Eduardo de ALMEIDA, carta a A.P., 27 /7/1944

[48] Alfredo PIMENTA, *Páginas Minhotas*, op. citª, 1ª ed,.pag.21-32, 2º ed-pgs.37-51

que o autor nutre por esse grupo de vimaranenses eruditos que em momentos difíceis da história pátria (finais do século XIX) têm tempo para "admirar" e, sugestionados pelo alto timbre da personalidade humana e científica de Martins Sarmento,[49] se propõem formar uma "*sociedade patriótica...literária nos benefícios que dela pudessem advir pela instrução à futura geração vimaranense*". Vibrando com os assuntos da sua cidade não poderia deixar de ser sensível aos problemas que afectavam aquela Sociedade, assim como não deixou de lhe prestar os serviços a que era chamado, quando solicitado ou quando achava necessário. Assim é que o artigo acima referido é escrito para chamar a atenção de quem de direito para os inúmeros problemas que afectavam a referida Sociedade naquela época e que se deviam a faltas de verbas. «*Não sei se estas minhas palavras encontrarão eco em alguém do Governo. Se elas inspirarem um acto de justo amparo e de enérgico estímulo para a Sociedade de Martins Sarmento, consideraria, na minha vida, feliz o dia em que escrevi este artigo*». Perscrutando o horizonte em que se projectava a actividade da Sociedade, encontra a famosa Livraria que à data da sua fundação contava com o impressionante número de 10.000 volumes para um ano depois atingir os 20.000 e na altura em que escreve, os 40.000. Mas este precioso acervo, que incluía também o espólio da Colegiada, que não fora para Lisboa no século XIX aquando da famosa lei centralizadora dos arquivos, encontrava-se apenas inventariado e, não catalogado em termos da crescente ciência das bibliotecas, o que tornava urgente acontecer. Alfredo Pimenta justificava o estado da questão não por falta de competência dos directores sucessivos da Sociedade, mas pela proverbial falta de dotação das nossas instituições de cultura. Aliás, viu satisfeita em parte esta sua observação com a nomeação de Rodrigo Pimenta para bibliotecário que nela deixou o trabalho frutuoso de dezanove anos de serviço. A actividade de investigação e conservação arqueológica e etnográfica, outra das vocações da Sociedade, representadas não apenas no Museu mas nas próprias citânias de Sabroso e de Briteiros exumadas por Martins Sarmento à custa da sua fortuna pessoal, enfrentavam, por seu lado, grandes dificuldades: encontravam-se à beira da ruína. Também a publicação de fontes, estava suspensa e, no caso concreto dos *Vimaranis Monumenta Historica*, «*repositório indispensavel de documentos elucidativos dos primeiros tempos da história pátria*», havia mais de quatro ou cinco anos que por uma questão de quatro páginas,- as últimas do índice remissivo do 2º fascículo,- a edição não prosseguia. Ora, havia em Guimarães, matéria para muitos volumes desta publicação começada pelo Abade de Tagilde.[50] Não a continuar, era irreparável.[51] Este assunto é também comentado por Eduardo de Almeida, quando se refere à nova "*paragem*" da edição dos *Vimaranis*[52] por falta de verba atribuída pela Câmara propondo-se para prosseguir esse trabalho com o único ónus do pagamento das despesas e lamentando o que estava sucedendo, classifica-o de vergonha

[49] Francisco Martins de Gouveia Morais Sarmento, n.1833, m-1899, vimaranense, arqueólogo afamado, autor de uma vasta obra no campo da Pré-História, autor de numerosos estudos, exumou à custa do seu bolso várias Citânias nos arredores de Guimarães

[50] Pe. João Gomes de Oliveira Guimarães, n. 1853, m.1912, Abade de Tagilde, vimaranense, historiador, erudito

[51] Alfredo PIMENTA, *Páginas Minhotas*, op. citª 1ª ed. e 2ª ed. respectivamente pags. 21 e 37

[52] *Vimaranis Monumenta Historica. A Saeculo Nono Post Christum Usque Ad Vicesimum, Jussu Vimaranensis Senatus Edita (Partes I et II)*

e desastre.[53]Quando finalmente aparece a edição das duas primeiras partes da colecção feita pelo Abade de Tagilde, com os seus índices remissivos e as erratas apensas, Alfredo Pimenta dedica-lhes um estudo crítico [54]que permite tornar mais rigorosa e mais fecunda a sua leitura em que não se coíbe de alertar para umas referências incompletas do trabalho de Eduardo de Almeida nessa edição, que o próprio acha perfeitamente justas[55]. Mais tarde, ciente da intenção de Alfredo Pimenta procurar completar alguns aspectos da edição,[56] agradece e louva este propósito : *«É mais um dos teus serviços à Sociedade, relevantissimo, logo marcado pelo seu excepcional valor. Não me queres mandar - mas com urgência - dois linguados desse trabalho para a Revista? Sairiam neste número que está...a saír. Obrigado por mim, obrigado pela Sociedade(...)»*[57]. Em 28 de Março de 1930 aplaude a ideia de oferecerem a edição então pronta ao Dr. Joaquim de Carvalho.[58]

Entretanto a edição esgota-se e em 6 de Maio de 1931, a Sociedade Martins Sarmento oficia à Câmara [59]pedindo reforço do subsídio para a reedição, numa tiragem de 250 exemplares para o que já gastara 1.500$00 em papel *couché*, faltando-lhes os custos da impressão na ordem dos 1.600$00. Alfredo Pimenta atento, aplaude a Câmara por esta sua iniciativa e fazendo jus às suas qualidades de investigador crítico avisa-a de que a 1ª edição não tem apenas erros tipográficos, mas também inexactidões de carácter histórico. Severo, como era seu hábito, termina o seu ofício[60] dizendo que fazia este aviso *"sem prazer porque ele envolve uma áspera censura para quem sem competência para estas coisas se meteu nelas"*. A Câmara resolve enviar uma cópia à Sociedade Martins Sarmento.[61] Esta reage [62], pela pena do seu presidente, precisamente Eduardo de Almeida, estranhando a carta em questão e explica: *"A Sociedade Martins Sarmento foi encarregada da 2ª edição da 1ª parte do V.M.H. encargo pelo qual só tem a penhorar a V. Exª o agradecimento de todos e são muitos, os interessados, e de que está procurando desempenhar-se limpamente, fazendo uma 2ª edição correcta dos "defeitos tipográficos" de que a 1ª enferma, servindo-se por isso*

[53] Eduardo de ALMEIDA, carta a A.P., 27/5/1924

[54] Alfredo PIMENTA, *Estudos Filosóficos e Críticos*, Imprensa da Universidade, Coimbra, 1930, pgs.417-472

[55] Eduardo de ALMEIDA, carta a A.P. s/data

[56] Alfredo PIMENTA, *Vimaranis Monumenta Historica, Partis I Editio Secunda Accurate Emendata*, Vimarane,- Ex tyipis Ludivici da Silva Dantas, MDCCCXXXI

[57] Eduardo de ALMEIDA, carta a A.P., 19/2/1930

[58] Doutor Joaquim de Carvalho, n.1892, m.1958, professor na Faculdade de Letras (Coimbra), fundador da *Revista da Universidade de Coimbra*, administrador da Imprensa da Universidade, autor de vasta obra filosófica. A correspondência que lhe dirigiu Alfredo Pimenta está publicada na *Revista de História das Ideias*, Faculdade de Letras, Coimbra, 1987, vol.9

[59] Livro das Actas Diário das Sessões Municipais, ofº 6 de Maio de 1931, AMAP

[60] Ibd. Oficio de 26 de Agosto de 1931

[61] Ibd. Ofº de 2 de Setembro de 1931

[62] Ibd-. Ofº de 9 de Setembro de 1931

das próprias emendas pacientemente lançadas pelo Abade de Tagilde, pelo Doutor João de Meira e por João Lopes de Faria". E justificando-se, acrescenta que não tendo sido incumbida de mais alguma coisa, nada de diferente teria de fazer, sendo no entanto grande o seu reconhecimento pelo "*proveitoso esforço*" do Abade de Tagilde que é constantemente evocado pela Sociedade como *"exemplo pela lição de austero trabalho, amor à terra, investigação histórica e florescente bondade"*. Entrega o assunto apontado por Alfredo Pimenta nas mãos da Câmara, esclarecendo que a Direcção da Sociedade responde pessoal e solidariamente pelos seus actos. Mas informa que sendo esta conhecedora das anotações, emendas e acrescentos publicados por Alfredo Pimenta muito antes da sua denúncia exprobatória, tinham assentado na Sociedade pedir-lhe e procurar conseguir dele próprio um aditamento com os documentos e anotações que o seu critério e saber aconselhassem. Ao receber este ofício, a Câmara resolve comunicá-lo em síntese, a Alfredo Pimenta. Apressa-se este a responder afirmando que ignorava a interferência da Sociedade neste assunto e que , quando se lhe dirigira, a sua única intenção fora a de evitar que ela, Câmara, ficasse com a responsabilidade de uma obra com defeitos remediáveis o que estende então à própria Sociedade.[63] Uma semana depois, o Presidente da Sociedade oficia à Câmara explicando que nunca fora, nem podia ser, intenção sua chamar ou considerar má acção a carta que Alfredo Pimenta endereçara à Edilidade acerca daquela reedição, ao mesmo tempo que reafirma a subida consideração por aquele ilustre vimaranense e a intenção de se lhe dirigirem pedindo-lhe o favor (sic) da sua colaboração directa no volume e reedição do *Vimaranis Monumenta Historica* [64].

É neste contexto que, no espólio epistolar de Alfredo Pimenta encontramos a carta de Alberto Vieira Braga, membro da direcção da Sociedade Martins Sarmento, de 7 de Novembro de 1931 dizendo que a edição dos *Vimaranis* era assunto de tão grande importância que ia levar as considerações expostas por Alfredo Pimenta à apreciação da direcção para que esta, colectivamente se pronunciasse e elaborasse um ofício a quem «*tão empensada e lealmente tem trabalhado sempre pelo bom nome desta casa*». Diz ainda que vai empregar todos os esforços para que em breve se resolva este «*magno assunto*». E logo em 4 /XII/31, Eduardo de Almeida mostrando saber destrinçar entre o acessório e o essencial, torna a insistir no contributo de Alfredo Pimenta: «:(...) *Não te irrites...Sou eu! Ralha-me um bocadão, mas primeiro deixa dar-nos o abraço fraterno... Quanto ao Vimaranis: eu renovo o pedido que te fiz, mais a direcção, de escreveres um capítulo final com todas as emendas, anotações. acrescentamentos que desejares, escusando recomendar-te o empenho que temos que o faças. Isto não podia ser doutro modo, a meu ver. Nós quizemos respeitar a memória e o trabalho do Abade. Mal parecia numa nova edição, dar-lhe outro aspecto. Mas o que queremos, também ,é aproveitar o teu valiosissimo trabalho, acrescentando-o àquele. Não vejo dificuldades algumas em fazer assim. É mesmo corrente. Aguardamos muito ansiosamente as tuas intenções e a remessa do teu trabalho, para conclusão da obra.(...)*».E em carta de 2 de Fevereiro de 1932 ,Alberto Vieira Braga informa que na tipografia estava

[63] Ofº de A.P. de 9/9/1931, ibd

[64] Ofº de Edº de Almeida de 23/9/1931, ibd

para breve, a composição do *Apêndice* que Alfredo Pimenta organizara. Na realidade ele surge com a data de 1931, lamentando o seu autor que ao "*benemérito editor*" não tenha sido possível incluír no texto os documentos acrescentados no seu devido lugar porque em *«(...)Apendice coloca-se o que é secundário, ou o que já não vem a tempo de se incluír no texto. Mas eu não sou editor. E sollicitado a cooperar nas condiçoens descriptas na 2ª edição do 1º fascículo dos Vimaranis Monumenta Historica, não podia escusar-me, qualquer que fosse o pretexto – pelo grande amor que tenho à Sociedade Martins Sarmento e pela inabalvel admiração que consagro ao Abade de Tagilde(...)».*[65] Justifica este trabalho lembrando, numa espécie de resposta ao oficio de Eduardo de Almeida à Câmara, que colectâneas como o *Vimaranis* nunca são obra definitiva por maior que seja o cuidado e a perspicácia dos seus autores e acrescenta:«(...) *Reconhecer que à primeira edição dos Vimaranis Monumenta Historica escasseavam documentos, não é, como vulgo inepto pode julgar, fazer pouco do nome, para nós quasi sagrado, do Abade de Tagilde, seu organizador: é constatar uma realidade que não tem nada de ofensiva para aquelle douto investigador, e notavel exhumador dos documentos medievais vimaranenses.*

«A sua obra em nada é diminuida com os acrescentos que a critica impessoal e fria lhe traz atravez das minhas mãos, agora, de outras que depois de mim appareçam com elementos que eu não soube ou não pude colher.

«Esgotada a primeira edição do 1º fascículo a Sociedade Martins Sarmento decidio fazer a 2ª edição. E sabendo que nos meos Estudos Philosóphicos e Críticos eu apontava documentos que deviam figurar nos Vimaranis Monumenta Historica encarregou-me de lhos facultar, compondo este Appendice.[66]

Verifica-se assim, a intenção de Eduardo de Almeida, que será constante, em evitar conflitos desnecessários com Alfredo Pimenta com a certeza de que ele o ouviria. O mesmo não acontecerá com outras personalidades vimaranenses que, ao partilharem tarefas convergentes com as de Alfredo Pimenta em assuntos de interesse cultural para Guimarães, não abriram mão das suas susceptibilidades e levaram por diante atitudes de irritação e intolerância para com o difícil feitio de Pimenta que se mostrava contundente quando considerava a razão de seu lado.

A posterior continuação da publicação dos *Vimaranis* em 1936, será uma das questões entre Alfredo Pimenta e a Sociedade numa altura em que Eduardo de Almeida já não ocupa a presidência da Sociedade Martins Sarmento. Na carta de 19 de Fevereiro de 1930 acima citada, anunciara este a sua intenção de não aceitar o lugar aludindo a questões de saúde que lhe tiravam a paciência para enfrentar os problemas do quotidiano, confessando estar fartíssimo de desempenhar aquela função em que, esforçada e solidariamente se mantinha por não querer sair

[65] Alfredo PIMENTA, Vimaranis Monumenta Histórica, op. citª.

[66] Alfredo PIMENTA, Vimaranis Monumenta Histórica, op. citª.

sem acautelar o lugar do irmão de Alfredo Pimenta, Rodrigo Pimenta. No entanto confessa não querer dizer as razões daquele estado de espírito; guarda-as para outra ocasião. A questão que a publicação dos *Vimaranis* levanta a Alfredo Pimenta processa-se por volta de 1936, durante as presidências respectivas do Capitão Mário Cardoso[67] na Sociedade Martins Sarmento e do Dr. José Francisco dos Santos,[68] reitor do Liceu Martins Sarmento, na Câmara Municipal. Está também documentada e comentada nas cartas de Alfredo Guimarães[69], director do Museu Alberto Sampaio para Alfredo Pimenta, já publicadas.[70]

Com as comemorações do primeiro centenário do nascimento de Martins Sarmento e a criação do Arquivo Municipal, mal cessa a presidência de Eduardo de Almeida na Sociedade, instalam-se os diferendos entre Alfredo Pimenta e Mário Cardoso que aqui são referidos, pois em parte acompanham os dois últimos anos das cartas que ora publicamos e talvez sejam uma hipótese de explicação para o facto de, a partir de 1933, rarearem as cartas de Eduardo de Almeida no espólio de Alfredo Pimenta.

Alfredo Pimenta venerava a figura de Martins Sarmento como atestam inúmeras das suas páginas. A sua admiração vinha de longe, da sua infância. Nas "*Páginas Minhotas*" evoca na ocasião da sua morte, ocorrida em 1899: «*eu era ainda um garoto de 16 anos, tropeçando ainda desastradamente no caminho do Pensamento, vítima duma compreensão mesquinha do meu feitio, atirando-me de chofre sobre todas as coisas, imperito, gôche mas febrilmente sequioso de andar, e viver os problemas mais transcendentes e agros. Nunca esqueci, nem poderei esquecer a vez, a única vez que vi Sarmento, que a lenda começava já a envolver em sua teia de maravilhas e que a minha admiração instintiva, ingénua, seguia de longe.*

«Era uma tarde de fins de Inverno com um sol claro a encher de luminosidades misteriosas as coisas. Na estrada de Fafe, Sarmento , as mãos nos bolsos, um cache-nez ao pescoço, seguia de vagar...O garoto de quinze anos que eu então devia ser... cruzou o sábio, olhando-o com admiração, e ficou a seguir a imagem que o acaso lhe oferecera nessa tarde. Foi a primeira e única vez que vi Sarmento. Mas não era preciso mais para nós, os rapazes do meu tempo, para quem Sarmento

[67] Mário de Vasconcelos Cardozo ,n.1889,m.1982, vimaranense, coronel do Exército, arqueólogo, autor de vários estudos da especialidade, Presidente da Sociedade Martins Sarmento

[68] Dr. José Francisco dos Santos, reitor do Liceu Martins Sarmento (Guimarães), presidente da Comissão Administrativa de Guimarães

[69] Alfredo Guimarães,n.1882,m1958,vimaranense, escritor e crítico de Arte, director do Museu de Alberto Sampaio, conservador do castelo de Guimarães, vogal correspondente da Academia Nacional de Belas Artes, sócio da Associação dos Arqueólogos Portugueses,, colaborador de inúmeros jornais de Lisboa e Guimarães (na A VOZ, assinava C), autor de estudos sobre Arte, Arqueologia e de livros de Poesia, Teatro, etc.

[70] Maria Teresa PIMENTA, «Cartas Inéditas de Alfredo Guimarães a Alfredo Pimenta entre 1932/50», *Gil Vicente, Revista de Cultura e Actualidade*, nº 5, IV série, ed. Cidade Berço, Guimarães 2004/2005, pags.3 a 100

era o deus. É claro que a nossa idade mal soletrante não podia avaliar o alcance do trabalho científico de Sarmento. Mas de instinto nós sabiamos que aquele que vivia isolado de toda a agitação estéril do burgo, das suas intrigas de soalheiro e das suas ameaças políticas... era a glória imarcessivel da nossa terra. (...)»[71].

Quando chegou a altura de preparar essa comemoração, Eduardo de Almeida ao tempo presidente da Sociedade convidou, Alfredo Pimenta por intermédio de Alberto Vieira Braga, para nela participar. A celebração dessa data preocupava a direcção da Sociedade, revelando muita cautela na sua preparação pelo facto de ser uma direcção quase cessante. Na carta de 2 de Fevereiro de 1932, Alberto Viera Braga conta a Alfredo Pimenta que não havia ainda planos concretos para o acontecimento, preferindo aquela direcção deixa-los à que tomasse posse em Março desse ano. Confidencia os nomes pensados para a presidência de honra: o coronel Amaral [72] e o capitão Mário Cardoso. E em carta de 11 de Abril de 1932, Alberto Vieira Braga, então já membro da nova direcção anuncia a intenção de, na primeira reunião, proceder à leitura do *valioso documento* (sic) em que Alfredo Pimenta expunha um plano para aquelas comemorações. Com efeito, Alfredo Pimenta anuíra gostosamente ao convite de Eduardo de Almeida e, como depois relata num artigo do jornal *A Voz* (18 de Agosto de 1932) propôs que, a exemplo do que já se fazia no estrangeiro, se organizasse um volume de consagração ao sábio, constituído por trabalhos eruditos, nacionais e estrangeiros. Eduardo de Almeida concordando de imediato, encarrega-o da concretização dessa ideia referindo que a sua tinha sido a *«publicação dos dispersos, dos inéditos, depois de cuidadosa seleccionação e, sendo possivel a re-edição das obras esgotadas, com um resumo da obra, em separata para mandar para o estrangeiro, e por isso feito em linguas(...)»* . Porém, frente à sugestão de Alfredo Pimenta escreve: *«tu vieste com mais uma ideia, excelente, e que fica adoptada. Sairá um número muito especial da Revista com esse In Memoriam. Mas para o levar a cabo, uma condição se impõe: a de que ela fique exclusivamente a teu cargo. Assim é preciso, Alfredo. E se a isso te dignas, eu fecho já o contracto na primeira sessão da Sociedade(...)».*[73] Gostosamente, segundo o mesmo em artigo acima citado, Alfredo Pimenta pôs mãos à obra. Esboçou o projecto, informou-se acerca dos recursos para o realizar e enquanto estava nisto, mudara a direcção da Sociedade. Mas apesar de aguardar resposta, não parara de trabalhar no seu projecto. A nova Direcção, escreve, nomeia-o para a Comissão organizadora da sua ideia - o *In Memoriam* -. Apresentado o seu plano aos colegas na Comissão, merece a aprovação e os passos que entretanto dera, iam dando resultados: em seu poder tinha já um trabalho do ilustre director da Torre do Tombo, dr. António Baião. Mas o clima na Sociedade alterara-se. Substituindo Eduardo de Almeida surgira Mário Cardoso, o arqueólogo. A incompatibilidade entre ele e Alfredo Pimenta determinou que este último se dissociasse das comemorações

[71] Alfredo PIMENTA, *Páginas Minhotas*, op. citª, 1ª e 2ª ed. respectivamente pg.44 e 65

[72] Duarte Amaral Pinto de Freitas, n.1871,m.1964,coronel do Exército, Presidente da Sociedade Martins Sarmento, Presidente da Comissão Administrativa de Guimarães (15/6 a 9/10/1931).

[73] Eduardo de ALMEIDA, carta a A.P. de 28 /3/1930.

patrocinadas pela Sociedade Martins Sarmento e prestasse a sua homenagem individualmente. E quando vem à estampa *"Homenagem a Martins Sarmento (Miscelanea de estudos)"*, editada pela Sociedade Martins Sarmento, Alfredo Pimenta não figura entre os autores que a compõem.[74] Porém no roda-pé do *Diário de Notícias*, de Lisboa, de 2/6/34, na secção "Cultura Estrangeira, Cultura Portuguesa" onde A P. se propunha levar ao conhecimento dos leitores a bibliografia erudita que se ia publicando, fazendo dela uma informação crítica e que manteve durante cerca de vinte anos - escreve : a *«homenagem a Martins Sarmento é um pouco obra minha. Quando se falou, há anos em celebrar o centenário do nascimento do eminente etnólogo, fui abordado para colaborar nessa celebração. Lembrei imediatamente que o numero da Revista de Guimarães que lhe fosse dedicado devia ser constituido por estudos eruditos à semelhança do que se faz lá fora e ainda, ao tempo, não fora feito entre nós.(...)».* «(...)*Lá fora, na Alemanha, na França, na Itália e na Espanha, quando se quer prestar homenagem a um homem de ciência – homenagem duradoura e digna do consagrado, publica-se um volume de estudos eruditos ou cientificos, e dedica-se à pessoa que se quer honrar. A respeito desta, pouco ou nada se diz em tal volume, porque se supõe, e com justa razão, que por ela fala a obra que realizou e a fama que cimentou. É banida, pois a retórica, e afastado o espectáculo desagradavel de um cortejo de criaturas que se repetem a afirmar talentos e virtudes, e manhas do heroi da homenagem(...)»* .«(...) *Entrei na comissão para tal fim nomeada; fixei o plano de trabalho; dei uma lista de nomes portugueses, castelhanos, franceses, ingleses, americanos; indiquei a maneira de abordar alguns deles; cheguei a convidar directamente um nome português; estava nisto, quando um incidente mesquinho que não é, agora para aqui chamado, me obrigou a pôr o chapéu na cabeça e a abandonar a comissão.*

*«Mas graças a Deus a directriz estava estabelecida, o impulso dado, e tudo o que se fez, com as variantes proprias da modificação sofrida não se afastou do critério que fixei(...)».*Na sequência disto, surgem vários trabalhos que publicou sobre Martins Sarmento: *«Cartas Inéditas de Francisco Martins Sarmento a Joaquim Possidónio da Silva»*[75], *«Martins Sarmento, Esboço Crítico»*[76] e uma conferência em Lisboa, *«Martins Sarmento, Literato e Historiador»*[77].

A colaboração literária de Alfredo Pimenta na revista da Sociedade Martins Sarmento não foi muito fecunda: das propostas que faz para uma colaboração literária, encontram-se apenas, entre 1921 e 1931 dois pequenos artigos: um, no número 1 de 2 de Janeiro a Abril de 1921[78], intitulado *«Palavras sem Rumo»* e o outro, a apresentação de

[74] *Homenagem a Martins Sarmento (Miscelânea de Estudos)*, ed. Sociedade Martins Sarmento, Guimarães, 1933.

[75] Alfredo PIMENTA, Cartas Inéditas de Francisco Martins Sarmento a Joaquim Possidónio da Silva, *Boletim de Trabalhos Históricos*, Arquivo Municipal, Guimarães, 1933, nº 1

[76] Alfredo PIMENTA, *Estudos Filosóficos e Críticos*, Imprensa da Universidade, Coimbra, 1930, (pags.417-477)

[77] Alfredo PIMENTA, *Martins Sarmento, Literato e Historiador*, Conferência realizada na Associação dos Arqueólogos Portugueses, a 25 de Junho de 1933, ed. José Fernando Júnior, Lisboa, 1933

[78] *Revista de Guimarães*, op. citª, ,1921, vol.XXXI, pg46-48

Henrique Trindade Coelho como conferencista convidado pela Sociedade em Março de 1922 [79]. A quando das comemorações do centenário do nascimento de Martins Sarmento poderia ter havido colaboração, mas o conflito já descrito, impediu-a. Demonstrando que o incidente nada tinha a ver com Eduardo de Almeida, podemos ler em 23 de Setembro de 1930, a sua carta na qualidade de presidente da Sociedade para Alfredo Pimenta, atenta e diplomática :*«Meu caro Alfredo, A direcção da Sociedade Martins Sarmento tem carinhoso empenho em que tu assistas à parte do Congresso Antropológico, que se realiza em Guimarães. Para evitar melindres, muito delicados e que nos podem acarretar grandes dissabores, não podemos fazer convites oficiais a todos os sócios para irem a Briteiros. Mas tu considera-te particularmente convidado, na certeza de que te espero aqui em Briteiros para me coadjuvares na empresa.(...)».*

A sua presença na *Revista* faz-se mais pela pena de Eduardo de Almeida na secção «Registo Bibliográfico», durante o ano de 1922 quando este faz a recensão de alguns livros de Alfredo Pimenta num estilo literário de grande qualidade, como é aliás o de todos os escritos de Eduardo de Almeida, inclusive o das cartas que endereça ao Amigo. Assim verificamos as alusões criticas[80] às seguintes obras :*"Este é O Livro das Chymeras"*[81], *"Coimbra – Poema de Saudade e Desaffronta"*[82], e *"Pretextos e Reflexões"*[83]

Regista-se porém, através das cartas, outro tipo de presença que é a da colaboração silenciosa, ou seja a resposta pronta aos pequenos serviços que aliviariam o trabalho de Eduardo de Almeida na gestão da presidência, como por exemplo, o estabelecer contactos com as pessoas para fazerem conferências na Sociedade, arranjar retratos que acompanhem a noticia dessas realizações ou ainda comprar livros para a biblioteca da Sociedade. Assim encontramos o pedido para os retratos de Trindade Coelho[84] de Agostinho de Campos[85] e em 8/XI/29, o assunto é a incumbência de conseguir que Brito Camacho[86] viesse até à Sociedade para uma palestra que teria de ser durante aquele inverno. Pensava-se na Direcção que só Alfredo Pimenta o convenceria a deslocar-se a Guimarães.

[79] Henrique Trindade Coelho,n.1885,m.1934, lisboeta, escritor, jurista, director do jornal *O Século*, Ministro de Portugal no Quirinal e no Vaticano, ministro dos Negócios Estrangeiros; *Revista de Guimarães*, op. cit[a], vol.XXXII,1922, pags.101-104.

[80] Eduardo de ALMEIDA, *Revista de Guimarães*, op.cit[a], vol.XXXII, 1922, pag.105-106.

[81] Alfredo PIMENTA, *Este é O Livro das Quimeras*...Portugália Editora, Lisboa, 1922.

[82] Alfredo PIMENTA, *Coimbra, Poema de Saudade e Desafronta*, Portugália Editora, Lisboa, 1922.

[83] Alfredo PIMENTA, *Pretextos e Reflexões*, op. cit[a].

[84] Eduardo de ALMEIDA, carta a A.P. 20 de Fevereiro de 1922 e chefiou o partido Unionista (1911 a 1919). A conferência que pronunciou na S.M.S intitula-se "*O Alentejo*"; o *Comércio de Guimarães* de 23/1/1930 anuncia –a "por todo o mês de Fevereiro na S.M.S; veio a realizar-se em 17/3/1930 e a *Revista de Guimarães* transcreve-a em 29/3/1930.

[85] Eduardo de ALMEIDA carta a A.P. 21 de Outubro de 1922/ Agostinho de CAMPOS, n. 1870-m.1944, Professor de Filologia Românica na Faculdade de Letras de Coimbra, prof. no Liceu de Pedro Nunes em Lisboa, Director-Geral da Instrução Pública, escritor, jornalista, autor de obra vasta.

[86] M. Brito Camacho, n.1862,m.1934, médico, jornalista, governador ultramarino, director do semanário republicano *A Lucta*.

O aspecto gráfico desta carta é divertido: Eduardo de Almeida sublinha todas as preposições "de" e algumas sílabas das palavras do seu texto de modo a formarem traços oblíquos. Assim, pode ler-se: "*Meu caro Alfredo, A direcção da Sociedade de Martins Sarmento encarrega-me de te pedir um favor. Ela, Sociedade, deixa-me dizer-te de Martins Sarmento, muito desejaria que tu, com o acentuado amor que tens mostrado à memória de Martins Sarmento, conseguisses do Dr. Brito Cam=acho que anuisse a vir até aqui, à Sociedade, a nossa, de Martins Sarmento, nos meses de inverno = fazer uma conferência.*

"A sério, contamos contigo na primavera ou no outono para uma conferência. Mas, para o inverno, precisavamos do Dr. Brito Camacho. E eu metia a peito consegui-lo. E logo pensei que serias tu o homem capaz de fazer o milagre.

"Tenho o maior empenho. Aborda o homem. Sabes que todas as despezas são da nossa conta. Depois de ele anuir, vai o convite oficial. Mas é melhor escolher já o mês, e, sendo possivel, o dia. Quanto ao assunto, tu já sabes. Esforça-te. Abraça-te o teu velho Eduardo d'Almeida".[87] Esta brincadeira tem uma explicação pois Alfredo Pimenta. quando falava na toponímia de qualquer rua ou instituição que tivesse como patrono o nome de uma pessoa, não se esquecia nunca de apor a preposição *de* . Assim, quando escrevia a sua direcção em Lisboa, por exemplo, escrevia sempre *Rua de Pedro Nunes;* do mesmo se diria da Sociedade de Martins Sarmento, o que deve ter sido alvo de qualquer reparo amistoso. E a eficácia do pedido traduz-se na carta de 28 do 3 de 1930: *« Lá falou ontem o Brito Camacho. Estava bom rapaz, com tento na língua, e sempre inteligente. Foi otimo – estava-lhe com as minhas cóleras. Obrigadinho por tudo. (...)*

Na política da promoção cultural que se mostra constante na Sociedade, encontramos numa carta de Eduardo de Almeida [88] o convite para Alfredo Pimenta falar na sessão solene desta agremiação em que o Doutor Pires de Lima[89] da Escola Médica do Porto pronunciaria uma conferência subordinada ao tema: "*Demografia e Ensino*" O convite era também extensivo para o almoço no Hotel do Toural com tão eminente personalidade.

A compra de livros para a Sociedade é outro dos trabalhos de Alfredo Pimenta. Em 1925, Eduardo de Almeida incumbido de comprar o III volume da *História da Administração Pública* de Gama Barros, mandando o cheque de 80$00 e juntando os agradecimentos da S.M.S pelo interesse e diligências feitas.[90]

[87] Eduardo de ALMEIDA, carta a A.P. 8/11/1929

[88] Eduardo de ALMEIDA, carta a A.P. 25/2/1930

[89] Joaquim Alberto Pires de Lima, n.1877-.m1951, médico doutorado ,membro da Comissão do Ensino Universitário (1918), director dos Serviços de Antropologia Criminal, Psicologia Experimental e Identificação Civil do Porto (1926), membro da Junta da Educação Nacional (1928), da Legião Portuguesa (1937), autor de bibliografia cuja temática é sobretudo relacionada com a Medicina e a Literatura. Proferiu a conferência *Demografia e Ensino* na S.M.S. em 3 /3/1930

[90] Eduardo de ALMEIDA, carta a A.P. 20/5/1925

Aliás, a procura de livros, para si próprio, para apoio dos seus estudos, encontra-se com alguma frequência nestas cartas onde se constata uma grande confiança no critério de Alfredo Pimenta. Assim, em 1924 , pede que lhe empreste «um *livro moderno e seguro sobre a educação feminina* » muito importante para um escrito em que está empenhado [91]. Passados dias, é o Fialho que lhe interessa e livros que analisem milagres, votos, crenças para o trabalho que iria publicar na revista da Sociedade. Diz que podem ser em francês, espanhol ou italiano. Confia em Alfredo Pimenta e na sua qualidade de leitor, interessado e crítico, auscultando direcções várias no campo do saber.[92]

A criação do Arquivo Municipal[93], uma das glórias da cidade de Guimarães pelo seu alto valor arquivístico foi outra das questões levantadas à direcção da Sociedade Martins Sarmento, já fora da gestão Eduardo de Almeida e é também tema para esta correspondência.

Os decretos da sua fundação datam dos últimos anos da penúltima presidência de Eduardo de Almeida da Sociedade e embora fossem susceptíveis de levantar dificuldades como depois veio a acontecer, nota-se nestas cartas e nas actas da direcção, o máximo cuidado da parte do presidente cessante em não criar conflitos, o que não veio a acontecer com o seu sucessor, cuja incompatibilidade com o feitio de Alfredo Pimenta apressou possivelmente a necessária correcção governamental aos decretos criador e regulamentador que transferiram a responsabilidade do Arquivo da Sociedade Martins Sarmento para a Câmara Municipal.

Com efeito, por volta dos anos 30, mais precisamente em 1931, a 27 de Junho, o Governo, através do decreto nº 19.952 publicado no Dº do Govº de 30 de Junho de 1931, 1ª série, nº 175, dava corpo à sua vontade de imprimir uma direcção e uma orientação às instituições de apoio à Cultura. Assim, legisla sobre as Bibliotecas e Arquivos subordinando-os à jurisdição de um organismo de direcção técnica e de inspecção superiores que então criava – a Inspecção Geral das Bibliotecas e Arquivos – que entre outras funções, teria a de reunir e agrupar tais organismos que se encontravam dispersos e, o que era importantíssimo, de imprimir-lhes um carácter dinâmico de investigação e leitura para evitar que fossem simples armazéns ou depósitos de impressos e manuscritos. Entre as medidas que toma encontra-se a criação do Arquivo Municipal de Guimarães que se formava a partir do espólio documental que se encontrava na Sociedade Martins Sarmento e cuja guarda lhe seria confiada com as obrigações inerentes da conservação, catalogação e serviço de consulta pública. Além destas incumbências

[91] Eduardo de ALMEIDA, carta a A.P. 26/2/1924

[92] Eduardo de ALMEIDA, cartas a A.P., 15/5/1924 e 27/5/1924 e 2/6/1924

[93] Decreto nº 19.952 de 27 de Junho de 1931 e decreto nº 20.577 de 27 de Novembro de 1931

recaía na Sociedade, outra de não menor importância: incorporar o arquivo da extinta colegiada de Guimarães, os documentos do antigo Recolhimento do Anjo, já aliás a si confiados, os processos crimes, cíveis e orfanológicos, dados por findos havia mais de cinquenta anos tal como os livros dos cartórios e tabeliães extintos, os livros paroquiais do concelho, como sejam livros de usos e costumes, livros de registos e testamentos, livros de registos de visitações, livros de subsino e todos os documentos, livros, processos e estatutos provenientes de irmandades, corporações e repartições extintas. Aquela disposição era o culminar de uma aspiração de um grupo de vimaranenses interessados e empenhados na 'res vimaranis'[94].

No espólio epistolar de Alfredo Pimenta, entre as várias peças assinadas por Alberto Vieira Braga, Alberto Feio[95], A. L. de Carvalho, o próprio Eduardo de Almeida e ainda Alfredo Guimarães, encontramos o reflexo desta aspiração bem documentada, aliás, na *Revista de Guimarães*. Em 7/XI/1931 em carta, Alberto Vieira Braga relata a Alfredo Pimenta a ida, na manhã desse dia, a Braga, juntamente com outros membros da direcção da Sociedade Martins Sarmento para insistir junto de Alberto Feio que facilitasse a criação do Arquivo e despachasse com urgência as requisições necessárias para o Juíz e para a Repartição de Finanças .Comenta o facto de terem ido todos, – o Dr. Amaral, o Francisco Martins[96] e o Dr. Eduardo de Almeida – como sendo um autêntico milagre. E ainda o segundo milagre: a anuência "arrancada" a Alberto Feio. Este acabara por concordar com a instalação provisória do arquivo na casa que fora de Martins Sarmento, ao Carmo, apesar das más condições que ela apresentava; exigira que a Sociedade lhe endereçasse um ofício assegurando que a cozinha da casa, utilizada pelo servente que a habitava, ficaria completamente independente e separada do corpo do edifício; só assim mandaria as requisições. Vieira Braga, entusiasmado escreve que perante tal facto, eles, – a delegação vimaranense – ousaram falar nos livros que estavam na Repartição Distrital de Finanças, defendendo as vantagens da descentralização dos arquivos e dos problemas da arrumação, disposição e consulta dos documentos. Então, continuava o empenhado narrador, o Dr. Feio, compreendendo o *"ponto de mira"* deles, "*rasgadamente*" dissera que deixava ir os livros para o Arquivo de Guimarães de que Vieira Braga faz o rol, enunciando com gosto os livros de reguengos do concelho de Guimarães, o tombo "precioso" do convento da Costa e os seus emprazamentos, os livros do convento de Stª Rosa de Lima, de Stª Clara, etc.,etc.[97]

[94] Sessão de 9/3/1922, "Boletim", *Revista de Guimarães*, vol. XXXII. ed. Sociedade Martins Sarmento, Guimarães, 1922, pg.76-85.

[95] Alberto Feio, n.1882-m-1956, natural de Vila Verde, faleceu em Braga, formado em Filosofia (Coimbra), historiador, bibliotecário, director da Biblioteca Pública de Braga que remodelou e organizou e do Arquivo Distrital de Braga onde desenvolveu eficientíssima acção, membro da Academia de História e Arqueologia e da Academia das Ciências; fundou o Instituto Minhoto de Estudos Regionais, deixou obra de carácter histórico

[96] Francisco Martins, comerciante vimaranense, várias vezes director da Sociedade Martins Sarmento

[97] Alberto Vieira BRAGA, carta a A.P. 7/11/1931

Depois do almejado decreto da criação do Arquivo, que confia à guarda e direcção da Sociedade Martins Sarmento, sem encargo algum para o Estado mas com a obrigação de reunir, conservar, catalogar e facultar a leitura e consulta públicas os documentos e de os encorporar sob a orientação da Inspecção das Bibliotecas e Arquivos, é promulgado a 27 de Novembro de 1931, o decreto nº 20.577- que regulamenta o anterior, determinando no seu artigo 1º que à Sociedade Martins Sarmento são atribuídas , em relação ao Arquivo Municipal de Guimarães, os encargos de instalação, encorporação, material e pessoal e expediente (...); no artigo 2º que o Arquivo ficaria subordinado à Inspecção Geral das Bibliotecas e Arquivos e no artigo 3º, que o seu director seria de nomeação governamental, em harmonia com o disposto no parágrafo 1 do artigo 27 do decreto 19.952 e que este cargo poderia ser exercido em comissão de serviço por um conservador do Arquivo Nacional da Torre do Tombo que continuava a ser abonado dos seus vencimentos pelo estabelecimento a cujo quadro pertencia, sem direito a qualquer gratificação ou abono e que se corresponderia directamente com a Inspecção Geral das Bibliotecas e Arquivos; o restante pessoal seria contratado pela Sociedade Martins Sarmento conforme as necessidades que fossem surgindo. Entretanto já em Julho 1931, Alfredo Pimenta fora encarregue, de sob a direcção do Arquivo Distrital de Braga e de acordo com a Sociedade Martins Sarmento, iniciar os primeiros trabalhos para a "colheita e encorporação" de certos documentos [98]. Desenhava-se assim a sua nomeação para director, o que corresponderia a um "*sonho*", conforme terá confidenciado a Alberto Vieira Braga já que este, em carta de 18/X/31, antevendo essa função, lhe devolve esta expressão, afirmando a grande utilidade que tal nomeação seria para o Arquivo sob todos os pontos de vista. Também Eduardo de Almeida se congratula: em carta de 4 de Dezembro desse ano escreve: «*podes e vais prestar um bom serviço à terra*» .Mas avisa-o dos trabalhos que o esperam: « (...) *a instalação do Arquivo é difícil. Devias cá vir e assentar no que convinha fazer.*»

E realmente em 22 de Dezembro de 1931, Alfredo Pimenta é nomeado director do Arquivo.[99]

Além da trabalhosíssima tarefa de o organizar, enfrentou complicações de vária ordem devido à rede de interferências que os dois decretos originavam.

A primeira delas decorria directamente da dificuldade em harmonizar a guarda e posse do Arquivo no que dizia respeito, respectivamente, à sua sede e à independência do director subordinado apenas às esferas competentes da administração pública. Reflectindo a dificuldade da situação, depois da sua nomeação, Alfredo Pimenta no

[98] Sessão de 31 de Julho de 1931, "Boletim", *Revista de Guimarães*, nº3,vol.XLI,Julho-Setembro ed. Sociedade Martins Sarmento, Guimarães, 1931, pg.221.

[99] Alfredo Augusto Lopes Pimenta, 2º conservador do Arquivo Nacional da Torre do Tombo, nomeado por conveniência urgente de serviço para exercer em comissão o cargo de director do Arquivo Municipal de Guimarães nos termos do 1º do artigo 3º de Decreto nº 20.577 de 27 de Novembro último (Decreto de 22 de Dezembro de 1931, Diário do Governo nº 299, 2ª série de 28 de Dezembro de 1931).

Comércio de Guimarães no artigo intitulado «*Archivo Municipal de Guimarães*» de 19 de Janeiro de 1932, denuncia a inutilidade dos passos que dera, dentro dessas suas novas atribuições, "*passos perdidos*" e que um dia se haveria de fazer a historia desse assunto. Neste artigo que aparece transcrito em *A Voz* de 2 de Fevereiro de 1932 , explana a necessidade de o escrever: «*nomeado Director do Arquivo Municipal de Guimarães, fiquei sendo a ultima pessoa que a seu respeito devia falar, no momento actual(...)* porque em Guimarães, «*terra fadada para maus e tristes destinos, ninguem deu pelo acontecimento(...)*».Depois de traçar as linhas da criação do Arquivo e da sua nomeação para director põe o dedo na ferida:«*(...)A sede do Arquivo Municipal de Guimarães não está nas mãos do Estado: é propriedade da Sociedade Martins Sarmento. O que está nas mãos do Estado é o seu director, que por ele é nomeado e pago(...)Só quem ignora a história trágica da Biblioteca Municipal de Braga, pode negar o que há de vantajoso em libertar a Direcção do Arquivo das contingências e caprichos locais. A Sociedade Martins Sarmento tem autonomia completa e absoluta dentro do Arquivo – exceção feita das funções tecnicas do seu Director, (...)*» e justifica com lógica mas com o risco de ferir susceptibilidades: « *E compreende-se a exceção. Ninguem garante a qualidade erudita das Direcções da Sociedade. E desastre grave era que amanhã, por qualquer circunstância, uma Direcção incompetente interviesse na competencia do Director.Tanto ela, ressalvada aquela exceção legitima, tem autonomia completa e absoluta dentro do Arquivo, que pode se quizer, fechar-lhe a porta. Como pode, se quizer,não lha abrir(...)*». Referindo a sua própria nomeação, acrescenta: «*Se a escolha foi boa ou má, o futuro, pelos meus actos, o dirá (...)*» e, responsável e voluntarioso, proclama a sua intenção inabalável de pôr o Arquivo de pé: «*não preciso que me ajudem; mas é-me indispensavel que não me embaracem, nem com resistencias activas, nem com resistencias passivas. Deixem-me trabalhar – é o que peço(...)*». E ao terminar esta informação à cidade de Guimarães afirma a sua confiança nas qualidades e competências do então ainda presidente da Sociedade: «*Está actualmente à frente da Sociedade Martins Sarmento, uma direcção inteligente e activa presidida pelo meu querido amigo e ilustre vimaranense, dr. Eduardo de Almeida. É isto a garantia plena de que a cidade de Guimarães não viverá muito tempo sem assistir à abertura do Arquivo Municipal de Guimarães, ali na casa do Carmo, onde viveu e morreu o grande sábio Martins Sarmento, e onde eu, pobre e humilde aprendiz das letras, tentarei elevar à memória, o monumento eterno que a consagre, e lhe afirme a minha mais profunda gratidão de discipulo estéril(...)*».

E realmente, logo de imediato não fora a discrição e boa intenção da Direcção de Eduardo de Almeida, as complicações poderiam ter aparecido. Assim, Alberto Vieira Braga, ciente da quase certa nomeação de Alfredo Pimenta para dirigir o Arquivo recém criado por confidência deste, respeita-a e continua como se nada fosse a arrumação dos documentos da Colegiada em cestos que os transportariam para as estantes entretanto encomendadas. O seu critério para tal atitude era o de evitar os estragos que o bolor e a humidade do recinto onde jaziam fatalmente causavam e abrir caminho à futura catalogação. Reflectindo noutro ponto de fricção possível – o local para a instalação do Arquivo – não se furta a dar a sua opinião embora aponte as dificuldades

que surgiriam pelo entrecruzar de competências: o recrutamento do pessoal necessário para tal tarefa e que teria de ser feito entre o pouco existente na Sociedade, já com os seus horários estabelecidos, etc.[100]

A teia surgia complicada. Eduardo de Almeida, consciente da susceptibilidade temperamental de Alfredo Pimenta, mas também do seu alto valor cultural a que aliava uma certa influência política, tudo faz para evitar as colisões que os decretos criadores do Arquivo permitiam. E assim é, por exemplo, que entre esta correspondência se encontra apensa a uma das cartas a cópia da acta da sessão da direcção da Sociedade Martins Sarmento de 12 de Março de 1932 enviada pela própria a Alfredo Pimenta. Nela se havia deliberado suspender qualquer resolução em relação ao arquivo por várias razões, entre as quais a firme determinação da direcção em não continuar o seu exercício na Sociedade o que a dispensava de tomar decisões que pudessem contrariar o critério do director do Arquivo, «*por se tratar do nosso eminente consocio e ilustre conterraneo, Dr. Alfredo Pimenta*».[101]

Mas quando a 1 de Abril de 1932, o arqueólogo capitão Mário Cardozo é eleito para presidente da nova direcção da Sociedade, a harmonia que até então reinara, cessa. E o desfecho desse rompimento será a transferência do Arquivo Municipal para a Câmara Municipal como resposta aliás à iniciativa da nova Direcção da Sociedade Martins Sarmento**.** A 4 de Junho de 1932, pode ler-se no Diário do Governo, (1ª série), assinadas pelo Director Geral do Ensino Superior e Belas Artes, Dr. P. A. Monteiro de Barros, as correcções feitas aos artºs 1º e 4º do decreto nº 20.577 de 27/XI/31, por terem saído com inexactidões: Artº 1º -«*À Câmara Municipal de Guimarães são atribuídas em relação ao Arquivo Municipal de Guimarães, os encargos de instalação, encorporação, material, pessoal e expediente que, segundo o disposto no artº 27 e seus parágrafos do decreto nº 19.952 de 27/VI/31 cabem às corporações administrativas respectivamente aos arquivos distritais* »; quanto ao artº 4º, estipula-se que «*o restante pessoal é nomeado pelo Arquivo Municipal de Guimarães, conforme as necessidades de serviço.*». Transferia-se a superintendência do espólio documental tão longamente pertencente ou confiado à Sociedade Martins Sarmento para a Câmara Municipal e inseria-se na esfera de acção do Arquivo a competência para a nomeação do pessoal necessário. Evoluíra deste modo o processo da criação do Arquivo Municipal de Guimarães que teve foros de dor para a Sociedade Martins Sarmento que via fugir-lhe das mãos aquele bem precioso que durante tanto tempo conservara.

[100] Alberto Vieira BRAGA, carta a A.P. 18/11/31

[101] Sessão de 7 de Março de 1932, *Livro das Actas da Sociedade Martins Sarmento*, 26 de Março1927 a 6 de Dezembro de 1934,pg.53

Mas se Eduardo de Almeida, amigo de Alfredo Pimenta, cônscio do alcance que a criação do Arquivo tinha e até da importância da nomeação de deste, conhecido pela sua erudição e capacidade de trabalho, se remetera para a aceitação dos factos, nem todos tiveram a mesma visão e a mesma sensibilidade.

Por causa do subsídio que o Ministro da Instrução concede à Sociedade Martins Sarmento para pagar o ordenado de um servente que embora pertencente aos seus quadros transitaria para o Arquivo e ainda por causa da subsequente sugestão de Alfredo Pimenta para que fosse atribuída à Câmara Municipal a responsabilidade do Arquivo de modo a evitar conflitos acerca do pessoal cujo pagamento era da responsabilidade da Sociedade, Mário Cardozo responde com bastantes pedras na mão. Depois de considerar, com arrogância, que o Ministro não tinha de se meter no assunto, pois não sabia se a Sociedade teria ou não dificuldades em manter o arquivo, insinua que o subsídio atribuído se destinava a colocar no Arquivo os protegidos de Alfredo Pimenta e, mais ainda, que o bibliotecário da Sociedade era mais do que suficiente para tratar do Arquivo, não sendo preciso que os conservadores da Torre do Tombo viessem de vez em quando de Lisboa a Guimarães fingir que o dirigiam.[102] Aliás, curiosamente, já em sessão da direcção, Mário Cardozo apontara a incompatibilidade dos decretos criador e regulamentador do Arquivo considerando que este último desprestigiava a Sociedade. Recebera inclusive, o voto de confiança unânime da direcção para propor à Câmara que tomasse conta do Arquivo, o que veio a acontecer pelo despacho já referido. Este despacho respondia ao ofício da edilidade de 21 de Maio em que se usava o argumento que lhe fora apresentado por Mário Cardozo da insuficiência financeira da Sociedade para arcar com as despesas que o arquivo exigia...

A intolerância de Mário Cardozo para com Alfredo Pimenta que aliás, lha retribuía sem hesitação, talvez tivesse tido origem nas críticas que este lhe fizera a algumas das suas teses arqueológicas. Agravara-se possivelmente com os diferendos surgidos com as comemorações do centenário do nascimento de Martins Sarmento que levariam Alfredo Pimenta a publicar um artigo contundente contra a nova presidência da Sociedade no jornal da capital *A Voz*, de *19* de Agosto de 1932. Este escrito causara profunda impressão em Guimarães, segundo o *Comércio de Guimarães* de 23 desse mês, que enfileira por Mário Cardozo. Como resposta à tomada de posição do jornal, Alfredo Pimenta, escreve em 26 invocando a lei da imprensa que o conflito era apenas entre ele e o Presidente da Sociedade, em nada tendo a ver com a direcção ou com a própria Sociedade. Solícito, o *Comércio de Guimarães* esclarece que não tivera a intenção de ofender Alfredo Pimenta, tão só dar apoio moral a uma Casa que julgava ofendida; no entanto, se o litígio se cingia às duas pessoas, então retirava-se do assunto nas suas mãos. Mas a 30 desse mês de Agosto o *Comércio de Guimarães* insere a rectificação que a Direcção da Sociedade tornara pública. Com efeito esta, manifesta a sua unânime solidariedade com o Presidente em reunião extraordinária de 27 de Agosto, estando aliás o referido titular do cargo ausente. Afirmam serem da responsabilidade da Direcção

[102] Reunião da Direcção de 1 de Abril de 1932, "Boletim" *Revista de Guimarães*, op. citª , nº1-2, XLII, Janeiro a Junho, 1932,pag.105

todas as resoluções tomadas e «as respeitantes ao Centenário de Martins Sarmento e ao Arquivo Municipal de Guimarães». Em Setembro, Alfredo Pimenta responde que perante a solidariedade entretanto reiterada se considera desligado do compromisso que havia assumido com *alguém que muito estimava, de não agravar o conflito* e, que de volta a Lisboa, na posse dos elementos, iria poder esclarecer a verdade dos factos para que Guimarães ficasse inteirada. E realmente, a 13 de Novembro de 1932, no *Notícias de Guimarães*, publica as notas trocadas entre ele e o presidente da Sociedade com os comentários que a sua pena ágil e ácida permitia. Mas primeiro esclarece: tinha havido, sim, divergência de pontos de vista entre ele próprio e a Direcção da S.M.S. Salientando que divergência de opiniões não são conflitos. Por isso só surge conflito quando o Presidente da S.M.S lhe envia para Lisboa uma *Nota* injuriosa precisando que ela era da sua exclusiva responsabilidade. Como não tivesse relações pessoais com o Sr. Mário Cardozo, porque as cortara, responsabilizara a Direcção pedindo *ipso facto* a demissão de sócio correspondente da Sociedade e de vogal da Comissão do *In Memoriam* a Martins Sarmento. No entanto, dentro da Direcção não se verificara, segundo parecia, a completa concordância de todos os membros da Direcção, segundo A. L de Carvalho que, em carta a Alfredo Pimenta de 19 de Maio desse ano, assim o confessa. Assume que sabia da nota particular da presidência, mas desconhecia os seus termos e que com estes, ninguém na direcção era solidário. Mas pedia-lhe para não complicar a questão, deixando-se de atitudes *hirtas, inatingíveis* (sic) porque afinal o que interessava era salvaguardar o Arquivo e a sua instituição na cidade de Guimarães.

Na linha de Mário Cardozo, estava Francisco Martins, pertencente ao colégio directivo da Sociedade, que no *Comércio de Guimarães* de 31de Maio de 1932 assina umas pequenas considerações um tanto ou quanto ingénuas acerca da evolução que os arquivos portugueses começavam então a viver. Acusa veladamente a anterior direcção da SMS *de um pouco de precipitação ou irreflexão* quando permite que o Arquivo saia da sua alçada pendurando-se no argumento "salvador", a possibilidade de funcionar sem ónus para o Estado. Para isso, lembra, se havia dirigido ao Ministro da Instrução que acolhera com muito interesse as sugestões e préstimos da Sociedade decretado a criação do referido Arquivo. E, numa antevisão pouco sábia, evoca a suficiência de meios que a Sociedade oferecia: um anexo onde se podia instalar o acervo documental, sem acréscimo de despesas e uma infra-estrutura burocrática bastante ao movimento que o Arquivo tinha: diminutas consultas e procuras. Avança com dados estatísticos: em média anual, os documentos da Colegiada eram requeridos por quatro estudiosos e quatro foreiros, os do Notariado, por ninguém, os Paroquiais, tinham em média dois consultores e os das corporações extintas, um apenas...[103]

Mais tarde, numa visão de especialista e com perspectiva histórica sobre o progresso que antevia para o Arquivo, o Prof. Doutor José Mattoso, foca a importância deste organismo e a feição que pudera tomar pela sua criação em 1931. Caracteriza-o como "anomalia" dentro do sistema arquivístico português. Sendo um arquivo municipal

[103] Francisco MARTINS, Arquivo Municipal de Guimarães, *Comércio de Guimarães*, 31 de Maio de 1932

guarda um sem número de documentos que normalmente só deveriam existir num arquivo distrital: um fundo eclesiástico de monta como o da Colegiada de Nossa Senhora da Oliveira, documentação antiga e variada e os livros paroquiais e notariais e judiciais do concelho, o que o torna caso único no país porque, ao contrário de outros arquivos municipais que, sem cobertura legal e por razões pontuais se apropriaram indevidamente deste tipo de documentação, este tem-na legalmente, pelo decreto que o criou. Na sua opinião, esta originalidade dever-se-ia à concorrência de três factores: o vigor com que os cónegos da Colegiada resistiram à ordem centralizadora do governo liberal que fez com que o grande Herculano andasse pelo país a exigir a transferência da documentação local para o Arquivo da Torre do Tombo, a existência de um organismo cultural dos mais antigos e prestigiados da nossa terra – a Sociedade Martins Sarmento que pôde receber em depósito os milhares de códices, maços de documentos e pergaminhos antes de ser constituído o Arquivo Municipal e a influência política de Alfredo Pimenta que, apesar de ter feito a sua vida em Lisboa, não se desinteressando nunca dos assuntos da sua terra natal, soube obter os meios de proteger, arrumar e classificar o imenso espólio que veio a formar o Arquivo Municipal, hoje com o seu nome. Salienta ainda que este arquivo foi, durante várias dezenas de anos o único em Portugal que sob o impulso do seu primeiro director, sustentou uma Revista – o *Boletim de Trabalhos Históricos* – que desde 1933 se foi publicando (e continua a publicar-se) em que vieram à luz os inventários de grande parte dos seus fundos, o que na opinião do douto professor o coloca também em posição ímpar no panorama arquivístico português.[104]

O trabalho da instalação do Arquivo Municipal foi de monta.

A par da acomodação, inventariação e catalogação houve o problema da sua sede. A direcção da Sociedade Martins Sarmento presidida por Eduardo de Almeida destinara-lhe a casa de Martins Sarmento: «*(...) Nós estávamos a começar a instalação do Arquivo na casa de Martins Sarmento. Tinhamos arrumado com a má cara do Feio a respeito da casa, e arrancado a promessa de virem da Direcção Geral de Finanças de Braga (geral ou distrital) os documentos de Guimarães que lá se encontram. Mas como é de direito, esperamos agora a tua intervenção. Era conveniente, logo que possivel que te investisses no cargo e assumisses a direcção da instalação. Assim ficaria melhor, e segundo o teu critério, mesmo para o futuro, saberes o meio em que te tenhas de mover. Julgo que neste assunto, vou ao encontro dos teus desejos(...)*»[105] Ora esta escolha não era a mais conveniente uma vez que o Arquivo saísse da alçada da Sociedade como aconteceu: «*(...) ainda não tinha principiado a aninhar-se, e a aquecer o lugar, logo eu, perante as impertinências e as insolências da Senhoria, a Sociedade Martins Sarmento, tratei de procurar para ele nova casa(...)*», explicará Alfredo Pimenta no dia da inauguração do Arquivo; «*(...) e aí vai o pobre Arquivo, como judeu errante à busca de poiso seguro.*

[104] José MATTOSO, n.1834, "Arquivo Municipal de Guimarães", inédito para cuja referência se obteve permissão directa do Autor, em carta de 18 de Julho de 2001, escrita de Timor Lorosae a Maria Teresa Pimenta

[105] Eduardo de ALMEIDA, carta a A.P. 4 de Dezembro de 1931

Depois de dificuldades várias, instalou-se num edifício da Rua de Santa Maria. Respirei: via-o inteiramente livre dos seus inimigos directos. Já os trabalhos de arrumo, inventariação e catalogação estavam adiantados, quando a Câmara Municipal me pergunta se quero o edifício dos antigos Paços do Concelho, para sede do Arquivo. Acedi imediatamente. Era a instalação definitiva, por que eu tanto ambicionava. Toca a desfazer o que se fizera, a desarrumar o que se arrumara – e eis - nos em nova peregrinação (...)»[106].

Como se vê, foi trabalhosa a instalação do Arquivo. Sem delongas, sem desistências e perdas de tempo por tantos contratempos, Alfredo Pimenta, fazendo jus à sua capacidade de trabalho e método deitou mãos à obra: logo em 2 de Fevereiro de 1932, podemos ler no *Comércio de Guimarães* que haviam começado os trabalhos de catalogação e arrumação do Arquivo Municipal e que encarregue desta «*espinhosa missão estava o Sr. Rodrigo Pimenta sob a direcção do seu irmão, o erudito publicista, Dr. Alfredo Pimenta*» encontrando-se o espólio documental na casa de Martins Sarmento. Em 15 desse mesmo mês, uma pequena nota de Rodrigo Pimenta no *Noticias de Guimarães* informava que o arquivo ainda não se encontrava à consulta do público. E no discurso da inauguração, Alfredo Pimenta conta os trabalhos infinitos a que haviam procedido: recebendo da Sociedade a documentação a trouxe e mouxe em cestos de verga que logo se despejavam no soalho de um dos quartos afectos a esse propósito, haviam procedido à elaboração de três catálogos em simultâneo: um de localidades, outro cronológico e o terceiro, sumário de documentos. E elogiando a colaboração do seu irmão Rodrigo diz: «*(...) eu conhecia as predilecções do espírito do sr. Rodrigo Pimenta. Por isso o chamei. Não me iludi. (...)*», «*(...) Eu arranquei o Arquivo à incúria e ao desperdicio; mas o sr. Rodrigo Pimenta fez de um monte inacessível de papelada, um sistema orgânico de informações históricas(...)*».

E a 14 de Outubro de 1934, inaugurava-se com solenidade o Arquivo. Na longa lista de convidados para a cerimónia, muito concorrida, houve inúmeras baixas notando-se as ausências de membros da direcção da Sociedade e de alguns sócios entre os quais avulta a de Eduardo de Almeida; por cansaço ou por enredo nas tensões que se desenharam nas esferas cultas da cidade vimaranense dividida relativamente às questões suscitadas pela criação do Arquivo e nas que opuseram Alfredo Pimenta a Mário Cardozo nos anos seguintes. Certamente terá ajudado à solução do impasse a que as interferências dos decretos criadores do Arquivo mostravam poder conduzir, a nomeação para a Comissão Administrativa da cidade de Guimarães, em Outubro de 1931, do conhecido advogado da cidade, Dr. João Rocha dos Santos que demonstrou grande compreensão pela importância do Arquivo, tal como se verificou em relação ao Museu Alberto Sampaio imprimindo às relações entre aquelas duas instituições e a edilidade um clima de colaboração. Em ofício de 11/6/32, dirigido à Câmara, Alfredo Pimenta louva a actuação desta garantir a manutenção e a autonomia do Arquivo e promete fazer o que estivesse ao seu alcance para

[106] Alfredo PIMENTA, Discurso na Inauguração do Arquivo Municipal de Guimarães, *Boletim de Trabalhos Históricos*, ed. Arquivo Municipal de Guimarães, 1936,vol 5° (Boletim de Trabalhos Históricos,1936, 5° fasc° o n° das páginas: 199 -209) pg.117.

corresponder à alta compreensão demonstrada para com as funções que ele exercia. Do mesmo modo, em artigo de 18/8/32, na secção Tribuna Livre de o jornal *A Voz*, ao enaltecer a acção de Alfredo Guimarães à frente do Museu Alberto Sampaio, sublinha a actuação da Câmara para com o Museu, sem a qual o seu director não teria conseguido colocá-lo no nível que descreve nesse artigo.

A camaradagem literária entre Eduardo de Almeida é tónica nesta correspondência pelo menos até 1933, altura em que diminui drasticamente a frequência das cartas que compõem o conjunto que possuímos. Mas ao longo delas, são numerosos os pequenos cartões de simples boas-festas que acabam com «*um grande abraço fraternal*» atestando a presença recíproca nas datas em que a festividade remete para a afectividade. Relatos de incidentes mínimos como quando conta a cambalhota do automóvel que o transportava num serviço de advocacia e lhe fizera um galo na cabeça: «(...) *escrevo-te de cabeça atada. Apanhei um pinhão na nuca, melhor na moleirinha que me deixou zaré: porque isto só em calão. E mais foi num automovel, de regresso de um serviço jurídico*(...)»[107]; o interesse que manifesta a quando da agressão de que Alfredo Pimenta foi vítima por parte de Aquilino Ribeiro [108], em pleno Chiado :«*Meu caro , meu bom e velho amigo, recebo os teus livros e leio ao mesmo tempo nos jornais a estranha notícia da agressão de que foste vítima. Que estupendo processo de luta literária! Abraço-te comovido e maguado.*

«*Causou aqui profunda impressão o mais que lamentável acontecimento.(...)*»[109] ou ainda quando se entusiasma com a polémica travada em 1925 entre Alfredo Pimenta e o Bispo de Bragança.[110]Avisado pelo próprio amigo, corre de imediato, embora sem êxito, à tipografia onde a "*Eminência Brigantina*" (sic) imprimia os seus escritos, pois já se esgotara tal como acontecera com o número do *Semeador* [111].

Esta polémica que deu brado pela contundência com que os dois participantes se enfrentaram tratava da posição e orientações do Centro Católico face à Republica Portuguesa. Portugal vivia então a politica de abrandamento

[107] Eduardo de ALMEIDA, carta a A.P. 13/3/1928(?)

[108] Aquilino Ribeiro, n. 1885, m. 1963, escritor, romancista; em 16 de Abril de 1923 em pleno Chiado (Lisboa), frente à Livraria Bertrand, Alfredo Pimenta é atacado, de repente, à bengalada, por Aquilino Ribeiro que, descontente com uma critica literária de Pimenta à sua obra, pouco antes, no jornal lisboeta *O DIA*, recorre àquele meio para manifestar a sua "discordância"… Da agressão inusitada, resultaram seis pontos na cabeça de Alfredo Pimenta e a retenção no Governo Civil do agressor. Alfredo Pimenta, regressado do curativo e conduzido pela Policia ao Governo Civil, declarou não apresentar queixa contra alguém que só conhecia pela Literatura... Este atentado mereceu o repúdio geral da sociedade portuguesa e da Imprensa, inclusive do diário republicano *O Mundo* que "odiava" Alfredo Pimenta.

[109] Eduardo de ALMEIDA, carta a A.P. 20/4/1923

[110] Polémica entre Alfredo Pimenta e o Bispo de Bragança e Miranda, D. Jusé Lopes de Faria suscitada pelo livro do primeiro *A República Portuguesa em face da Igreja Católica e a Politica do Centro Católico*, ed da Acção Realista Portuguesa, depositária Livraria Portugal-Brasil, Lisboa, 1925; na *Revista de Guimarães*, op. cit ª ,n° 1-2, XXXVI, 1926, pgs.33,81

[111] Eduardo de ALMEIDA, cartas a A.P., 20/5/1925 e 22/7/1927

do Estado republicano face à Igreja Católica e esta envidava todos os esforços para retomar a influência que fora posta em causa pela ideologia republicana na Constituição de 1911. O Centro Católico surgira como associação de católicos destinada a reivindicar nas assembleias legislativas os direitos e as liberdades da Igreja e por isso achava conveniente que os cidadãos e instituições católicas pactuassem com os governos republicanos, o que Alfredo Pimenta considerava incompreensível e um erro tremendo. Fazendo a análise exaustiva da Constituição da 1ª Republica salienta nela o mais feroz anti-clericalismo e o mais feroz processo demolidor da Igreja, o que para si impunha a total incapacidade dos católicos colaborarem com ela, mesmo que fosse para conseguirem as suas liberdades como pretendia o Centro Católico e algumas Instruções Pastorais. Esta opinião dirigia-se ao Bispo de Bragança que defendera precisamente a orientação politica do Centro. O prelado atingido, reage usando como arma ofensas pessoais à obra e à personalidade do seu crítico. Este que se situara no campo da teoria, partindo da tese de que *«nunca a ciencia social ensinou a subordinar os factos às teorias: são estas que se têm de aclimatar aos factos. Os factos podem na sua interpretação subordinar-se às teorias. Por isso as teorias são falíveis, transitórias, contingentes – e muito mais o são quanto mais alheadas dos factos»* afirmava inclusive, que não lhe repugnava que à Igreja fossem indiferentes as formas de governo em si, mas considerava que ela não podia ser indiferente aos métodos utilizados, aos objectivos e aos princípios que estes serviam e propagavam. Estriba-se em Leão XIII quando distingue entre governos superiores com legislação má e governos fracos com legislação boa para defender que a Igreja não pode enfeudar-se a formas de governo; pode e deve cooperar para a manutenção e recuperação daquelas formas que melhor servissem Deus e a sociedade portuguesa. Era de opinião que a Republica portuguesa tinha como um dos seus objectivos a guerra ao catolicismo, que não podia ser escamoteada pelas deferências diplomáticas iniciadas no efémero momento da 'monarquização' da Republica a que uma bala assassina pusera termo. Confessa até, que embora continuasse a ser monárquico, não hostilizaria a Republica caso ela respeitasse e servisse Deus, não lhe recusando colaboração julgada necessária. Mas verificava que não podia ajudar a Republica portuguesa porque ela preconizava uma sociedade sem Deus, o que, na sua opinião, era catastrófico e determinava a sua própria condenação. A orientação do Centro Católico era, na sua tese, incoerente e inadmissível, sobretudo quando chegava ao ponto de considerar que os católicos não podiam ter nem opinião nem conduta fora dele. O Bispo classificara de folheto com argumentações desonestas, escrito em mau português o livro em que Alfredo Pimenta, com apoio da ciência e da filosofia, defendia as suas ideias. Dirigia-se-lhe o prelado como a um Sr. Pimenta qualquer. Alfredo Pimenta glosando o nome do seu antagonista, responde que o Sr. Bispo de Bragança é que era um sr. Faria qualquer, um senhor Lopes Leite de Faria qualquer, e até para resumir um sr. José qualquer, ou melhor um simplesmente Zé Ninguém. Sublinhava que ele, Alfredo Pimenta, para ser o que era, não precisara de ser Bispo de Bragança. Acrescenta que não vai ligar aos impropérios, tão só aos argumentos que lhe apresentasse.

Esta discussão ficou na história das polémicas portuguesas pelo alto nível a que a argumentação e a própria língua portuguesa atingiram para já não mencionar a causticidade usada que fazia as delícias dos interessados no assunto, naquela época[112].

Também o ofício de escrever é matéria para troca de impressões. As cartas revelam o interesse com que Eduardo de Almeida seguia as publicações de Alfredo Pimenta que aliás não se esquecia de lhas enviar. Por exemplo, quando recebe o volume intitulado *Estudos Filosóficos e Críticos*,[113] colectânea dos *rodapés* do *Diário de Noticias*, faz ou promete o comentário atento:« *O teu livro, a obra maravilhosa e formidavel de critica e de saber, foi-me entregue logo. Eu é que não queria escrever-te senão uma longa carta, em que te desfiasse as minhas impressões. Ainda não acabei de o ler o que levarei em conta apenas, da meticulosidade com que o estou fazendo, dia a dia, de vagar e atento. Fica essa carta para os jornais e seja esta de boas festas(...)»*[114]. Necessitando escrever e publicar, Eduardo de Almeida troca impressões, desabafa quando se sente incapaz de escrever e pede bibliografia de apoio para os seus livros. E já em 1924, pode ler-se numa interessante carta o que será a continuação de troca de ideias sobre o tema de algum romance em projecto de Eduardo de Almeida: *«Meu caro Alfredo, Ora nem mais. Balzac, falando nas mulheres, não escrevia romance, descrevia, com exactidão scientifica. Imitava do natural. Era um grande homem - Balzac.(...)» Flaubert? Peor. E não sou Flaubert...(...)»*e depois de contar a "dor" em que estava para escrever, pede-lhe: *«Olha: tens algum livro moderno e seguro sobre a educação feminina, na tua estante, e que possas mandar-me já, já, pelo correio? Precisava muito (...)»*. Encontrava-se em transe de escrita e confidencia:*« (...) Sinto-me a envelhecer. É trágico. Agora, que eu talvez começasse a começar!...Falo em arte, em livros. Tenho alguns cá dentro, no coração do cerebro. Mas escreve-los... Um capítulo de novela é para mim uma enormidade. São dias seguidos a matutar, a apanhar, a estudar. E depois rabisco. Sai mal. Rasgo. Escrevo outra vez. Ao fim de meia dúzia de periodos fico exausto - porque não reproduzo fielmente. As palavras amontoam-se, terriveis, inertes, mortas, banalissimas. Corto, emendo. Passo a limpo. Ao fim de bastantes dias - que horror. Talho. Emendo, recomponho. Vai à máquina. Vê-se melhor, ressalta o som. E guardo - porque se torno a ler, para mim, a ler para criticar-me, rasgava definitivamente.(...)«(...) Quando a morte vier ainda estarei no segundo capítulo (...)»*[115]. Este romance será aquele que veio a ter por título "*Vida de Sombras*"[116], conjunto de três novelas em que Alfredo Pimenta encontrará *«páginas formidavelmente goyescas (...)»* [117] e que foi objecto de uma autêntica luta para ser editado. Nesta luta participou Alfredo Pimenta a cujos bons ofícios Eduardo de Almeida recorreu, como

[112] Alfredo PIMENTA, *A Politica do Centro Católico e a minha resposta ao Senhor Bispo de Bragança*, ed. Acção Realista Portuguesa, Lisboa, 1925

[113] Alfredo PIMENTA, *Estudos Filosóficos e Críticos*, Imprensa da Universidade, Coimbra, 1930, c/ prefácio do Prof. Doutor Ricardo Jorge

[114] Eduardo de ALMEIDA, carta a A.P.,23/12/1930

[115] Eduardo de ALMEIDA, carta a A.P., s/ data, mas no sobrescrito, o carimbo indica 26/2/1924

[116] Eduardo de ALMEIDA , *Vidas de Sombra*, Famalicão, 1929

[117] Alfredo PIMENTA, *Páginas Minhotas*, op.citª, 1° ed e 2° ed, respectivamente, pgs53 a 56 e 75 a 78

«meu irmão de vigilias literárias desde Coimbra, não te esqueças(...)» em quatro cartas (6/9, 19/9, 22/X de 1927)-, 4/V/1929-129,) pedindo a intervenção junto do Dr. Campos Monteiro[118] que teria influência no editor Fraga Lamares ou como alternativa, já que o precedente não resolvia o assunto, junto dos Teixeiras da Clássica Editora dos Restauradores. Lembra até, para ajudar às diligências que sugeria a Alfredo Pimenta, que estes editores haviam sido muito bem tratados por si na *Revista de Guimarães* a propósito do Fialho de Almeida. Embora se perceba através destas quatro cartas, que Alfredo Pimenta ia fazendo o que o Amigo lhe pedia, o que é certo é que não se conseguiam respostas satisfatórias e Eduardo de Almeida atravessava o calvário dos autores que encontram pela frente aqueles afazeres dos editores que os tornam mudos e surdos aos apelos dos criadores: *«A edição deste meu livro é para mim um ponto essencial na minha vida literária. Não é bom, por certo, mas não é peor do muito que afanosamente se edita, reedita e proclama. Trabalhei-o com muito amor, rasguei, talhei, sem piedade, obra de muitas noites, penei e sofri sobre as páginas até lhes dar uma feição que ainda não é, mas se aproxima do meu desejo».* E explica*: são duas novelas, como sabes, mas eu ando a escrever uma terceira novela, um esboço de mulher, figura no Minho muito conhecida, a irmã do Padre, que se sacrificou para viver com ele e se deixa a seu lado envelhecer , virtuosa e casta. A novela é dada em duas pinceladas, na hora da morte do Padre»* .E justifica o seu desejo em se ver editado:*«Eu tinha a maior urgência em que me editassem o livro. Não pelo dinheiro, esse triste dinheiro dos escritores portugueses, nem pela imortalidade de uma noticiasinha de favor nos jornais. Mas por mim mesmo, para eu continuar a escrever.* » E já farto, remata: *«senão mando-me cavar batatas. E talvez tirasse mais proveito.*

«Penhoras-me pois, escrevendo com força e decidido empenho ao dr. Campos Monteiro.(…) » Depois pensa, sem esperança, na Livraria Bertrand por ela estar *«obstinadamente fechada ao livro escrito para apenas se dedicar à imagem, à gravura, ao macaquinho. Com os Lelos acontece a mesma coisa: é a cinematografia literária (...)».* Já no meio do ano de 1929, torna a aludir à Bertrand embora insista sempre no editor do Porto, Fraga Lamares, até que chega a hora em que é editado e surge então a inquietação do autor que se vê nos escaparates das Livrarias mas que ainda não ouviu referências nenhuma à sua obra finalmente saída do prelo: *«(...) O meu livro está à venda em Lisboa, há já alguns meses, e, há mais tempo mas ainda não vi, a não ser no Janeiro, nem uma linha de referência. Tens conhecimento de alguma? Não queres dizer duas palavras?*

«Não me tens dado noticias dos teus. Levo a bom agoiro o silêncio.(...)»[119]. Mas a resposta não se fez esperar e logo em 25 desse mesmo mês, nova carta:*« (...) obrigado por quanto me dizes em tua carta, agora mesmo recebida. Fico em sorriso espiritual, na ânsiosa espera do artigo.(...)»*[120]. E o artigo surge dizendo quem é para si, Eduardo de Almeida, o

[118] Abílio Campos Monteiro,n.1876,m.1934, médico, polígrafo, sócio do Instituto Histórico do Minho e da Associação de Jornalistas e Homens de Letras do Minho

[119] Eduardo de ALMEIDA, carta a A.P., 19/2/1930

[120] Eduardo de ALMEIDA, carta a A.P., 25/2/1930

Amigo de longa data, identificando-o em termos da história literária, comenta o então aparecido livro: *«(...) ...Vida de Sombras, que não só consagra o nome de Eduardo de Almeida, ou porque já está consagrado no conceito de alguns, ou porque o Público cansado, exausto de consagrar medíocres e parlapatões, já não sabe distinguir o oiro do pechisbeque, esgota as edições dos idiotas, mas ignora as páginas formidavelmente goyescas do escritor vimaranense.*

«Confesso o meu acanhamento ao escrever estas palavras porque Eduardo de Almeida marcou com antecipação, o seu lugar na vida de amanhã - e eu, eu... não sou ninguém.

«Mas cumpro um dever assinalando o aparecimento deste volume Vidas de Sombras.... porque são duzentas páginas de valor imortal. As novelas chamam-se Zarinho papa, Samonde, alfarrabista; Epigrama.

«Se me é lícito ter preferências , se não me falha a competência para a escolha - eu digo que os meus gostos vão para as duas últimas novelas, e, entre as duas, para a última.

«Eduardo de Almeida é um poeta. Nunca fez versos, creio eu. Mas não é preciso saber rimar, para se ser poeta..

«Eduardo de Almeida é um poeta. É um poeta da familia dos tenebrosos - Poe, Gerard de Nerval, Swinburne, almas que o "Fatum" envolve em sombras, temperamentos em que o mel mais loiro e mais doce sabe a triaga, e os ouvidos para quem a jota mais Quintero tem tons de responso. As novelas de Eduardo de Almeida são telas encarvoadas que estão a pedir a colaboração de Goya, do Goya mais macabro e alucinante.

«São poemas de delirio pessimista - em que se não fala de Morte nem de Cemitérios, mas em que sopram cataclismos de tragédia, devastadores...

«E o estilo? O estilo - rico em excesso, talvez, tão rico que chega a roçar pelo raro , - o que prejudica em meu fraco entender, o livro. Das três novelas, a que se ressente mais disso é a primeira. Eduardo de Almeida deixou-se seduzir pelas tendências regionalistas, no sentido do uso dos modismos provincianos, em tanta abundância, que obscurecem a frase e impacientam o leitor. Abstraindo disso, - o estilo, no negrume do conjunto, veste com efeitos sugestivos surpreendentes a melancolia quase fatidica, que envolve e penetra a alma do Artista.

«A gente lê, em via de regra, alguns desses livros que a turba exalta e quase sempre observa: eu já li isto algures - no Eça?, no Camilo? no Zola? no Anatole France? no Fialho? no D'Annunzio? no Dostoievsky? ou no Rosalindo Candido?. « As páginas de Eduardo de Almeida são dele: só dele, e de mais ninguém. Não há vestígios, não há pégadas, não há sombras, nestas 200 páginas, doutrem (...)».[121]

No espólio epistolar de Alfredo Pimenta que se manteve na posse da sua Família até ser doado ao Arquivo Municipal Alfredo Pimenta em 2005 as cartas de Eduardo de Almeida dirigidas a Alfredo Pimenta, rareiam a

[121] Alfredo PIMENTA, *Páginas Minhotas*, op.cit[a], 1[a] ed e 2[a]ed.respectivamente,pgs.53-56 e pgs.75 a 78

partir de 1933.[122] A partir desta data, Eduardo de Almeida publica mais dois romances, ou melhor, dois volumes de novelas *À sombra do Cruzeiro*,[123] e o *Edecetra*[124]. Outros trabalhos surgem, repartidos pela sua colaboração na *Revista de Guimarães*, no *Comércio de Guimarães* e no *Notícias de Guimarães*, bem assim como conferências acerca de vimaranenses ilustres ou personalidades que à cidade vinham em missão de cultura. Mas um facto se nota na exaustiva bibliografia de Eduardo de Almeida que o arqueólogo Mário Cardozo publicou em 1958[125] : há uma perda de intensidade na actividade literária de Eduardo de Almeida a partir dessa data de 1933 até sensivelmente 1940. Aliás em carta de 10 de Outubro de 1932, o escritor acusa o seu cansaço escrevendo: *«(...) tu ralhas-me como se eu ainda andasse por este mundo! A vida morreu para mim, embora, muito infelizmente eu não morresse para a vida. Mas, no além do espirito, a saudade dos amigos estiola a noite da saudade na memória do coração (…) «Obrigado por tudo quanto fizeste e poderás fazer pelo meu filho (...)».*

Dezoito anos passam sobre este lamento escrito precisamente no difícil contexto da criação do Arquivo Histórico Municipal fora da alçada da Sociedade Martins Sarmento e no dilema que terá sido para ele a fidelidade à amizade por Alfredo Pimenta e a sua delicada situação dentro da Sociedade.

As cartas desta fase final têm sempre em pano de fundo o interesse recíproco sobre o bem estar de ambos que incluía o estado de saúde própria e dos familiares, os sucessos alcançados nos mais pequenos acontecimentos, a compreensão dos momentos de desânimo que a tarefa de viver provoca, desgastando as forças, levando ao desejo do reencontro com algum paraíso perdido: *«A tua carta impressionou-me extremamente. Diz-me de ti, meu velho, dá noticias com urgencia. Tu tens gasto tanto coração!...E depois há momentos de um tam infinito e doce cansaço. Foi numa hora assim, diz, que te lembraste da tristeza de um pequeno cemitério aldeano. Eu guardarei a tua carta para que a leias...*

[122] Como já foi referido, as três cartas distribuem-se respectivamente pelas seguintes datas: em 4 /9/1935, agradecendo os parabéns que A.P. lhe envia pelos seus trinta anos de formatura em artigo no *Noticias de Guimarães*, «*Obrigada pelas tuas palavras a respeito dos meus trinta anos de formatura, no Noticias de Guimarães. Sendo a tua colaboração a que dava autoridade ao número que foi triste lembrança de amigos – rapazes, elas foram justas e nobres, mas, e sobretudo, verdadeiramente sinceras e amigas .Deixa lá que a vida nos apartasse, há muitos contados anos, a ti para uma vida literária gloriosa e intensa, até alcançares um dos mais gloriosos nomes do nosso tempo, a mim no arrasto de vicissitudes purcelosas, e nem te embaraces na distancia aparente do mundo dos nossos pensamentos – como há trinta anos contados, o nosso sentimento de amigos não se alterou, nem apartou, nem distanciou. Obrigado. (…)*»; em 27 /7/1944 confessando o seu estado de espírito deprimido:« *A tua carta comoveu-me. Não é figura literária dizer que os olhos se enevoaram de lágrimas. E o cansaço da vida, exaustiva e desiludida, que terá apenas como epitáfio de que "um homem que se enganou no caminho»", um pouco falho como advogado – por ter veleidades de arte, mas falhou como artista -. por ter de advogar, secou-me os olhos. Mas lembrei-me do que fomos, das horas em que sonhamos puramente – numa vida pura. / Não. Tu não erraste o caminho. De ti ficam páginas literárias, que desafiam os séculos, e viverão, frescas e belas, pelos tempos além; de ti fica a soma enorme dos teus procedimentos e a profusão de ideias que prodigamente lançaste. (…)*» e finalmente em 15/5/1950, agradecendo os pêsames pela morte da sua Mãe e dando conta de dois trabalhos que tencionava publicar na *Revista* e para os quais conta com a opinião do amigo .

[123] Eduardo de ALMEIDA, *Á sombra do cruzeiro (Novelas),* Famalicão, 1945

[124] Eduardo de ALMEIDA, *O Edectera, (Novelas),* Famalicão, 1952

[125] Mário CARDOZO, Eduardo de Almeida, *Revista de Guimarães*, op. cit[a], vol.68, pags 38 a 43

no meu espólio. Escreve (...)»[126], Mantém-se assim o carácter de humanidade e intimidade fraternal que desde o principio se encontra nesta correspondência.

Em 1951 Alfredo Pimenta é trasladado para a Capela da Madre de Deus, (Azurém), um ano após a sua morte, depois do intenso combate que foi a sua vida.

Junto da sua campa, encontrava-se, silenciosa e comovida, a figura alquebrada de Eduardo de Almeida. Certamente no adeus ao Amigo, revivia aquela faceta de si mesmo que, nascida da interpelação recíproca e empática frente ao enigma em que consiste o viver e que é mister resolver, não se repetiria e ali descia também à sepultura.

As Fontes e a Bibliografia consultadas estão referenciadas nas Notas ao texto.

[126] Eduardo de ALMEIDA, carta a A.P. 3/7/1924

CARTAS INÉDITAS

de

EDUARDO DE ALMEIDA

a

ALFREDO PIMENTA

1901/2 – 1950

TRANSCRITAS DO ORIGINAL POR MARIA TERESA PIMENTA

Com a colaboração

de

MARIA DA MADRE DE DEUS PIMENTA REYNOLDS DE SOUSA

2008

Advertências

1ª - Na transcrição das cartas mantêm-se a ortografia de Eduardo de Almeida e a sequência cronológica; quando não existe indicação de data, é seguida a arrumação do arquivo particular de A. P., às vezes imperfeita; para resolver dúvidas, o critério foi procurar referências elucidativas nas próprias cartas, bem como o seu enquadramento em factos biográficos ou de natureza política, cultural e social que permitissem levantar a hipótese de uma data.

2ª - A numeração das cartas, da responsabilidade de quem as apresenta, foi feita para facilitar a sua abordagem.

3ª - Grande número de cartas termina com cumprimentos para a Mulher de Alfredo Pimenta: para evitar a multiplicação das notas de rodapé, identificamos aqui esta Senhora com quem Alfredo Pimenta casou em 21 de Maio de 1904 em Coimbra: Adozinda Correia de Meneses Soares de Brito de Carvalho (1884-1962)

4ª - Siglas utilizadas A . M.A. P. (Arquivo Municipal Alfredo Pimenta).

5ª - Obras Consultadas:

- *Boletim de Trabalhos Históricos,* Arquivo Municipal de Guimarães, nº1 e 2 XIII, Guimarães,1951

- *Boletim de Trabalhos Históricos,* Arquivo Municipal Alfredo Pimenta, XXXIII,1982

- *Catálogo da Exposição Bibliográfica de Autores Vimaranenses,* Guimarães, 1953

- *Catálogo da Exposição Bibliográfica de Autores Vimaranenses (secs. XIX e XX)* realizada pelo Convivio – Associação Cultural e Recreativa, Guimarães, Ed. Convivio, 1976

- *Dicionário Cronológico de Autores Portugueses, III,* Inst° da Biblioteca Nacional e do Livro, Ed. Publicações Europa-América, 1994

- Daniel Pires, *Dicionário da Imprensa Periódica Literária Portuguesa do século XX (1900-1940)*, Grifo, Editores e Livreiros Ldª, Lisboa, 1996

- *Grande Enciclopédia Portuguesa Brasileira,* Editorial Enciclopédia, Lisboa - Rio de Janeiro

Agradecimento

Estas cartas estiveram na posse da nossa Família até Dezembro de 2005, data em que foram doadas ao Arquivo Municipal Alfredo Pimenta (Guimarães) juntamente com todo o espólio epistolar deste escritor. Ao transcrevê-las levantaram-se questões para cuja solução agradeço pela sua permanente disponibilidade

aos Exm°s Senhores entretanto falecidos, e de grata memória

Dr. Joaquim Santos Simões, Presidente da Sociedade Martins Sarmento,

Francisco Ramos Martins Fernandes, Director da Sociedade Martins Sarmento,

João Martins da Costa Aldão

e ainda a

Dr.ª Maria Teresa Malheiro, directora do Arquivo Municipal Alfredo Pimenta

Mestre Maria José Meireles, conservadora do Museu Alberto Sampaio

Dr.ª Maria da Madre de Deus Pimenta Reynolds de Sousa

Eng.ª Maria da Madre de Deus Pimenta Reynolds de Sousa

D. Eduarda Fernandes, da Sociedade Martins Sarmento

Funcionárias do atendimento ao público do Arquivo Municipal Alfredo Pimenta

As Cartas

Nota: As três primeiras cartas (1,2 e 3) não têm indicação de ano. Mas podemos situa-las entre 1901 ou 1902 e 1903 baseando-nos na evocação de Alfredo Pimenta num artigo publicado no *Correio do Minho* e depois editado no seu livro póstumo *Páginas Minhotas* [1] em que relata o começo da sua amizade com Eduardo de Almeida

1.

Coimbra, 2 – Março (sem indicação de ano)

Meu caro Alfredo

Costuma-me immenso o importunar-te e muito principalmente com estas estopadas de dinheiro. Resolvi já só me servir para isto da tua boa amizade quando isso me fosse necessário em absoluto. E, francamente, o caso dá-se e sobejam-me os motivos para d'esta vez me confiar à tua paciencia. Imagina que eu tenho de entregar hoje os vinte mil reis à casa e tenho apenas quinze em meu poder. Como vês, d'esta feita, a necessidade aperta porque de forma alguma me convem retardar tal pagamento. Imagina mais que eu já dependurei no prego a minha corrente e o meu relogio e estou assim sem fontes absolutamente algumas de receita. N'estas condições, bem vês, eu carecia do teu favor de cinco mil reis. Há uma única coisa por que não me custa pedir-te dinheiro. É a certesa de que está seguro e o possues em determinado momento, ao passo que tendo-os tu podes facilmente gasta-los ...em livros – está bem de ver. Não te posso, uma vez emprestado, restituir em uma só verba, mas dar-to-hei a pouco e pouco conforme puder. Assim não ficaremos prejudicados. Eu pedia-te mais que m'os mandasses pelo Gonsalo[2]. E desculpa não ir pessoalmente busca-los mas preciso muito de dormir. Vê tu, meu caro, como sobre mesquinhas questões de dinheiro se pode alargar uma carta. Não há nada mais banal, é certo. Mas, quem me dera poder ler as cartas de tantissimos homens – e principalmente dos maiores – e rebuscando bem na papelada, lá figurariam trapalhadas como estas. É mal de toda a gente. Que o diga o Camillo[3] e o Heine[4].

Adeus. E perdoa-me.

Teu dedicado

Eduardo d'Almeida

2.

Coimbra – 11, Março (sem indicação de ano)

Meu caro Alfredo

Precisava muito de 1800 rs. Caso m'os possas ceder sem impedimento é grande favor.

Entrega-os ao portador.

Amigo e creado

Eduardo d'Almeida

3.

Coimbra, Maio – 19 (sem indicação de ano)

Meu presado Alfredo

De todas as vezes que tenho recorrido à tua generosidade, é esta que tem mais razão de ser em vista da extrema e humilhante penuria do meu bolso e da necessidade de satisfazer a inadiaveis compromissos. Dou-te a minha palavra d'honra (a serio) que estou com a corda na garganta. Queria 5.000 rs. Se m'os puderes dispensar fazias, neste momento, a minha felicidade. Mas, Alfredinho, não digas estas vergonhas a quem só merece que se lhe conte a poesia da vida que sorri, abrindo as rosas, por estes dias de maio. Este lyrismo é de fome. Ainda não almocei e sam 3 da tarde. Só como às 5. Imagina! Se ahi não tens todo o dinheiro manda me o que puderes. Amanhã ou logo me darás o resto. Que o Gonsalo[5] não saiba. Eu só te posso pagar no fim do anno lectivo – lá para quando do acto.

Podes-me valer? É uma esmola. E desculpa o velho maluco que, sendo teu dedicado amigo, é uma verdadeira carraça de chatice.

Teu

Eduardo de Almeida

4.

3 – dezembro – 1904

Alfredo Pimenta

Dans cette heure suprême, d'un éclat doré,

Quand les fleurs s'eparpillent au vent, sans couleur,

Je viens, doucement, dire très bas a ton cœur

La fête d'amour, gaie, de mon esprit effréné

Ma tristesse te fête, l'ame te bénit

Pour que ton chaud foyer reste ainsi toujours,

Eternelle Château de l'Honneur et d'Amour,

Le berceau des enfants, l'hospice des amis.

Les jours s'écrouleront. La nuit de ma vie tombe.

Passant, j'entrerais baiser lês petits charmants,

Si douces que les fleurs de neige des couchants,

Pour, dépuis, m'enfuir dans ma pauvre sombre.

Je reviendrais par ici un jour lointain…

Eduardo d'Almeida

(Na aula de Direito Internacional

Nota: as duas cartas que seguem 5 e 6 serão possivelmente do ano lectivo 1904-05 porque algumas alusões que nela se encontram, levam-nos a concluir essa possibilidade:

1° - a alusão à estada de Alfredo Pimenta em Lisboa que decorreu entre Maio e Setembro de 1904: recém-casado e sem êxito nos exames resolve vir para Lisboa tentar o Curso Superior de Letras; instala-se numa casa na Rua de São Domingos à Lapa e arranja trabalho no *Jornal da Noite*,

2°- a referência ao livro *Ara* de António Correia de Oliveira que se edita em 1904, o que, sem ser determinante para a precisão da data (1904) , pode ser hipótese.

5.

Guimarães, 18 de Julho (s/ indicação de ano)

Meu bom Alfredo

Chegaria a hora em que o meu espirito, francamente despreocupado, puderá dizer-te da minha vida? Façamos a experiencia.

Eu tinha-te já advinhado no "Jornal da Noite"[6] quando a tua carta e teu irmão me vieram confirmar que me não enganára. Sob o nome de Anselmo Junior tive, largo tempo, as minhas duvidas. Será o Alfredo? Não será o Alfredo? Um perfil foi afinal a revelação inilludivel.

Parabens, sinceramente. Nem o teu nome, nem a tua posição entre escriptôres, soffrem a minima quebra. Um homem honesto trabalha sempre honestamente. Tu careces de trabalhar e enobreces-te comprehendo-o e realisando-o na mais perfeita harmonia com os teus ideais e com os ideais dos teus dedicados amigos.

O "Jornal da Noite", apesar da sua orientação politica, é um jornal que se pode ler. Tem boa grammatica e bom senso. Com a tua acquisição tudo lucrou - fica perfeita a grammatica, creou-se a litteratura, amordenisou-se a forma e o bom senso eleva-se, como a Verdade, por entre aquella chusma de mesquinhas coisas politicas.

Foi por isso que te advinhei.

Tenho de demorar-me ainda em dizer-te o que penso sobre o teu livro. Leio-o e relei-o aos pedaços, porque tenho receio que aquellas ondas puras de revolta me embriaguem mais do que o permitte o meu isolamento neste detestavel meio. É um sonho que, ancioso, eu busco e de que violentamente me arranco, como se te abraçasse em todo o fogo da minha saudade.

O Antonio Correa d'Oliveira[7] mandou-me o "Auto de Junho" e a "Ara". Julgou-me redactôr do "Commercio de Guimarães", mas, como a dedicatória é tam só para mim, guardo os livros e critica-los-hei. Por isso te pedi a direcção para o poeta. Quem é o maluco que faz visões no "Jornal da Noite" e quem o infame que escreve as parolissimas criticas ao Theatro Nacional?

De mim que te direi eu?

Ando a praticar no escriptorio do Dr. Marques[8]. É um intelligente e um honesto, sabes? Receio o futuro e quero ganhar o meu pão. A cidade mata-me. Estes ares, esta vida, o eterno fervilhar de tanta podridão...domina-me, esgota-me. Sou um foragido, sou como que um criminoso que deseja ardentemente a Verdade.

Li o teu artigo sobre a Sociedade Martins Sarmento[9] e agradeço-te as referencias amaveis. Perdoa-me, mas foste um pouco duro. O Dr. Meira[10] e o Abbade de Tagilde[11] tem feito tudo quanto a sua intelligencia, a sua situação, a sua politica admittem e consentem. Se não fossem os seus esforços Martins Sarmento[12] seria, para a cidade,

o cidadão pacato, anormal, incompreensivel a quem a morte, brandamente, arremessára ao cemitério. Está a Sociedade cumprindo a sua missão? Não, nem é possivel para elles. Eu só os elogio pelo que teem feito e oxalá, meu sancto Alfredo, que, no futuro, eu ou outro saibamos realisar o mais importante da obra que elles iniciaram, satisfazendo assim as nossas ambições e, caso eu ali figure, alegremente acabe e entusiasticamente trabalhe pelo que que é a nossa ambição e te agradeça assim o pesado encargo que as tuas palavras amigas me crearam.

O outro pequeno artigo que o "O Povo de Guimarães"[13] sobre mim publicou, e que julgo ser teu, commoveu-me pela sinceridade, pela espontaneidade e pelo imprevisto. Mas, crê-me, eu desejo ser homem de bem apenas por aquillo que eu faça e não por aquillo que de mim se diga.

Ficam para outra carta as restantes considerações que este ponto me offerece.

Trato ardentemente da publicação do meu livro.[14] É um pedaço da minha alma que anda a apodrecer pelas gavetas e que eu desejo ver reanimado e fecundo.

Tenho descansado bastante. Vou agora dedicar-me ao trabalho.

Escreve-me muito. Tu não imaginas facilmente, tu que vives ao lado duma esposa sanctissima, o que seja o horror, a magua, o desespero do que amou loucamente e canalhamente se vê abandonado, trahido, escarnecido e calcado por aquella por quem emprehendera a cruzada do Bem, ao lado de quem se revoltara. Este desastre enorme que de há um anno me vem abalando todos os dias e a todos os instantes, arruina-me inteiramente. Quando hoje vejo passar, safada prostituta, camarada de soldados e amante de caixeiros e pulhas, sinto-me enloquecer. O homem é tão miseravel, tão indigno de si mesmo, que adora eternamente os lábios que, uns dias beijou com a alma e cujos beijos por barato se compram agora e que, atravez todas as dêbacles duma amante que se embebeda e duma mai que se leiloa por baixo preço, vê ainda a forma immaculada dos seus sonhos, a virgem sempre pura, a mulher constante enamorada.

Vilesas do meu coração, Alfredo. E à fidelidade ao levianismo e à infamia.

Adeus.

Apresenta os meus respeitos a tua Exmª esposa e recebe um abraço

do teu velho amigo

Eduardo d'Almeida

6.

Guimarães – 22, julho (sem indicação de ano)

Meu caro Alfredo

Escrevo-te no escriptorio do Dr. Marques[15] porque estou hoje só e não apparecem clientes, que, na verdade, viriam a mau conselheiro. Então porque não escreves? Não recebeste duas cartas minhas? Devias ter recebido.

Principiei hontem, como me promettera, uma vida regular e sã de estudo. Levanto-me a horas de almoçar. Entro para aqui às 10 e meia e saio às 3 para jantar. Às 4, eu e o meu livro, vamos passear até à Fonte Sancta que foi sacrilegamente fechada com uma grade, pintada a branco e vermelho pelo sr. António da Costa; sentamo-nos n'um banco e desatamos à palestra até às 7 horas. Descemos, deixo-o n'uma loja e vou-me para o jardim. Às nove e meia chá. Das 10 às 11 e tal trabalho no meu escriptorio. Cama- e leitura de antes de apagar a luz o que faço ahi pela uma. Durmo, inconciencia e, de quando em quando, a competente insomnia para ir acabando este malfadado espirito.

Tenho-me convencido da necessidade absoluta de casar. Mais socego de coração, mais tranquilidade na vida, o ideal purissimo do lar... Mas, que queres?, não é empreza facil. Onde a coragem para desarreigar do cerebro aquella imagem fatidica que o perverte? Quando casar quero offerecer à noiva uma bem simples coisa – a honestidade sancta do meu amor para a certesa de que caminharemos unidos e meigos para o Bem e para o Futuro.

Perdoa-me a divagação – quando, antes de vir para aqui, passei por ella notei que me olhava duma forma estranha. Estive a traduzir-lhe o olhar e acertei com esta pequenina formula – "Estás gordo, meu pandego. Não te custou, hein? Vestes tam mal para um bacharel que se apruma !... Pobre diabo!"

Doi isto, como diria o Silva Pinto.

Tenho lido a fugir o "Jornal da Noite"[16]. Os teus perfis sam correctos e lindos. Cultiva essa forma d'arte que te sais bem n'ella. Não ficam mal entre clarões de revolta e cruzar de raios, os pequeninos versos que cantam as pequeninas coisas. E a mulher é um thema eterno e moço eternamente. Como te dás por essa Lisboa? O calor afugentou as gentes d'ahi, não é verdade?

Não te esqueças da direcção do Correa d'Oliveira[17] .

Gostei do Auto de Junho. Depois te direi porque. Ainda não li a Ara. Mandaram-me do Porto uns livros revolucionarios. Vou lêr. Penso, para depois da publicação do meu romance, em encetar um outro. Tenho andado a esfumar-lhe a directriz. Obra não de evangelização popular, para os nossos campos. Faltam-me, por ora, elementos porque não possuo quintas.

Ver-se-há o que é possivel fazer-se.

Julgo ter-me desonerado da demora, escrevendo-te trez cartas. E não fico satisfeito ainda.

Vou fazer uma consulta para uma pobre mulher protegida do Gonsalo[18].

Amanhã vou a uma vistoria com o Dr. Marques[19].

Os meus respeitos para tua Exmª Esposa.

Teu velho

Eduardo d'Almeida

Nota: As cartas 7, 8 e 9 serão do ano lectivo de 1905-1906 pois pode presumir-se que:

Quanto à nº 7 :

a) a revista a que se alude será a *Era Nova*, semanário do NEA (núcleo anarquista dos estudantes de Coimbra), em que colaboram além de Alfredo Pimenta, Campos Lima e Eduardo de Almeida. O 1° número desta publicação é de 3 de Fevereiro de 1906 e os colaboradores são: Alfredo Pimenta, terceiranista de Direito, Ângelo Vaz, médico, António Luís Gomes da Silva, quintanista de Direito, Araújo Pereira, actor do Conservatório, Bento de Faria, jornalista, Campos Lima, quartanista de Direito, Eduardo de Almeida, advogado, Emílio Costa, estudante de Engenharia, Ernesto Carneiro Franco, segundanista de Direito, tal como Gonçalves Preto, Joaquim José de Oliveira, bacaharel em Direito e professor de liceu, Luciano de Castro, actor, Luis Soares, farmaceutico, Manuel de Oliveira, médico, Pulido Valente, secundanista de Medicina, Romulado Figueiredo, actor, Rosalina Ferreira, aluna de Belas Artes de Lisboa e Simões Coelho, actor do Conservatório. No n° 11 da Revista, lê-se a informação que, devido à ausência de Campos Lima, a correspondência durante as férias da Páscoa, deve ser enviada para Alfredo Pimenta, cuja morada é Bairro de São José, 35, Coimbra, o que coincide com a indicação do Anuário da Universidade de Coimbra para o ano de 1905-06. A título de curiosidade, verifica-se a colaboração de Guerra Junqueiro num artigo intitulado "O que é a vida" no n° 19. O último número desta revista data de 30 de Junho de 1906 e Alfredo Pimenta mantém a sua colaboração. Embora a revista seja de 1906, é de admitir que já em 1905 começassem a pensar nela;

b) - revela a intenção de abrir escritório em Outubro (o que viria a fazer).

Quanto à carta nº 8:

a) a alusão à filha mais velha de Alfredo Pimenta que nasce a 4 de Abril de 1905.

Em relação à carta nº 9:

(a– a referência ao seu projectado romance, *Na Lama,* anteriormente citado, que veio a ser editado em 1905

7.

Guimarães, 10 de Julho (sem indicação de ano)

Meu caro Alfredo

A minha entrada na vida prática é significativamente amargurada. Principio a sofrer do figado. A bilis derramou-se pelo organismo e tratam-me os medicos duma ictericia. Passei hoje o dia a caldos de gallinha e copos de leite. Emmagreço. O Ribeiro, ao provar-me o fato de verão, foi encurtando as medidas. Recebi uma carta do Theófilo Braga[20] em que, além de excellentes conselhos, me dispara um rude golpe de desengano – pouco lhe falta para me chamar cavalgadura.

Mais um bacharel formado que naufraga.

Vou-me deitar. Não tenho força nem luz nos olhos para tam acre epistolographia.

Não é já aquelle Eduardo robusto, de pança conselheiratica e cadeia d'oiro, com bom riso franco, leal, ousado, forte, este Eduardo que te escreve. Passei a noite em tormentos de febre e calor.

Recebi a tua carta. Da melhor vontade collaborarei na revista. Mas, as revistas em Portugal andam com pouca sorte. Não vos posso ajudar com dinheiro porque empobreci. Envergonha-me de pedir dinheiro ao meu Pai. Comprehendes...

Tenciono abrir banca em outubro. Em agosto parto para a Povoa de Varzim. Escreve muito.

Recomendações para tua Exmª esposa.

Saudades

Do teu velho companheiro

Eduardo d'Almeida

8.

Povoa do Varzim – 19 de Agosto (sem indicação de ano)

Alfredo

Se eu não attribuisse a uma amizade ciumenta o teu bilhete postal, teria n'elle motivos para me indignar. Como bom e caro amigo tu precipitas-te, por vezes, numa impensada negação do que mais intensamente caracterisa a nossa solidariedade. Comettes a ingratidão de escrever "Eu já fazia mau conceito de ti", phrase um pouco desculpavel em cartas de namoro, mas duma incoerencia positiva nas tuas e nas minhas. Não o pudias fazer, o mau conceito, sem que, desde logo me votasses ao despreso da tua honestidade. Queixar-te das duas magras cartas que te escrevi durante dois meses e meio, não te recordando talvez que a primeira te noticiava a minha doença, ou seja, a minha impossibilidade de correspondencias gordas e philosophicas.

Depois, devendo contentar-te do silencio a convicção de que, se melhorara, o meu tempo estará dedicado a algum trabalho absorvente, como de facto, foste naturalmente enraivecer-te pensando–me em olympica vadiagem.

Não serei eu, meu caro Alfredo, que levarei a mal tais preocupações. Ellas apenas sustentam mais a muita amisade, a imensa amisade que nos liga. Eu, mesmo ferido, agradeço-te. E não percamos mais tempo com pieguices. Em Setembro regresso a Guimarães. Repito-te a noticia porque ella significa – em setembro principia a vida! Tenho-me armado de coragem. Nem uma das minhas ideas vacila. Os principios, que me determinam, affirmam-se com nova robustez. Eu serei na vida pratica o que fui na theoria. Tenho commodamente pensado. Veiu a hora dos sacrificios para que os pensamentos vinguem. Não te illudo com projectos – tu saberás, lentamente, como os vou realisando. Persiste a idea de fundarem uma revista? Não faltarei com o artigo.

Até breve.

Um beijo para tua filha[21] e respeitosos cumprimentos para tua Exmª Esposa

Teu dedicado amigo

Eduardo d'Almeida

Largo de São Roque, 27

9.

Eduardo d'Almeida

Advogado

Guimarães – 25 de Setembro (sem indicação de ano)

Meu caro Alfredo Pimenta

Tu não conheces, tu não sabes, por mera intuição e sem engano, "todas as bellas asperesas, todos os grandes preconceitos, todas as feras e todas as pombas" da vida pratica. Fazes simplesmente romance triste e o que te anceia como demasiada angustia e como a agonia culminante não é senão um segundo bem ephemero, desespero quasi esquecido, gota das lagrimas que se choram. Os clamores torturados do cerebro amesquinham-se quando os confrontamos com as dores reais, sam phantasmas poeticos da miseria positiva. As ideas esmagam-se no distender infernal dos sentidos. Eu, que tanto phantasiara sobre a *dêbacle* humana e me arregimentara na revolta decidido a lutar, desci a esta noite e apavorei-me. Os meus olhos e os meus ouvidos, o meu coração e o meu cerebro, alongaram-se, prescutaram, bateram como se um mundo novo surgisse do fundo dum calice de absyntho a gemer num vento de tempestades. A minha cegueira viu, a minha surdez ouviu e o meu sangue gelou-se. Os evangelistas, em que eu me fôra educar, abandonaram-me. Procurei-os de novo. Folhei-os avidamente e na anatomia das lettras eu encontrava somente cadaveres de prophecias, sonhos honestos de ocio, palavras redundantes. – Que queres tu que eu faça, Kropotkine?[22] A vida é má: O capitalista rouba o operario. És advogado? Pois, sabe que os códigos beneficiam o burguez. Se tens alma, segue-me."

-Porque aprendi nos teus livros, é que eu vim, n'esta hora, evocar o teu nome e a tua doutrina. Mas, ensina-me. Como serei eu um Revoltado? Como hei de eu caminhar pelas tuas paginas, se tu lavras sentenças e não me dás conselhos? Se fallas em nome da theoria e eu te reclamo para que me ensines este caso concreto?

Sombras do Hamlet! Bons e sanctos philosophos! Encaixotara um peculio enorme de tarefas. Convencera-me de que a minha sciencia bastaria a acalmar as situações melindrosas; de que o meu credo levantaria os humildes e eu marcharia com elles, olympico, para a Cidade Futura; de que os meus punhos, crispando-se, atterorizariam a infamia e de que a minha figura indignada confundiria a inepcia...

O scenario é novo. Outros os personagens. Differente o drama que terei de representar. O romance, em que trabalho ajudar-te-há a comprehender o meio. O Burgo Pôdre[23] foi um elogio. Quem disse tam pouco mal ia quasi sabujando a terra. Metti-me no Porto, uns dias a refazer-me da impressão e a compor um programma. Ao cabo d'algumas horas de martyrio, resolvi desistir. Elle será, meu bom irmão, a realização theorica do meu temperamento de doutrinario. Como? Eis a difficuldade sem resposta. Esta gente evita-me. Presentiu e acautellou-se. Alguem, que veio d'ahi com cartas de bacharel da mesma data das minhas, venceu instantaneamente. Por

enquanto, é um talento de futuro. Brevemente te noticiarei um genio com massa. Não o invejo e comprehendes porque. Mas, lembro-me da fome!

O embaraço maior do nosso credo está em realisa-lo. A mais pequena idea accionando constitue, à face dos códigos e na consciencia dos burgueses, a propaganda pelo facto. Escuta-me bem, Alfredo: Eu entrei na vida, nesta outra vida, com a mesma força, a mesma convicção e o mesmo empenho. Os desastres morais não me intimidam – estimulam-me. Se tu me conheces a valer, não sonhas sequer que seja possivel transformar-me ou que um jornal te surprehenda com a noticia da minha candidatura a deputado. Não é uma questão de brio ou de honestidade; é a logica de um temperamento. A minha psychologia não se altera. Pode, por inadaptação, enfermar mas nunca descair. É por isso que antigamente os heroes morriam nas fogueiras. Vagarosamente, porque se não caminha depressa na cidade, ir-te-hei noticiando a obra. Principiei-a, como pareceu razoavel, por mim proprio. E, quanto foi permittido pelo statu quo, libertei-me no captiveiro economico. Duma conversa com meu Pai[24] resultou que eu, do dia 1 de Outubro, ganho e não recebo, a título de filho familia, rendas para extravagancias. Tenho ido a Vizella beijar meu filho e, semanalmente, procurarei fazer d'elle um homem como eu. Vai entrar na escola e tenho conferencia aprasada com o professor. Escuso de minuciar–te que a lei principia a tolhêr a educação. Os programmas sam religiosos e os exames indispensaveis. Procura os sabios e pede-lhes a carta d'alforria ou uma receita.

A tentativa d'amor livre abortou. A rapariga, no fim de julho, pensava em trair-me e tive as provas concludentes de que o seu affecto visava unicamente as notas de banco que lhe entregava. Rompi logo com o negocio. Eis no que se resume o meu romance intimo: as mulheres abandonam-me. Hontem uma, já agora outra.

Não tenho podido escrever a carta promettida sobre o livro. Tu a receberás um dia.

Agradecendo a profunda amizade que me ditou a tua carta, crê sempre

no teu amigo Eduardo d'Almeida

10.

(carta em parte ilegível)

Taipas – 12 do decimo mez dum supposto anno de 1905

Alfredinho da minha alma e Pimenta

Ah!, meu filhinho, escusas de agradecer-me estas carta. Nem ella é, como já percebeste, de forma alguma resposta àquella que tam intima e sinceramente escreveste (rima nº 1) ao teu amigo, creado, venerador, attento e obrigado (rima nº 2), amen. É que, diz.se assim nos discursos graves e a datar da fundação da universidade, nossa sancta mai, eu estou à espera dum toque, sim, um toque de relogio – 6 e meia – para me dirigir à sala de jantar do hotel da cidade do Porto, onde vim, onde estou, onde me installei até amanhã de manhã, se Deus quiser.

Passar o tempo a illudir a fome. A fome! Ahi tens um maravilhoso tema de dissertação. Acabas agora de almoçar ou de jantar? Sabes o que é a fome, miseravel? Sabes? Também eu sei. Nós sabemos, olá quanto o sabemos. O Feio não fornecia a crédito... O Feio era feio a valer.

Estou a estragar-te o espirito com semelhantes estapafurdias. Tem paciencia, meu amigo, deixa-te bocejar, mas contempla assaz, Ih! assaz..., a chatice, a realidade, o ámago da existencia e dos estomagos. Isto que tu lés é a philosophia de Comte[25], de Braga[26], de...de Almeida Telha. Um homem à espera da sopa é um manancial de idealismo erguido (é tam doce erguer!) sobre as mais terraplanas positivices. É um homem, sim é um homem...à espera da sopa (João Chagas)[27]. A sôpa? Mas a sopa não é um alimento, a sopa é uma história. A medicina francesa, com Maurice zzzzzzzzz (saíu asneira) de Fleury[28] a commandar , detesta a sôpa como inutíl. A sôpa leva trigo e o trigo faz mal não sendo torrado. Todavia, eu quero sôpa e Maurice de Fleury se aqui estivesse levaria sôpa tambem.(---)

II.

Nota: carta presumivelmente de 1905, por falar na crise de fígado que poderá ser a continuação da aludida nas cartas nº 7 e 8 e também por se revelar eivada do socialismo anarquista e utópico que marca as cartas dos dois primeiros núcleos desta correspondência;

– não encontrei notícia da revista a que a carta faz referência como projecto: possivelmente não passou de o ser;

Guimarães – 30 de Dezembro (sem indicação de ano)

Meu caro Alfredo Pimenta

Não é hoje ainda aquelle dia em que eu te direi, com o bom humor sereno de um philosopho de provincia, o que tem sido, há alguns meses, esta tormentosa mocidade. Se o meu restabelecimento intellectual se pode reputar em vias de facto, a saude phyisica, alquebrada e rebelde, tem para muito tempo, porque, enquanto a alma dilacera, o corpo aguenta-se ... e depois, caida a furia do cerebro, reclama, queixa-se, vai-se à pharmacia e ao medico a concerto no relogio. Presinto que, em oito dias, a ictericia me atacará com mais empenho que na primeira arremetida – esta noite descobri-lhe os symptomas, que me não alarmaram porque as emoções foram asperrimas. Mas ... a crise passou e a crise era fatal. Deu-se o combate da vida e eu venci – para lutar pelos homens, para me sacrificar porque o dever me impoe que seja victima. Passemos de largo sobre isso e conversemos do nosso jornal. Envio-te o extracto fiel de duas cartas:

Meu caro Gonçalo Meira[29]

Porque estou convencido que um jornal, se tiver a guia-lo um firme proposito e se robustecer em regras exactas de lealdade e justiça, é um dos mais directos e genericos meios de elevar pelo ensino a miseria humana, buscando o triumpho seguro, na evolução politica, dos nossos ideais, resolvi iniciar a empresa dum que, orientado pelo dedicado esforço da minha alma, enquanto trabalho obrigatorio do pão e do espirito me fornece ainda algumas poucas horas de descanso, submentendo-o integralmente a esta linha concisa – a sciencia e a arte condusem o homem á melhoria do seu estado e preparam-no para que, com todo o amor, entre na luta pela vida, que é, bem analysada, a luta pelos novos horizontes da nossa fé e das nossas ilusões. Espero da tua parte um companheiro prestimoso e um voto de incansavel auxilio e a elle vou, desde já, recorrer, distribuindo-te uma das tarefas que deve ser a mais reflectidamente pensada, exigindo uma serie ampla de estudos – quero fallar do plano economico e financeiro, do programma technico e administrativo, da architectura do edificio. Rapidamente esboçarei os pontos que se me apresentam como indispensaveis e aos quais tu accrescentarás aquell'outros que o estudo te demonstrar ou a experiencia te aconselhe: processo de publicação (bi-semanal, semanal e quais, nestes dois

casos, os dias preferiveis, quinsenal ou mensal; caracter, numero de folhas, tiragem, revista ou jornal, illustrado ou não; meio de venda, (assignatura, avulso ou misto); formato (papel, typo, divisões, etc.); impressão (contracto com a typographia); empregados ao serviço externo (vendedores, numero, ordenado; expediente (livros de contas, recibos, cintas, talões diversos, paga da despesa do correio a dois correspondentes um de Lisboa e outro do Porto); quadro geral da despesa; lista de assignantes; preço de venda suas varias divisões (com importes do correio e cobrança postal); terras em que deve de preferencia encontrar-se com facilidade para o publico; jornais, revistas e casas editoras a que devem enviar-se exemplares; quadro geral da receita provavel. Sobre os diversos casos seria de agradecer que expusesses com fundamento o teu alvitre de forma a julgar se constituido com a tua resposta o programma da administração. E, como para o estudo sam necessarios alguns livros, que depois ham de tornar como que a bolsa da casa, podes adquiri-los, ficando corrente e limpa a escripturação. Hoje mesmo escrevo ao Rodrigo Pimenta[30] que desejo nos fique associado, pedindo que se reuna e collabore contigo. Agradecendo-te a extrema generosidade com que vais satisfazer-me e recordando-te que o tempo que gastares será bem empregado, assigno-me

Teu velho amigo".

Meu caro Rodrigo Pimenta

Tencionando fundar um jornal que advogue as ideas do anarchismo e interprete a justiça humanitária, sem mais programma que a rigorosa verdade scientifica, lembrei-me de pedir ao meu amigo, porque lhe reconheço orientação positiva e intelligencia superior ao preconceito ruminante, a sua desinteressada ajuda na empresa. Hoje mesmo escrevo ao Gonsalo Meira, a cujo cargo por certo ficará confiada a parte administrativa, descrevendo-lhe o plano base – economico e financeiro – e chamando para elle o seu estudo. Mas, desejava que o meu caro o auxiliasse e, por commum accordo, resolvessem os varios assumptos que submetti ao seu criterio. A acrescentar ao ligeirissimo esboço que fiz n'essa primeira carta, devo dizer-lhe que me empenho em deitar á praça obra limpa. A parte litteraria far-se-há sem dispendio de capital, mas a parte artistica, objectivada, demanda o pagamento de contas – gravura, impressão, etc. Se o jornal tivesse de illustrar ou eu esperaria do Abel Cardoso[31]a sua direcção competentissima e publicariamos alguns desenhos, entregaria ao José de Meira[32] a caricatura dos typos e rivalisariamos com os melhores Suplementos e Parodias da terra; espalhar-se- iam, pelo corpo do jornal, nos titulos das secções permanentes, ornatos de effeito; procurar-se- ia a novidade appetitosa, moça, attrahente. Todas estas despesas é conveniente que sejam maduramente analysadas. E, para complemento, se os meus amigos se dessem ao trabalho de estudar a lei da imprensa e saber o custo de uma habilitação legal tinhamos cordenados os preparatorios da obra. Aguardando a sua excellente camaradagem, creia-me seu amigo."

Os homens trabalham, em segredo, com vontade. Mandar-te-hei dizer o resultado que me apresentarem. Fallei já ao Abel, que acceitou alegremente a direcção artistica. Tenho concluido o plano geral da materia. Tu, meu caro

Alfredo, tens o jornal às tuas ordens. Para o primeiro numero desejava um artigo scientifico, economico por exemplo. Vais pensando n'isso?

Não me esqueci do dia dos teus annos. Elle me trouxe um assomo ephemero de relativo bem estar. Prometti que iria a Coimbra e irei a Coimbra festejar os teus annos, que se fazem quando os amigos apparecem no primeiro momento disponivel dos proximos meses. Então te contarei o que é impossivel reduzir em cartas ... mesmo do tamanho d'esta. Escreve. Recomendações para tua Exmª esposa e um beijo para tua filha.

Teu velho amigo e irmão

Eduardo d'Almeida

12.

Nota: presume-se que esta carta será de 1906-07, pois Eduardo de Almeida que já habitava Guimarães alude apenas à primeira filha de Alfredo Pimenta, o qual virá a ter o seu segundo filho[33] em Maio de 1907.

Guimarães – 11 de Janeiro (sem indicação de ano)

Alfredo

Teu irmão veio a correr e muito aflicto ler a carta em que, como derradeira vontade talvez, lhe exigias que nada revelasse ao "Eduardo e ao Gonsalo"[34]. Cumpriu elle o seu dever e não cumpriste, meu infeliz, o teu com tal prohibição. Eu desculpo-te e vou responder-te, não com a farta rethorica que me seria facil adquirir para acompanhar as tuas lagrimas e a arte superior da tua carta, mas servindo-me d'aquella serenidade ajuisada de que me pareces necessitar. E lamento, quero confessart'o , que me coagisses ao dever de te chamar ... pusilanime. Isso que intentavas fazer era uma cobardia indigna do teu caracter.

Estou certo que escreveste aquelle testamento num momento de desespero e excitação cerebral. Viste a miseria em lugar de experimentares a força dos teus musculos, viste a pacata inercia do tumulo, como um burguez pullido, quando puderias inquirir do valor da intelligencia e da utilidade dos trabalhos que produzes. Achas commodo, e quem o negará?, um ridiculo tiro de pistola, tu homem positivo, leitor de Comte,[35] idealista avançado, tu que guerreaste com denodo, tu que aconselhaste o sacrificio humano para a redempção humana! Que te importa a mulher e a filha na vaga embriaguez do repouso, que é o teu sonho doirado nesta hora febril? Tu vais, tranquillamente, retratado nos periodicos, com necrologia de Theophilo[36] e romaría de operarios, dormir o o sam sono dos invalidos. Abandonas a luta entregando-a áquella a quem juraste o amor e tomaste nos teus braços e ao fructo desses beijos. E vais com um acto de estupida vaidade e criminosa fraquesa, desmentir a honestidade da tua vida e das tuas obras. Porque se o fizeres, hasde ouvi-lo do amigo que salvaste numa hora egual, eras um

deshonesto e um criminoso, para quem se iria buscar à pathologia a desculpa e a irresponsabilidade.

Tu viverás, Alfredo, e eu não creio no que li mais do que o tempo bastante a furtar-me à impressão da tua prosa e dos teus desvarios. Trabalha – porque assim é preciso. Soffre – porque assim é preciso.

Até amanhã – digo-o com toda a esperança.

Teu amigo

Eduardo d'Almeida

13.

Nota: postal sem data mas o tema parece ser alusivo à célebre defesa que Eduardo de Almeida fez em tribunal (comarca de Guimarães) de um mulher do povo acusada do crime de filicídio alcançando a sua absolvição em 1906 (apud Mário Cardozo, Eduardo d'Almeida, Revista de Guimarães, vol. 68, 1958 e Grande Enciclopédia Luso-Brasileira

Alfredo

Nada me disseste ainda sobre o destino do Um crime celebre...Dar-se-há o caso de não o haveres sabido?

Do teu silêncio deduzo que, contra o bom senso, tens trabalhado em excesso.

Teu

Ed.'Almeida

14.

Nota: esta carta será de 1908 pelo anúncio que nela se faz do livro de Alfredo Pimenta, Factos Sociaes editado em 1908

EDUARDO D'ALMEIDA

Advogado – Guimarães, 23–Abril

Alfredo Pimenta

Suponho que és vivo ainda. Concordo em que seja uma hypotese muito arrojada, mais talvez do que a do povoamento lunar, a que me agarro todavia pello infinito prazer que me causaria este único facto excessivamente simples – de que tu, meu caro Alfredo Pimenta, resides no bairro de São José, nº 35, da cidade de Coimbra, e alhi resides em corpo e alma tal como te conheci há 3,4,5,6 e 7 annos.

Prosseguindo nesta phantasia, a da tua vida, permite-me que a abrace efusivamente e ... espiritualmente por causa de tantas leguas que separam os meus braços do tronco de que és proprietario e os meus labios da face cujo dominio directo possues mas cujo util alienaste

De mim apenas te quero offerecer uma novidade enorme – é que vivo – tambem? – ainda e aqui neste escriptorio da rua de Gil Vicente e em minha casa na rua do dr. José Sampaio.

Agora caes tu (lembra-te da hypotese) pesadamente em meos braços., felicitando-me – pois que? – por esta inexplicavel delicia: sermos ambinhos, eu e tu, tu e eu vivissimos & C.ª.

Ora que imaginação! Então que tens feito? Boa saude, hein? Este Alfredo Pimenta quem o havia de dizer, sim – quem havia de dizer há 3,4,5,6,e 7 annos que, na segunda feira de tarde, ceu brusco e vento pouco fagueiro, o havia de encontrar ainda vivo e féro, as suas lunetas, a sua gravata, o demonio das suas botas, elle no bairro de S. José 35 e eu na Rua de Gil Vicente! E inteirinho... os braços, as pernas, o cerebro etc. e etc., pois não é verdade?... Co'os diabos – abracemo-nos outra vez; com mil raios jupiterianos – venha o osculum pacis. Mas falla pr'áhi, hombre, desembucha. Dois filhos – que me dizes? Um (deixa-me contar pelos dedos) e um = dois. Ora este Alfredo, o Alfredo Pimenta! Pimenta & Filhos ! Eu sei, lá isso vi-o nos jornais – que estavas o sucessor do Teophilo,[37] que eras o rapaz mais sabedor de toda a Coimbra, que ias deitar cá fora uns "Problemas Sociais "[38] que fazias o quinto anno em direito, que eras uma e a maior das esperanças da mentalidade portuguesa. Enfim, tantas coisas que eu perguntava a mim o que o outro a si mesmo perguntava da Zazá. Este Alfredo Pimenta (& Filhos, Sucessor) será

o meu Alfredo Pimenta? E eras tu, caramba! Tu mesmo, tu proprio, sem outro Eu alem do *Eu*[39] que publicaste em verso, in illo tempore... Perdoa a lagrima enternecida que baila em meus olhos, o maxixe da commoção ... Isto da gente se voltar a encontrar depois de 3,4,5,6 e 7 annos não acontece todos os dias ... Pois não é verdade que vamos caminhando pelo mundo? E separados: porque tu vais elevando-te até os que admiras e eu, que te admiro, para me aproximar de te seria obrigado a uma longa viagem no comboio e a subir as ingremes ladeiras que vam até o bairro de S.José 35 e não obstante semelhante aproximação era exclusivamente physica!

Adeus, o tempo foge. Dá-me um abraço e outro, e escuta, mas attende que a voz extingue-se no veu de saudade pela magua de voltarmos a desencontrar-nos e a morrer um para o outro, escuta – ahi pello verão, quando acabares a formatura vem com a petisada (a C.ª) descansar uns dias à minha casa na rua do dr. José Sampaio.

15.

Nota: esta carta será de 1908, pois o livro de Alfredo Pimenta a que se refere é editado em 1908.

EDUARDO D'ALMEIDA

Advogado – Guimarães -, 9 de Junho (sem indicação de ano)

Meu caro Alfredo Pimenta

Li com interesse e vagar, reflectidamente, o livro – Factos Sociaes -[40] , cuja offerta, muito annunciada, agradeço. Felicito-te com todo o meu coração pelo novo trabalho, em que se vê prometes destinar as tuas forças a qualquer coisa de bom e util a favor da sociedade humana. Há n'isto o reconhecimento do que puderes fazer em meu bem, no dos meus filhos e no dos outros que compoem os meios em que eu e elles somos e viremos a ser chamados a viver.

Não me surprehende a phase de evolução que alcançaste á força de muito estudo por isso que é natural. O homem é normalmente positivo em certa edade quando, pela sua educação, conseguiu libertar-se ou do reaccionarismo theologico ou da metaphysica desastrada que simultaneamente procuram domina-lo. Tu conseguirás, como eu consegui, adoptar para os actos da intelligencia um criterio são e para todos os que formam a vida um fim moral. E digo conseguirás porque ainda não chegaste perfeitamente a esse estado que defendes com enthusiasmo. O teu livro saiu duma phase transitoria, metaphysico – positiva, a que pertencem os outros dois anteriores em

prosa[41]; os de verso pertencem ao revolucionarismo[42]; os teus primeiros trabalhos á theologia preconceitualista na sua nota elevada de sentimento lyrico. Por enquanto anima-te ainda o fogo que destroes inconscientemente, audazmente, pelo coração e não pelo cerebro, tanto mais á vontade quanto é certo que o temperamento solicita-te para esse campo. Isso revela-se na introducção quando gracejas, ainda com a penna do anarchista, da litteratura e arte nacionais, não reflectindo que contribuiram para o teu novo livro, para a formação do teu espirito, nem foi epocha e condicionalismo que as produziu. Vais demasiado longe, caindo no erro, mas com o denodo que, aliaz, procuraste exteriorizar.

O teu livro illucida e ensina – está feito o meu maior elogio. É producto de longo estudo em que se adquiriram muitos conhecimentos; de uma vontade forte e de uma honestidade segura. Trabalhando sempre, heide ver ainda o teu nome ligado a uma verdadeira obra. Esta é de crítica. A outra será de reconstrucção. O que não significa que n'ella se não desenhe já o esboço muito perfeito da outra. Ahi o seu merito. Perdoa a rudesa com que te fallo – minha admiração é certa.

Teu do coração

Eduardo d'Almeida

16.

Nota: a carta que se segue será de 1908, porque é o ano da formatura de Alfredo Pimenta, que em 1909 abre banca de advogado no Porto com Eduardo de Almeida e começa a sua colaboração no "Voz Pública"

EDUARDO D'ALMEIDA

Advogado – 7, Dezembro (sem indicação de ano)

Alfredo

Vim d'ahi com uma serena e doce alegria, como há muito não tivera, e que me parece ser o bom prennuncio da minha felicidade na vida publica. Vê tu como tudo nos corre bem! Agradeço-te do coração a tua querida lembrança que foi de verdadeiro amigo, e o quanto fazes e tens a fazer para que se realize.

Concordo com o escriptorio, é optima casa. A telepathia entre os nossos corações é perfeita. Tu advinhas o que eu quero. A sincera amizade é assim ... Logo que possa mandarei alguma bagagem. A senhoria que se não esqueça de

canalisar a agua. Olha lá eu quero ser o teu advogado na querella, como desejo que sejas o da Voz Publica .[43] São as nossas estreias! Eu a defender-te! Calcula o que direi ... Declara já, já na Voz Publica que eu me offereci, claro que *gratuitamente*, de todo o coração para te defender a ti e não consinto que ninguem mais te defenda. Eu sou o teu amigo, eu sou o teu companheiro – quem, senão eu, pode ser o teu advogado?

Há outra coisa que não me esquece agradecer-te. É mudares para junto de mim. Obrigado, obrigado. Eu bem te disse – não é só uma sociedade de advogados, é a fraternidade intellectual, moral e affectiva.

Até amanhã – porque amanhã escrevo.

Teu do coração

Eduardo d'Almeida.

17.

EDUARDO D'ALMEIDA

Advogado – Guimarães, 20–Janeiro–1909

Meu caro Alfredo

Tanta coisa para te dizer...

Estou admirado. Tens um jornal![44] Parabéns.

Isto vai magnificamente. Só esqueceste-te de que eu sou pobre, mais pobre do que tu, e estava ahi bom ensejo de ganhar um pouco a minha vida. Não desanimo porque confio em ti. Vê lá se me arranjas qualquer trabalho remunerado no jornal. Umas chronicas literarias e scientificas a 2.000 reis cada – tão pouco! -, ou umas cartas de inteira responsabilidade propria em que diariamente fosse analysando os factos da vida portuguesa ou estrangeira, baratinhas, mesmo a quinhentos reis cada uma. O pão da vida, enfim, que diabo! Eu vou para ahi com 500:000 de divida e nem 10 reis até agora seguros. Lembra-te d'isto - que sou teu irmão. És só director político? Que importa – falla, mexe-te, paciencia e coragem. Se não conseguires, tanto peor e vamos adeante. Mando-te o folhetim. O jornal é diário? O romance está incompleto mas eu acabo. Responde já. O folhetim é gratis? As outras coisas ficam para amanhã.

Teu do coração

Eduardo

Nota: a partir desta, a data aparece sempre no fim da carta;

18.

Meu caro Alfredo

"Mas o que sou eu afinal, dentro da Sociedade Martins Sarmento?" olha que a pergunta fez andar em palpos de aranha o nosso Chico Martins.[45] Na lista organizada não constava o teu nome. Nada, há de haver engano – teimava eu. Afinal sempre foram descobrir o teu nome, na acta duma sessão – tinhas sido nomeado socio correspondente. Sairá no próximo numero da Revista a devida notificação.

E, eu, logo que isso seja possivel, proporei em Assembleia geral a tua nomeação de socio honorário. É á categoria que te pertence e aquela a que já deveriam ter-te conferido.

Independentemente, porem, da categoria oficial, tu eras para nós aquilo que devias ser em relação aos teus méritos, á nossa amizade, á tua situação na sociedade portuguêsa, á tua qualidade de vimaranense que honra o nome da sua terra.

Recebi o teu belo livro a que vou referir-me – se bem que tu escuses as minhas descoloridas palavras.

Queria que me fizesses um favor – o de arranjares um retrato do Trindade Coelho[46] para ser publicado quando ele vier fazer a conferencia. Manda sempre.

O amigo velho e admirador
Eduardo d'Almeida

Guimarães, 20–Fev –1922.

19.

Meu caro Alfredo

Nesta funda neurastenia de haver passado todo o verão, dia por dia, das 9 ½ da manhã ás 6 ou 7 da tarde, agrilhoado ao cambio e á letra, á cifra e á responsabilidade, sem um ar de sol e na mingua, afinal, dos tristes tempos, vem a tua carta dar-me um grande alivio.

Pensava em ti e sentia remorsos. Lembro-me bem da carta que escreveste e da minha impotencia de tratar o caso como merecia por um não sei que de inabordadilidade que suspeito em teu irmão[47] para o assunto. Hoje, amanhã...e nunca, pelas raras vezes que o consegui, me atrevi: Soube, há pouco, que ele fizera uma dinheirama com a venda duma quinta ali para as bandas da Estrada de Fafe. Pensei dizer-te, mas convenci-me pela certeza de que o facto havia de ter chegado ao teu conhecimento.

Falavas no verão, em sair da Côrte. E eu pensava em como seria deliciosa uma temporada se tivesse uma quinta, mesmo minha, e te pudesse dizer – vem dai, meu caro.

Somos uns pobretões...

Que dizer do teu livro[48] que não saibas melhor do que eu? A minha opinião é desvalida. Mas clara e sincera. Encontrei na tua prosa musical pensamento e enlevo. Fui na esteira do teu sonho, crispando as mãos, ouvindo a vaga.

Teu do coração
Eduardo d'Almeida

Guimarães
6–Out–1922

20.

Meu caro Alfredo

velho e bom amigo

Deixei de responder, por inadvertencia, a dois pontos duma das tuas ultimas cartas. Eu aceito com todo o coração e de braços abertos a tua conferencia e a publicação na Revista[49] das cartas de João Meira.

A conferencia, por causa dos compromissos tomados e para que haja atmosfera digna de ti, pode realizar-se na primavera do ano que vem, combinando ambos depois a melhor oportunidade.

Vem o Dr. Agostinho de Campos,[50] que eu muito admiro pelo seu esforço, inaugurar esta nova série. Falará sobre o Eça[51] e pelo sumário antevejo um trabalho a valer, magnifico. Fazia falta um estudo do Eça.

E a este proposito sei que o Martins te escreveu pedindo nos conseguisses um retrato do conferente. Desculparás este incomodo. Nós não temos conhecimentos em Lisboa e somos forçados a massar quem por tudo quereriamos poupar a estas pequeninas coisas.

Fico em duvida, à leitura da tua carta, se realmente sabes com pormenor da venda que fez teu irmão. Volto a dizer. O Rodrigo vendeu uma quinta para os lados de Atães por cem contos redondos a um dos Ferreiras de Vila Nova, uns ricaços. É isto apenas, mas é isto.

Dá-me noticias tuas. Quando nos tornaremos a ver?

Teu dedicado

Eduardo d'Almeida

Guimarães
21–Out–1922

21.

Meu caro Alfredo
Véspera de Natal
Um grande abraço fraternal

Do teu velho amigo

Eduardo d' Almeida

22–X–1922

22.

Telegrama
1 Nov. 22

Rogo não esquecer fotografia = Eduardo Almeida

23.

BANCO NACIONAL ULTRAMARINO
Filial de Guimarães

Gerencia

Meu caro Alfredo

Meu dito, meu feito. Cá estou em Lisboa. Claro que sei onde moras. Não vim só: é o caso. Veio gente da terra – o Martins, o Loureiro, a direcção da Associação Comercial. E estes querem tambem cumprimentar-te. Era favor, por isso, mandares ,amanhã, terça, dizer ao Hotel Francfort (o de Santa Justa) a que horas te podemos encontrar. Eles tencionam visitar alguns jornais, o Correio da Manhã[52] tambem, por causa da Exposição Concelhia,[53] que, este ano, pretendem realizar em Guimarães. Podia ser lá o encontro.

Amigo velho

Eduardo d'Almeida

Lisboa 12–3–1923

24.

Meu caro, meu bom e velho amigo

Recebo os teus livros e leio ao mesmo tempo nos jornais a estranha noticia da agressão de que foste vitima.[54] Que estupendo processo de luta literaria! Abraço-te comovido e maguado.

Causou aqui funda e desagradavel impressão o mais que lamentavel acontecimento.

Obrigado pela tua penhorante oferta. Vou ler com religioso cuidado.

Teu do coração

Eduardo

G.es. 20–4–1923

25.

Meu caro Alfredo

Atravessou-se aqui um periodo verdadeiramente doentio. Melhorou um pouco, agora. Lembro-me de te convidar a vires passar uns dias a minha casa, não podendo, infelizmente, tornar extensivo este convite, o que aliás do melhor grado faria, aos teus, porque não tenho acomodação. Não foi possivel arranjar-te uma casa de campo.

Resolve-te e vem por aí acima.

Teu velho e dedicado

Eduardo d'Almeida

Guimarães 24–8–1923

26.

Meu caro Alfredo

Vivi – e ainda não estou refeito – uns dias de tragédia neurasthenica. É o cansaço fisico e moral de quem trabalha mais do que é permitido ás debilissimas forças humanas. Esta minha duplicidade de financeiro – eternamente sem um chavo e mesmo porque cada vez a riqueza me engulha mais e asca á consciencia – e de incorrigivel devaneador, arruina-me. A albumina apossou-se de mim, tenho dias inteiros e seguidos de envenenado e em qualquer hora incerta, agora ou logo, uma síncope mais demorada, um pequeno tic do coração e pronto. " Ah! era um bom rapaz!...": que é a despedida, um manguito à morte, dos que ainda ficam.

Pois num desses longos estios de calcinação dolorosa e febril vieram ter comigo as tuas carinhosas palavras. Fizeram-me bem. Cantaram luz na minha alma em treva. Reviveram o sempre confortado lenitivo da saudade – e que saudade, Alfredo! Amores param as ondas desse vasto oceano dos nossos sonhos. E, como em doce oração, foram balsamo, piedade, bondade, meigura...

Ouvi - talvez sussurro do infinito por onde volitaram nossas fantasias – bater o nosso coração adormecido de rapazes, aquele pulsar que, mesmo em estos de revolta, era poesia, candura, enternecimento.

De todas as palavras vindas ou porvir a saudar o meu trabalho, destaco as tuas em mais alto preço. E por tudo. Eu conheço-me, Alfredo. A vida foi-me sinistramente aziaga. Torturou-me, deu-me a provar o fel das peores amarguras. Romancista? Para quem, como, se eu gastei a vida a viver um romance pungente, fulminante. Literato? Como, se a dor, a dor verdadeira, crua, me desvairou à loucura e me deixou no canto da estrada como vagabundo e esfarrapado caminheiro?

Não, eu sou a sombra de um nome.

Como agradecer-te, Alfredo? Nem tu sabes o bem que me fizeste. Obrigado.

Olha: o D. José Ferrão[55] diz que pode por à tua disposição por alguns dias uma casa da quinta, proxima à cidade. Ainda pensas em vir alguns dias?

Escreve-lhe.

Saudades e um abraço

Do teu velho

Eduardo d'Almeida

Guimarães 2–10–1923

27.

Meu caro Alfredo

De passagem e hospedado em casa amiga, donde impossivel é arredar pé, estou em Lisboa.

Devo-te um abraço de amizade e profundissimo reconhecimento. Não sei as tuas horas, os teus costumes. Se não te causasse transtorno, ia, infelizmente muito de corrida, visitar-te no sabado pelas 11 e meia de manhã. Está Bem? Querendo podes entregar a resposta ao cuidado de Lourenço e Santos, Ld.ª, Rua Primeiro de Dezembro – 143.

Teu afectuosamente

Eduardo d'Almeida

Lisboa 1–XI–1923

28.

Meu caro Alfredo

Um saudoso, um apertado abraço de Natal. Escrevo-te da Freiria, aldeia, na véspera da véspera do dia saudoso e amigo – a noite da consoada. E, dentre tanta morta ruina, evoco o teu nome querido no desejo de comungar a nossa amizade na ceia familiar. O meu coração dorido abraça-te estreitamente e deseja no teu lar o conto de fadas maravilhoso de graça suave e feliz

Teu velho e grato

Eduardo

Freiria

23–XII–1923 quasi ao dar meia-noite

29.

Nota: sem indicação de data, mas com sobrescrito que indica 26 de Fevereiro de 1924

Meu caro Alfredo

Ora nem mais. Balzac,[56] falando nas mulheres, não escrevia romance, descrevia, com exactidão scientifica. Imitava do natural. Era um grande homem – Balzac. Quanto ao nosso Teofilo,[57] que Deus guarde, bate certo. É assim mesmo. Nem o que uns denigrem, nem o que outros alcandoram. Ler suas obras de fio a pavio? Trabalho de Hercules, meu caro, e como os de Hercules, penumbroso de mitologia.

Vem isto a prêlo de dizer-te que o meu coração te segue, atento, com amizade e simpatia.

Sinto-me envelhecer. É trágico. Agora, que eu talvez começasse a começar!...Falo em arte, em livros. Tenho alguns cá dentro, no coração do cerebro. Mas escreve-los ...Um capitulo de novela é para mim uma enormidade. São dias seguidos a matutar, a apanhar, a estudar. E depois rabisco, sai mal. Rasgo. Escrevo outra vez. Ao fim de meia duzia de periodos fico exausto – porque não reproduzo fielmente. As palavras amontoam-se, terriveis, inertes, mortas, banalissimas. Corto, emendo. Passo a limpo. Ao fim de bastantes dias – que horror. Falho. Emendo, recomponho. Vai á màquina. Vê-se melhor, ressalta o som. E guardo – porque se torno a ler, para mim, a ler para criticar-me, rasgava definitivamente. Flaubert?[58] Peor. E não sou Flaubert ... Não: é só por mania, por necessidade de alma, que escrevo. Mas não chegarei ao fim. Quando a morte vier ainda estarei no segundo capitulo. Antes as mulheres – as mulheres de Balzac, entende-se.

Olha: tens algum livro moderno e seguro sobre educação feminina, na tua estante, e que possas mandar-me já, já pelo correio? Precisava muito.

Um abraço do teu

Eduardo d'Almeida

30.

Meu caro Alfredo

Vai tardia a resposta. A minha saude – visto ser hábito corrente chamar saude à doença – anda tambem "entardecida".

A respeito de prédios caindo: em Guimarães, por enquanto, os unicos que caiem são as mulheres, e essas mesmas já cairam mais. O resto é tudo em solido granito.

Vou ver se te consigo arranjar o Vimaranis.[59] De graça – é claro. Breve.

Artigo para a Revista – excelente. Manda.

Amigo ob.

Eduardo d'Almeida

Guimarães 2–4–1924

31.

Meu caro Alfredo

Chego de fora. Encontro a tua carta. E sem tempo, hoje, para mais : o Rodrigo[60] jogador? Não. Nunca tal ouvi. O Rodrigo dissipador? Tambem não. O Rodrigo vive bem. Isso sim.

Teu

Eduardo d'Almeida

Guimarães

12–4–1924

32.

Meu caro Alfredo

Hoje ou amanhã segue pelo correio o Vimaranis Monumenta Historica.[61]

Respondendo á tua carta, em que me falavas nessa obra, eu dizia que a receberias gratuitamente e em breve.

Tornou-se longo o breve. Na tipografia andavam algumas paginas finais do tomo II e eu queria junta-las.

Como não quero que me tornes a supôr ou a acusar de negligente contigo, infundadamente, vai a publicação sem elas. Depois, oportunamente, as receberás.

Não te esqueças de me dizer que chegaram ás tuas mãos.

Estás para me aturar um bocadinho? Incluo um cheque de cem escudos. Pedia-te para me escolheres algumas obras das mais recentes, estrangeiras, á tua vontade. Nacional, queria o ultimo vol. do Lopes de Mendonça[62] que tem aparecido por aqui. Lembrava-me também das Oeuvres libres.

Queria assinar, mandando eles á cobrança pelo correio, " O Trajo popular em Portugal nos Séculos XVIII e XIX". Não podes deixar recado onde for?

E esses trabalhos para a Revista?[63] Cá os espero. A tua lembrança é magnifica. E eu tomei-a como solenissima promessa.

Adeus. Bem sabes quanto te estimo. Ligamo-nos pelo espirito e pelo coração nos tempos em que o espirito era sonhador e o coração purissimo. São amizades seladas até á morte, sobre o charco mísero.

Mau estado fisico actual – albumina.

Deve ser o principio do fim.

Teu do c.

Eduardo d'Almeida

Guimarães

15 –5–1924

33.

Nota: inclui um cartão de Fernando de Sousa Botelho da Cunha Leitão e um impresso A " União dos Antigos do Collegio do Espirito Santo" de Braga é assim?

Meu caro Alfredo

Obrigado pela tua carta.

O Vimaranis[64] está parado porque a Camara passada, a fortes instancias da Sociedade, nos deu uma verba pequenissima, e isso mesmo, esse nada, já se não fazia há muitos anos. Com essa pequenissima verba imprimimos mais duas folhas – mas o vol. nem assim fica completo.

Eu tenciono ver se o concluo, para o ano.

A continuação da obra? Estou eu pronto a faze-la, gratuitamente, mas com todas as despesas pagas. Somente a Camara não mais se lembrará de tal.

É uma pena, um desastre, uma vergonha.

Recebi livros tambem.

Sim, venha, clarissimo, o do Fialho.[65] O do Sabugosa,[66] não. É muito caro. Ora escuta – eu desejaria muito ler qualquer estudo etnografico, histórico ou interpretativo de milagres, votos ou crenças populares em santos, escrito em frances, espanhol ou italiano. Por causa do meu trabalho sobre o S. Torcato,[67] na Revista. Tenho encontrado coisas muitissimo curiosas. Vê se me descobres.

Logo que possa, mando-te outros cem mil reis. Mas é para escolheres livros à tua vontade. Em qualquer daquelas três linguas. Um pouco de literatura, arte, religião, psicologia. Á tua vontade. Tu bem sabes o que é ler e como nós nos habituamos a ler. O grande mal, já se sabe: é não haver dinheiro para comprar o que apetece. Mas um poucochinho que ligue a provincia ao mundo.

Ah! Se fora açucar? Mas qual! É albumina. Clara de ovo, para que presta... sem a gema?

Vou na dieta. Agradeço-te teu cuidado.

Amigo certo

Eduardo d'Almeida

Guimarães

27–5–1924

34.

Meu caro Alfredo

Tenho a "Experience Religieuse" do James[68] já há uns tempos. Não haverá por aí os "Essais de folklore biblique" de SaintYves,[69] ed. de Noury?

É nesse género que eu procurava e estamos no bom caminho.

Olha: queria tambem o Lazare de Henri Beraud.[70] E, quando vier, outro das Oeuvres Libres.

Não te queria porem massar. Quando passares na baixa com vagar e bom humor.

Vi e agradeço o teu artigo sobre o Alberto Sampaio.[71] Se não falasse da mãe ia para a Revista

Teu

Eduardo d'Almeida

Guimaraens

2–6–1924

35.

Meu caro Alfredo

Desculpa não ir aí mas ando hoje num estado de espirito um pouco doentio.

Na pequena casa bancária onde estou, de há muito que, por falta de disponibilidade e porque o B. de Portugal não redesconta nada, se restringiam a reforma de letras ou a tomar uma ou outra, de longe a longe e de pequenas importancias, ao prazo de 1 mês e só a clientes. Com o desejo de te servir, procurei, logo que recebi a tua carta, obter-te o desconto no Lisboa e Açores e num Banco Comercial. Em caso algum, responderam-me, tomam letras a mais de 3 meses, nem actualmente, encontras casa alguma bancária que o faça a maior prazo. É o que te disse, e com razão, o F. Emidio.[72] Lembro-te o seguinte – como tu só precisas de 4 contos, escreve ao Rodrigo[73] para substituir a letra que te der por duas, sendo uma, com metade, a 3 meses. E depois consegues o desconto, mesmo no B. de Portugal que é onde mais te convem por causa do juro. Para o vencimento combinas a reforma.

Eu passo por aí logo que esteja mais humano. Vou mandar artigo para os Ecos esta semana. A homenagem é pobre e, coitada, tam vagarosa!

Teu dedicado

Eduardo d'Almeida

26–6–1924

36.

Meu caro Alfredo

A tua carta impressionou-me extremamente. Diz-me de ti, meu velho, dá noticias com urgencia. Tu tens gasto tanto coração! ... E depois há momentos de um tam infinito e doce cansaço. Foi numa hora assim, diz, que te lembraste da tristeza de um pequenissimo cemiterio aldeano. Eu guardarei a tua carta para que a leias... no meu espolio.

Escreve.

Teu
Eduardo d'Almeida

Guimarães 3–7–1924

37.

Meu caro Alfredo Pimenta

Venho fazer-te manifesta, sincera e veementemente um pedido solene, a que não admito replicas nem escusas: o de que venhas passar alguns dias comigo em Agôsto proximo. Deixo os dias à tua escolha, mas quero e peço venhas sem falta.

Eu ando cansado, exausto, moralmente doente e preciso de companhia, de conforto espiritual, da tua fraternal assistencia. Razoes são estas que me dispensam de mais insistencia, pois é bem claro e preponderante para o teu coração este forçado motivo de anuencia. Cá te espero.

Avisa.

Teu velho
Eduardo d'Almeida

Guimarães 21–7–1924

38.

Meu caro Alfredo

Recebi os teus livros e os franceses.

Obrigado.

Manda o teu velho
Eduardo

Guimarães
8–8–1924

39.

Meu caro Alfredo

A tua carta chegou nestes dias risonhos da Páscoa e direi com verdade que foi a mais querida réstea de sol que entrou na frialdade escura da minha clausura. Por desgraça minha, a tua amiga lembrança encontra pois a descortezia do meu pesado silencio.

Perdoa-me mas eu tenho perdão. Tenho atravessado um duro periodo de peocupação e ando exausto. Eu te direi, breve e pessoalmente, o como e porque. Perdoa e a minha amizade é segura e a minha gratidão não é ingrata. Escreve o teu perdão.

Gostaria de ver o livro sobre milagres. É caro?

Teu muito dedicado
Eduardo d'Almeida

Guimarães 27–4–1925

40.

Meu caro Alfredo

No principio da semana que vem, irei bater à tua porta para conversarmos um pouco. Agradeço a tua carta.

Um abraço

Do teu velho e dedicado
Eduardo d'Almeida

Guimarães
14–Maio–1925

41.

Meu caro Alfredo – o – Grande:

Não foi preguiça nenhumissima! É que, por aqui no Banco, tambem houve sarilho, que vencemos galhardamente. Não foi corrida – o esboço dela. Mas, claro, estive a postos.[74]

Ora, logo que recebi a tua carta, a outra, corri ao Dantas (Tip. Minerva) onde a Eminencia Bragantina e Mirandora[75] imprime suas Prosas Episcopais. Nada havia – nem em Separata, nem no nº do Semeador já impresso.

Mas constou-me agora que lá havia mais uma cabazada de Prosa Farisca.[76] Vou logo espreitar e avisarei – caso haja a saber.

Quanto ao livro – falei na Sociedade.

Mandamos 2ª feira o cheque de Esc. 80.00 para a compra do vol. III da Historia da Administração Publica do Gama Barros e a Sociedade agradece o teu interesse e diligencia.

Um X do teu
Eduardo d'Almeida

G.ess.
20–5–1925

42.

Meu caro Alfredo

Escrevo-te da cama – desculpa o não o haver feito já por impossibilidade. Mando-te o meu numero do Semeador com a Instrução Pastoral sobre o Centro Catolico.[77] É curiosa e curioso é tambem que, ao lê-la, pensei em mandar-ta.

Quanto ao livro – esperemos.

Em qualquer minuto disponivel, pedia-te o seguinte – precisava muito de um guia de conversação, sobretudo comercial, francês e inglês. Não sei inglês e tenho absoluta necessidade, em breve, de falar o inglês de negocios e de cifras. Com um guia frances e ingles aproveitava para as duas linguas.

Na livraria que mandem o livro á cobrança – assim não dispendes dinheiro.

Desculpa e manda.

O teu muito dedicado
Eduardo d'Almeida

Guimaraes
22–7–1925

43.

Nota: esta carta tem incluída um recorte de jornal em inglês

Meu caro Alfredo

Ao chegar da aldeia encontrei a tua ultima carta. Julgo que o cheque para a compra do livro já tinha seguido. Na tip. não há, por enquanto, nada sobre a questão. Vou averiguar qual a tiragem e informarei, mas só o posso saber á noite.

Gostei do teu livro.[78] Acho-o bem escrito e logico, embora discorde num ou noutro assunto. Desejo falar de espaço comtigo sobre o caso, o que farei em breve, porque vou aí.

Teu dedicado

Eduardo d'Almeida

Guimaraes 29–8–25

44.

Telegrama

9 Set.-1925

peco digas se minha filha pode matricular se qualquer liceu sexto letras sem ser Liceu feminino e qual melhor aquelas condicoes indicas responde carta + eduardo +++

45.

Meu caro Alfredo

Eu cheguei a Lisboa num estado de sonambulismo amarguroso. Três noites levei a fio contadas sem conseguir adormecer nem breves segundos. Esta anomalia paradoxal foi uma doença grave de sentimento, de sanidade moral. Quando chegaram enfim os meus filhos, alguns dias depois, logo tomei o horario de me levantar ás 7, acompanha-los a pé da Avenida ao Liceu Passos Manuel e vir para o meu emprego. Oliveira Rodrigues Sc.°s, Rua do Ouro, 132 – 138, onde era a Livraria Ferreira, das 10 ás 6.1/2 da tarde. E logo para casa fazer companhia aos pequenos, pois toda a Familia só vem quando tiver casa.

Tu és a amizade mais querida e segura que eu tenho aqui em Lisboa, convertida para mim, como tenho dito e escrito, em terra amarga de exilio. Não sabes ainda o drama pungente da minha vida, onde há paginas lacerantes. Vai para ti o meu primeiro abraço. Trago-te o coração agradecido, mas não surprêso, dos requintes de nobre gentileza que para comigo tiveste no transe doloroso da Vida. Foram as tuas palavras amigas, com a tua honrada autoridade, que mais me exalçaram e mais me sensibilizaram. Obrigado.

Já tentei uma manhã telefonar para tua casa. Não consegui compreender o que me responderam. Como hei-de encontrar-te, cingido no meu horário, de guilhota. Diz. Eu estou vivendo numa Pensão á Avenida da Liberdade - 164- 4° andar, telefone n.232. Mas (??) jantar e dormir. O telefone da casa bancária é C.2251. Estou impaciente por te abraçar.

Lx.20 Out 1925

Amigo certo, grato e velho

Eduardo de Almeida

46.

Alfredo

Disse-te que iria hoje á noite falar contigo, trocarmos impressões, passar um bocado. Não posso fazer. Tem de ficar para a semana.

Manda.

O teu dedicado

Eduardo d'Almeida

Lisboa

21–11–1925

47.

(carta dactilografada)

Sociedade Martins Sarmento

Guimarães

Exmº Sr. Dr. Alfredo Pimenta

Tendo a direcção da Sociedade Martins Sarmento reunido extraordinariamente para expressar o seu profundo sentir pelo falecimento da douta e ilustre Professora D. Carolina Michaelis[79], não encontrou forma mais simples quão sincera e condigna de prestar homenagem á sua memoria do que a publicação de um estudo, na "Revista de Guimarães" sobre a Obra eruditissima desta Senhora.

Ninguem melhor que V. Exª, Snr. Dr. Alfredo Pimenta, saberá traçar, em linhas geraes mas fortemente marcadas, esse estudo. É o que vimos solicitar-lhe hoje, com todo o empenho, invocando em nosso favor a sua qualidade de nosso ilustre consocio e conterraneo, esperando que V. Exª não recusará a gentileza do seu auxilio, o qual, de harmonia com os intuitos desta Sociedade, representará tambem um nobilissimo acto de educação social. O proximo numero da Revista deverá sahir por todo o mez de dezembro, rogando pois a Vª Exª, em caso de anuencia a este pedido, o envio do original tão brevemente quanto possa ser.

De Vª Exª com a mais alta consideração

O presidente

Eduardo d'Almeida

Guimarães e Secretaria da S.M.S.

26 de Novembro de 1925

48.

(s/data; o carimbo do selo regista 24. 12. 25)

EDUARDO D'ALMEIDA

ADVOGADO

Com um abraço

Natal feliz!

Rua Tomaz Ribeiro, A. S. 1º E. Lisboa

49.

Meu caro Alfredo

Novo contratempo! Telegrafei no sábado ao Alberto Braga[80] para que fosse rever o meu artigo sobre o teu livro e remetido para os "Ecos" – Eis o que ele me responde. Consequentemente – extraviou-se o artigo, que eu sobrescritara para o "Ecos". Tenho de fazer outro. Não me custa, mas aborrece-me mais esta demora. Meteram a cópia dos Estatutos ou Regimento da Sacristia (?) que faz parte do meu estudo sobre os Conegos na Revista. Mas vou amanhã, logo depois de jantar a tua casa. Salvo aviso teu em contrário.

Teu dedicado

Eduardo d'Almeida

28–12–1925

50.

Nota: sem data; no arq° part. de A . P. regista-se o ano de 1925; o timbre do selo está ilegível

Meu caro Alfredo

Falemos, apenas, na boa nova: então tu vens a Guimarães? Cá te espero de braços abertos. E diz-me: onde tencionas hospedar-te? Queres vir para minha casa? Está ás tuas ordens.

Cá falaremos sobre o resto. Um X

do teu dedicado
Eduardo d'Almeida

Eu tenho de saír, mas a 4 ou 5 e mais alguns dias ainda estou.

51.

Meu caro Alfredo

Não te atarantes – que eu prometo não reincidir. Se te fosse possivel muito me obsequiavas emprestando-me até amanhã a esta hora, 7 da tarde – cento e cinquenta escudos. Esperava um vale telegrafico que não veio. Vem amanhã em cheque pelo correio. Se puderes entrega, em carta fechada, á portadora ou então vê se podes mandar a minha casa até ás 9, hora a que venho aqui.

Teu dedicado
Eduardo d'Almeida

Lisboa 19.Maio 1927

52.

sem indicação de data

Nota: presume-se que a carta seja de 1927 pois o Comércio de Guimarães de 1.2.1927 informa que Eduardo de Almeida continua a viver em Lisboa e pela referência à "Baixa", pode inferir-se que seja a Baixa lisboeta. Segundo o Comércio de Guimarães de 15.9. 25, Eduardo de Almeida pedira a demissão do Banco Nacional Ultramarino correndo a notícia de que fazia tenção de fixar residência em Lisboa; em 30.10.1925, o mesmo jornal noticia que fora para Lisboa com a sua mulher e filha; em 1.2.1927 nova informação diz que Eduardo de Almeida continuava a viver em Lisboa, até que em 17.2.1928, o mesmo jornal publica o anúncio da abertura do seu escritório de advogado na Rua de Gil Vicente, em Guimarães.

Meu caro Alfredo

Se o meu humilde nome desvalioso te pode ainda assim prestar para alguma coisa, tu bem sabes que ele está às tuas ordens.

Manda a letra para eu assinar ou passa amanhã pela Baixa.

Olha – e se em vez de fazeres a letra por dois mil, a fizesses por dois mil e setecentos, setecentos de que eu carecia e te entregaria fielmente no vencimento?

Mas – e ev – i –den – te – mente, isto não é condição. Não. Eu assino mesmo a letra só para ti. Bem sabes.

Teu dedicado
E. d'Almeida

Apareço breve.

53.

Meu caro Alfredo

Vejo que não recebeste uma carta minha. Pois olha que te agradeci logo o cuidado que tiveste em te informares se era minha Mae que estava doente. Explicava-te como, forçado a partir mais rapidamente de Lisboa, não pudera ir despedir-me de ti. Nessa mesma carta eu te pedia voltasses a escrever ao dr. Campos Monteiro[81]. Vi nos jornais que o Lamares havia regressado. Renovo o meu pedido e acrescento o de te empenhares o mais possivel. A edição deste meu livro[82] é para mim um ponto essencial na minha vida literária. Não é bom, por certo, mas não é peor do que muito afanosamente se edita, reedita e proclama. Trabalhei-o com muito amor, rasguei, talhei, sem piedade, obra de muitas noites, pensei e sofri sobre as páginas até lhe dar uma feição que ainda não é, mas se aproxima do meu desejo. São duas novelas, como sabes, mas eu ando a escrever e darei para o mesmo livro uma terceira novela, um esboço de mulher, figura do Minho muito conhecida, a irmã do Padre, que se sacrifica para viver com ele e se deixa a seu lado envelhecer virtuosa e casta. A novela é dada em duas pinceladas, na hora da morte do Padre. Eu tinha a maior urgencia em que me editassem o livro. Não pelo dinheiro, esse triste dinheiro dos escritores portugueses, nem pela imortalidade de uma noticiazinha de favor nos jornais. Mas por mim mesmo, para eu continuar a escrever. Senão mando-me cavar batatas. E talvez tirasse maior proveito.

Penhoras-me pois, escrevendo com força e decidido empenho ao dr. Campos Monteiro. Meu irmão de vigilias literárias desde Coimbra, não te esqueças.

Teu dedicado

Eduardo d'Almeida

Escreve sempre para Guimarães

Francos (?), Felgueiras, 6 - Set. – 1927

54.

Meu caro Alfredo

Manda a letra e a proposta assinadas.

E uma carta urgente ... que te havia escrito não sei já há quantos dias. Peço lhe dês rápido despacho e me comuniques o resultado. Manda sempre.

O teu muito dedicado

Eduardo

Guimarães 19 –Set–1927

55.

Meu caro Alfredo

Os dias passam desobrigadamente. São uns dias maus, estes dias do outono da vida. Passam e eu não vejo resposta à carta que escreveste ao dr. Campos Monteiro[83] e que eu mesmo por minhas mãos profanas deitei na caixa do correio. Não te respondeu ou foi a resposta assim descorsoada que, por amizade, a ocultasses na tua gaveta? Desilude-me, mas não me desampares. Eu já te disse que punha na edição deste livro um caso, puramente intimo embora, de consciencia.: ou sim, ou não. E convinha-me imenso neste momento porque me vejo desempregado. Vou tornar a abrir a minha banca, procurar que fazer. Não é o retintim adjectival da crítica, se existisse, que eu procuro. Somente o calor, a força de energia que nos vem da propria energia dispendida.

É possivel, eu escreveria: é de crer positivamente que o dr. Campos Monteiro queria ver o objecto do delicto. E eu venho dizer-lhe que ponho o original do livro à disposição dele para se certificar e testemunhar, a bem ou mal. Podias escrever-lhe neste sentido. E, no caso de acordar no proposto, davas-me a direcção para eu lho remeter. Se as nossas tentativas assim se frustrassem, não podias escrever, falar ou entender-te com os Teixeiras da Classica Editora, se assim se chama (não posso ver, neste momento) a Livraria dos Restauradores? A casa Bertand continua obstinadamente fechada ao livro escrito para apenas se dedicar à imagem, à gravura, ao macaquinho? Com os Lelos acontece a mesma coisa: é a cinematografia literária. Ceci tuera cela. Mas tem sido sempre para peor. Digamos ao menos assim em desabafo.

Agora não me deixes maninho. A casa do Lamares agradava-me sobremodo porque tem o Brazil, que poucos sabem cultivar, e lança um livro. Porque afinal tudo é de o lançar. O recheio pode mesmo ser de um picado como o de certas almondegas que de podre envenena. Mas sabe a pimenta e a limão que parece uma delicia.

Vou ainda este ano a Lisboa, mas não sei quando.

Escreve.

Teu muito dedicado
Eduardo d' Almeida

Guimarães
22–Out–1927

56.

Meu caro Alfredo

Mando a papelosa. Eu estava na Freiria, por causa da consoada. Vim hoje a Guimarães e topei a tua carta. Que eu ia escrever-te a desejar-te, de todo o coração, a ti e aos teus, um Natal Feliz e um melhor ano.

Teu dedicado
Eduardo

Guimarães

27–Dez–1927

57.

sem indicação de data

Nota: pela referência à doença da filha de Alfredo Pimenta pode supor-se a data 1928.

Meu caro Alfredo

"Doença grave da tua filha?" Eu lera, em um jornal de Guimarães, e quando o li, atrazado, que uma tua filha estava com qualquer enfermidade, que supuz ligeira. E vai, disse comigo, há de ser a gripe do inverno; a noticia é recessa; já deve estar boa. Donde conclui que seria melhor não te falar no caso para não aparecer tarde e a más horas a perguntar pela doente já em saude. Vejo que infelizmente me enganei: meu caro Alfredo. Tu sabes que compartilho

fraternalmente do que se passa em tua casa. Diz-me o que se passa. Olha que fico esperando – correio a correio – com a maior anciedade. Tem paciencia. E manda, se de algum préstimo posso ser. Queres vir cá passar alguns dias de férias da Páscoa? Tudo se amanharia. Manda.

Devolvo a letra assinada.

Não sei se te disse já que o Dr. Campos Monteiro[84] me escreveu uma carta muito amável. Ofereci-lhe dois dos meus livros. Julgo que se empenhou junto do Fraga Lamares: mas este não ata nem desata. Eu aborreço-me com isto infinitamente. Não podes falar aos Teixeiras da Classica Editora, ou lá o que é, da Praça dos Restauradores? Demais eu tratei-os , na Revista de Guimarães, a propósito do Fialho, num artigo extenso . Eu queria arrumar o livro para ter vontade de escrever mais.

A Revista está para sair. Pode ser que te falte algum numero. Diz-me qual o ultimo numero que recebeste. Eu providenciarei.

Dá no Diário de Noticias a minha direcção para assinante. Tanto do Diario como do Suplemento grafico dos Domingos.

Escrevo-te de cabeça atada. Apanhei um pinhão na nuca, melhor na moleirinha que me deixou zaré: porque isto só em calão. E mais foi num automovel, de regresso dum serviço juridico.

Saudades. Cumprimentos dos meus para os teus.

Teu
Eduardo d'Almeida

Guimarães, 13–Março.

58.

sem indicação de data.

Nota: Presume-se que seja entre 1927 e 1928, pela alusão á possibilidade de despejar o Padre que era inquilino da Casa que Alfredo Pimenta herdara e queria vir habitar, como realmente aconteceu.

Meu caro Alfredo

Venho importunar-te com um pedido. Quando veio aqui a Peregrinação Patriótica, a Comissão composta dos srs. Rocha Martins[85], Velho da Palma[86] e Dr. Beirão da Veiga[87] encarregaram de vários serviços o nosso comum amigo Francisco Martins[88]. Ele pagou, por ordem daqueles Senhores, várias despesas, expressamente autorizadas todas, e de que o Sr. Martins mandou os recibos devidamente legalizados e pagos. Ficaram por isso a dever-lhe a quantia de Esc. 440$00 (quatrocentos e quarenta escudos). O Sr. Martins já escreveu duas vezes sem resposta. Venho pedir-te com todo o interesse o favor de falares no Diário de Noticias para ver se liquidam isto. O Sr. Martins confiou no nome do Dr. Beirão da Veiga. Vê lá!...

Um abraço do
Teu dedicado
Eduardo d'Almeida

Se um dia pensares em despejar o Padre, manda procuração. Eu creio que o empurramos para fora de casa.

59.

carta sem data, tarjada de negro

Nota: A referência à crítica que A P teria feito a Eduardo de Almeida, será certamente à que consta no trabalho de A P "Vimaranis Monumenta Historica – A Saeclo Nono Post Christum Usque Ad Vicesimum Jussu Vimaranensis Senatus Edita (partes I e II), publicado na secção que mantinha no Diário de Noticias intitulada «Cultura Estrangeira, Cultura Portuguesa » e que depois deu origem ao 1° volume dos «Estudos Filosóficos e Críticos», Ed. Imprensa da Universidade, Coimbra, 1930. Este estudo foi depois editado com o título Vimaranis Monumenta Historica A saeculo nono post Christum usque ad vicesimum ivssv Vimaranis Senatus Edite Partis I. Editio Secunde Accurate Ememdate – Vimarane Ex typis Antoni Ludovici da Silva Dantas – MDCCCXXXI. Tal hipótese permite-nos situar, por aproximação, entre 1928 e 1929 o ano em que esta carta terá sido escrita.

Meu caro Alfredo

Um abraço de agradecimento. É um estudo notavel. Tenho pena de não ficar já com ele e queria fazer-lhe uma referencia no proximo numero da Revista. Mas não pude, intimado a entregá-lo já. Tirar os necessários apontamentos. A critica a meu respeito é justa. Para a semana vou a Guimarães. Aviso para nos encontrarmos.

Teu do c.
Eduardo d'Almeida

60.

Nota: carta sem indicação de data que se poderá situar a partir de 1928 e 30, data provável da instalação de Alfredo Pimenta na sua casa de Guimarães.

Meu caro Alfredo

Ora pois, quando ontem, descias Gil Vicente, estava em casa, e, por sinal, por meu filho à janela, soube que passavas, no minuto, no momento em que eu o chamava para a mesa.

Hoje, a S.M.S. está fechada. Na 2ª às tuas ordens, de tarde, para os livros. Mando a Revista, eu procuro à toa, mas depois verás se falta algum volume. Julgo que não vais já embora. Eu te procurarei: minha mulher e filha[89] ainda não visitaram os teus porque estiveram ausentes de Guimarães. Sei que pensam faze-lo breve.

Teu

E. d' A.

61.

Meu caro Alfredo

Mau! Três vezes mau! Arre que até me custa não puder dizer (porque não seria inteiramente verdade) – physiologicamente mau! E como já são três foguetes!!!, passamos adiante. Espera ainda: não passamos adiante sem

eu te dizer que só há dois dias recebi a tua carta, porque tenho andado por fora, e que cheguei doente – com uma carga de albumina. Mas o teu pedido a respeito do Rodrigo[90] cá está, cá está no coração. É o pedido de um irmão. Talvez mais ...

O que é, que falta? A oportunidade. Sem resolvermos a questão do pagamento da contribuição do registo pela herança, da qual pedimos dispensa ao Ministro das Finanças (está em Lisboa o dr. Ricardo Freitas Ribeiro, em nome da direcção, a tratar do caso) que nos levaria o melhor de cem contos – porque temos de entregar os legados a limpo –, não decidimos nada, não faremos nada. Passada a temerosa borrasca, ca estou eu, eu, tu e o Rodrigo. Vou ler o teu opusculo. Do teu livro sobre metrificação[91] falarei na Revista. Um abraço de agradecimento sincero.

O meu livro, que vou pagar para a semana – ai! doido, mil vezes doido! – está encalhado. Nem ao menos arranjo quem, sem encargos nem adiantamentos, queira ser o depositário , capaz de o lançar. Escrevi ao dr. Campos Monteiro para apertar aquela livraria do Porto – o Fraga Lamares. Há um rôr de dias. Nem resposta. A Bertrand, como viste, com a porta na cara. Palavra de honra: ou eu sou muito burro, ou em Portugal ... Adiante. Agora é que passamos adiante.

Os teus? Tua filha? Porque não dás noticias quando me escreves?

Um X amenado (?) do teu velho
Eduardo d'Almeida

Guimarães 4 de Maio de 1929

62.

Sociedade Martins Sarmento

Guimarães

Exm° Sr. Dr. Alfredo Pimenta

A Direcção da Sociedade Martins Sarmento agradece o interesse que V. Exª manifesta por esta Sociedade em sua carta de dois do corrente.

Sobre o assunto da mesma, a Direcção não se pronuncia ainda e algumas das apreciações de V. Exª são já da sua opinião.

Apoz a liquidação da herança da Srª D. Maria Sarmento será organisado o processo de trabalhos desta Sociedade, o que levará ainda bastante tempo.

Com os protestos da nossa maior consideração

De V. Exª, mto. Atº, V.or.

O Presidente
Eduardo d' Almeida

Guimarães

9 de Julho de 1929 S.M.S

63.

Meu caro Alfredo

A direcção da Sociedade de Martins Sarmento encarrega-me de te – pedir um favor. Ela, a Sociedade, deixa-me dizer de Martins Sarmento, muito desejaria que tu, com o – acendido amor que sempre mostraste à memoria de Martins Sarmento, conseguisses do Dr. Brito Camacho[92] que anuisse vir aqui, à Sociedade, a nossa, de Martins Sarmento, nos meses de inverno - fazer uma conferencia.

A sério. Contamos comtigo na primavera ou no outono para uma conferencia. Mas, para o inverno, precisavamos do Dr. Brito Camacho. E eu meti a peito consegui-lo.

E logo pensei que serias tu o homem capaz de fazer o milagre.

Tenho o maior empenho. Aborda o homem. Sabes que todas as despezas são de nossa conta. Depois de ele anuir, vai o convite oficial. Mas é melhor escolher já o mês, e, sendo possivel, o dia. Quanto ao assunto, tu bem sabes. Esforça-te.

Abraça-te
o teu velho
Eduardo d'Almeida

Guimarães
8–Nov. 1929

64.

Meu caro Alfredo

Tinha imenso que dizer-te. Mas tenho estado tam doente e ando assim de um aborrecimento etc. e tal que me falece hoje a paciencia. Também não é coisa de urgencia, embora conversa de coisas uteis. Direi, todavia, que não descuido a situação do teu irmão na Sociedade. E, com aquela velha e clara franquesa dos nossos tempos de Coimbra, ainda acrescentarei que só por isso – eu me compadeceria a ficar mais algum tempo na Sociedade. Estou fartissimo!...Porque? Eis a conversa que leva imenso tempo. Para outra vez.

Agradeço e louvo a tua iniciativa quanto ao Vimaranis.[93] É mais um dos teus serviços à Sociedade, relevantissimo, logo marcado pelo seu excepcional valor. Não me queres mandar – mas com urgencia – dois linguados desse trabalho para a Revista? Sairiam neste numero que está ...a sair. Obrigado por mim, obrigado pela Sociedade. Outra coisa. O meu livro[94] está à venda em Lisboa, há já alguns meses, e, há menos tempo mas ainda assim algum, foi para os jornais. Ainda não vi, a não ser no Janeiro, nem uma linha de referencia. Tens conhecimento de alguma? Não queres dizer duas palavras?

Não me tens dado noticias dos teus. Devo a bom agoiro o silêncio.

Teu velho e certo
Eduardo d'Almeida

Guimarães 19–2–1930

65.

Meu caro Alfredo

Obrigado por quanto me dizes em tua carta, agora mesmo recebida. Fico, em sorriso espiritual , na ansiosa espera do artigo.

Se estás em Guimarães no dia 9 de Março, precisava que falasses na sessão solene da Sociedade, que está marcada para as 2 horas da tarde. Há uma palestra pelo Dr. Joaquim Pires de Lima[95], da Escola Medica do Porto, sobre *Demografia e Ensino*, e ainda não convidei, e já agora não convido, mais oradores. De maneira que bate em cheio a honra que nos querias dar de falar na sessão solene, antes daquela palestra.

A Sociedade dá de almoçar no Hotel do Toural ao Dr. Pires de Lima. Ficas, desde já , convidado para esse almoço – às 12.

O fecho da tua penultima carta alvoroçou-me. Tem confiança.

Adeus.

Teu muito dedicado
Eduardo d' Almeida

Guimarães 25–Fev–1930

66.

Meu caro Alfredo

Duas cartas. Vou responder a ambas. O centenário do Sarmento, para mim, tem um número: a publicação dos seus dispersos, muito curiosos, e inéditos, depois de cuidadosa selecionação, e, sendo possivel, a re-edição das obras esgotadas, com um resumo da obra, em separata, para mandar para o estrangeiro e por isso feito em linguas.

Tu vieste com mais uma ideia, excelente, e que fica adotada. Sairá um numero muito especial da Revista com esse in memoriam. Mas, para o levar a cabo, uma condição se impõe: a de que ele fique - exclusivamente – a teu cargo. Assim é preciso, Alfredo. E se a isso te dignas, eu fecho já o contrato na primeira sessão da Sociedade.

O Vimaranis Monumenta Historica[96] vai ser oferecido ao Dr. Joaquim de Carvalho. Foi outra ideia excelente. Não me poupes, quando elas aparecerem, que eu executo.

Lá falou ontem o Brito Camacho[97]. Estava sisudo, bom rapaz, com tento na lingua, e sempre inteligente. Foi otimo – estava-lhe com as minhas cóleras.

Obrigadinho por tudo. Quando vens cá?

Teu muito dedicado e grato
Eduardo

28–Março–1930

67.

EDUARDO D'ALMEIDA

ADVOGADO

GUIMARÃES

Meu caro Alfredo

A direcção da Sociedade Martins Sarmento tem carinhoso empenho em que tu assistas à parte do Congresso Antropologico, que se realiza em Guimarães. Para evitar melindres, muito delicados e que nos podem acarretar dissabores, não podemos fazer convites oficiais a todos os sócios para irem a Briteiros. Mas considera-te particularmente convidado, na certeza de que te espero aqui em Briteiros para me coadjuvares na empresa.

Cumprimentos aos teus

do teu velho e certo

Eduardo d'Almeida

23–Setembro–1930

68.

EDUARDO D'ALMEIDA

ADVOGADO

GUIMARÃES

Meu caro Alfredo

Estava escrito que, desta feita, eu seria por ai. Mas novamente, e desca-ra-di-ssi-mamente um malvado em te não ir visitar. Eu pudia alegar muitas atenuantes, mas não o faço. Venho de corda ao pescoço como reu confesso. Esticas a corda e sou...um cadaver. Passo a defunto legal ás mãos serenas da justiça. Hoje não tive culpa e digo-o, agora,

depois de executado, em voz do além. Espertinei com a ideia de te ir visitar ás 6 menos um quarto. Ver te á missa das almas, em S. Pedro. Os apitos das fábricas. O silvo do comboio. Não tornei a dormir. E quando, a criada, ás 8 me foi chamar, já lhe apareci vestido. Ás oito e meia veio o barbeiro. Ás 9 e cinco estava tosquiado e barbeado. Mas, ao sair, a campainha do telefone. Fiquei amarrado ás impertinencias do caso e não pude despachar-me. Á 1 Tribunal até ás 5. Nem á estação posso vir. Mas olha que a tua amizade é para mim sagrada, ouviste?, e uma das raras coisas que neste mundo me importa.

Teu dedicado

Eduardo d'Almeida

29–Outubro–1930

69.

EDUARDO D'ALMEIDA

ADVOGADO

GUIMARÃES

Meu caro Alfredo

O teu livro[98], a obra maravilhosa e formidavel de crítica e de saber, foi-me entregue logo. Eu é que não queria escrever-te senão uma longa carta, em que te desfiasses as minhas impressões. Ainda não acabei de o ler, o que levarei em conta apenas, da meticulosidade com que o estou fazendo, dia a dia, de vagar e atento. Fica essa carta para os jornais e seja esta de Boas-Festas. Como não julgas pelas aparencias, sabes que em Noite de Natal te recordo com muita saudosa amizade e vejo-te no teu Lar, e vejo-te a meu lado, e cheguei a ter a impressão viva de que estamos rindo e chorando, chalrando e discutindo. Assim farei amanhã.

Bom Natal! Saudades em tua casa.

Teu velho e certo admirador e amigo

Eduardo

Freiria

23–Dezembro–1930

70.

Meu caro Alfredo

Não te irrites... Sou eu! Ralha-me um bocadão, mas, primeiro, deixa dar-nos o abraço fraterno. Sou eu – velho, cansado, moido, doente, um eu bem diferente, com uma barriga eminentissima, a albumina, a arterio-esclerose, sem rins, sem figado, e o maluco do coração aleijado, mas o louco, a teimar ainda, como se toda a vida, e que pifia vida, não fora toda já passada e um verdadeiro inferno este morrer assim. Mas – vamos adiante, que de pieguices deves andar mais do que farto e as minhas lamurias, depois de tam larga ausencia, até são indelicadas. Indelicadas!

Antes de mais, felicito-me pela tua nomeação para o Arquivo Municipal de Guimarães[99]. Podes e vais prestar um bom serviço à terra. Bem hajas. Nós estavamos a começar a instalação do Arquivo na Casa de Martins Sarmento. Tinhamos arrumado com a má disposição do Feio a respeito da casa, e arrancado a promessa de virem da Direcção Geral de Finanças de Braga (Geral e Distrital) os documentos de Guimaraes que lá se encontram. Mas, como é de direito, aguardamos agora a tua intervenção. Era conveniente, logo que possivel, que te investisses no cargo e assumisses a direcção da instalação. Assim ficaria melhor, e segundo o teu critério, mesmo para, de futuro, saberes o meio em que tinhas de te mover. Julgo que, neste ponto, vou ao encontro dos teus desejos.

Quanto ao Vimaranis[100] : eu renovo o pedido que te fiz, mais a direcção de escreveres um capitulo final com todas as emendas, anotações e acrescentamentos que desejares escusando recomendar-te o empenho que temos em que o faças. Isto não podia ser mesmo doutro modo, a meu ver. Nós quisemos respeitar a memória e o trabalho do Abade[101]. Mal pareceria, numa nova edição, dar-lhe outro aspecto. Mas o que queremos, tambem, é aproveitar o teu valiosissimo trabalho, acrescentando-o àquele. Não vejo dificuldades algumas em fazer-se assim. É mesmo corrente. Aguardamos muito ansiosamente as tuas instruções e a remessa do teu trabalho, para conclusão da obra.

A instalação do Arquivo é difícil. Devias cá vir e assentar no que convinha fazer e como se devia fazer.

Desculpa esta carta apressada e nervosa. Recomenda-me em tua casa.

Teu velho, certo e grato

Eduardo d'Almeida

Guimarães, 4–Dezembro–1931

71.

Meu caro Alfredo

Tu ralhas-me como se eu andasse ainda por este mundo! A vida morreu para mim, embora, muito infelizmente, eu não morresse para a vida. Mas, no além do espirito, a saudade dos amigos estrela a noite de saudade na memória do coração.

Obrigado por quanto fizeste e poderás fazer pelos meus filhos.

Teu dedicado, com muitos cumprimentos para os teus

Eduardo d'Almeida

Freiria, 10–Out–1932

72.

Nota: Apensa à carta anterior, em papel timbrado da Sociedade Martins Sarmento, a Copia da Acta de Março de 1932

Exmº Sr. Dr. Alfredo Pimenta

Após algumas considerações feitas pelo Sr. Presidente, foi resolvido por unanimidade o seguinte:

«A Direcção da Sociedade Martins Sarmento, não lhe havendo sido possivel, por circunstancias varias, entre as quais avultam: a) o impedimento do seu presidente à costumada assistencia às suas reuniões; b) a gravidade de qualquer definitiva resolução a tomar sobre o Arquivo Municipal – pois, em virtude dos decretos a ele referentes, e posteriores ao da sua criação, evidente é que nada pode assentar sobre a casa de Martins Sarmento, na qual, primitivamente, lhe haviam sido destinados para instalação provisoria alguns aposentos do segundo andar, agora de modo definitivo, em vista a futuras complicações com o Estado ou com a Camara Municipal, se ouvirá Assemblea Geral –; c) e a resolução firme e assente, de não continuar, no proximo ano, na gerencia da Sociedade, e não poder dar o necessario expediente a oficios e cartas, bem como a assuntos relacionados com o mesmo arquivo, resolveu não contrariar os desejos do Director nomeado para esse Arquivo, por se tratar do nosso eminente consocio e ilustre conterraneo Dr. Alfredo Pimenta, sobrestar em qualquer deliberação quanto ao Arquivo Municipal.

Quanto ao pedido referente ao catalogo do Arquivo da Colegiada, temos a informar V. Exª que é um trabalho particular do nosso dedicado consocio Dr. João Lopes de Faria[102], feito por sua iniciativa e não por incumbencia desta Sociedade.»

Com os nossos bons cumprimentos, desejamos

Saude e Fraternidade

Guimarães, S.M.S.

12 de Março de 1932

O Presidente

Eduardo d'Almeida

73.

Meu caro Alfredo

Soube, mesmo neste instante, que já amanhã te retiravas para Lisboa. Não tenho tempo de te escrever longamente, como desejava, não só em agradecimento ao que me tens feito, mas em desabafo de muita coisa – o que só por escrito posso fazer. A Lisboa irá ter a minha carta. Protege, o mais que puderes, a minha filha[103]. E lembra-te de mim. Depois por escrito, direi como.

Adeus.

Um abraço do teu
Eduardo d'Almeida

Guimarães

20–Out–1932

74.

Meu caro Alfredo

Do coração te agradeço tudo o que tens feito a minha filha[104]. De há muito que pensava escrever-te longamente a respeito de muita cousa que me atormenta e consome. Uma delas, talvez a mais urgente, é a imperiosa necessidade, em que me encontro, de ganhar a vida. A advocacia em Guimarães não me dá para pão. Não digo para comer, digo para pão. E eu não posso estar a viver com minha familia á custa da minha Mae – que não tem para tanto. Na minha situação. Já agora até ao fim, não devo nem quero pedir lugares ao govêrno. Mas preciso de trabalhar. Um dos trabalhos é a escrever. Ia pedir-te para ver se me arranjavas uma colaboração assente no Diário de Noticias, e de vez em quando, mas sempre que possivel, na Ilustração e no Magazine Bertrand.

Agora mesmo, já estão à minha espera para almoçar, leio no Comercio do Porto, em noticias de Lisboa, que o pessoal da Biblioteca Nacional de Lisboa vai ser reforçado, entre outros, com 12 individuos habilitados com um curso superior. Eis um lugar para mim – desde que mate a fome – que eu não me acanho de pedir. Está nas tuas mãos Como é preciso fazer? Que documentos? Terei mais do que a idade? Tu lerás esta carta ligeira com toda a tragédia que ela tem dentro. Agora, bato à porta do teu coração.

Teu do coração

Eduardo d'Almeida

Guimarães

17–11–1932

P.S. Estou agora mais sossegado, mais calmo. Tu compreendes a questão, que não é possivel iludir por mais tempo. Na minha idade, e com os meus encargos de familia, é terrivel. Por um conjunto horrivel de circunstancias, tudo se ajuntou agora contra mim. Os mais terriveis desgostos intimos, e a ruina. A ruina financeira, e a ruina do corpo, da saude e do espirito. A arterio esclerose faz das suas – não posso ir longe. Não posso ir longe, mas não posso morrer assim. Não queria, todavia, embarcar-me numa aventura. Tenho uma dolorosa experiencia de Lisboa e não a queria repetir. Os lugares, naturalmente, já estão dados. Mas será assim? Só não chega. Era preciso acrescentar-lhe o que eu fizesse nos jornais, nos livros, e na advocacia. Mas como? Iria sozinho, a principio, até argamassar. Se tivesse juízo, paciencia e saude. Vê o que me podes fazer e escreve.

Teu velho

Ed.d'Almeida

75.

Meu caro Alfredo:

Esta carta é um agradecimento – pelas tuas comovidas, generosas e dedicadissimas palavras, que traduzem lealmente e sentidamente, bem o sei, o teu coração amigo. Infelizmente, os caminhos que me apontas, não me tentam. Mas, como a necessidade é angustiosa e premente, escrevi ao Domingos Pereira. Dará resultado? Não sei. Fico aguardando. Mas esta carta leva outro fito: o de te levar um abraço de consoada, um abraço estreito, de gratidão, de amizade, de admiração.

A ti e aos teus – Bom Natal

Teu do coração

Eduardo d'Almeida

Guimarães, 23–12–1932

76.

Carta sublinhada a vermelho por A. P.

Meu caro Alfredo

Quando minha filha[105], dentro do prazo estabelecido, foi matricular-se nas cadeiras de pedagogia, que, segundo o costume, os licenciados em Letras, costumavam tomar no primeiro ano de estágio, não lhe consentiram senão que se matriculasse em uma, porque o Ministro assim havia determinado. O caso era para que os alunos de letras fossem tirando uma por uma durante os quatro anos de formatura. Então, os interessados, isto é, todos aqueles que viviam no regime, até então seguido, de tirarem essas quatro cadeiras no primeiro ano de estágio, fizeram-lhe ver que semelhante disposição não podia ser-lhes aplicável. O Ministro deferiu, e assentiu que podessem requerer matricula não só em uma, mas nas quatro cadeiras. Somente, e sem razão e sem moral, exigia que pagassem uns duzentos escudos de multa e multa porquê?! E cinquenta escudos mais de qualquer alcavala. É revoltante: a multa é um castigo e eu pergunto á tua consciencia de homem de bem se é justo castigar quem não cometeu falta alguma. A falta, em única verdade, foi só do Ministro, que não ponderou o caso das matriculas. E ainda mais revoltante quando é certo, como de Lisboa informam, que, a uns, admitiu á matricula sem multa, e, a outros, exigia multa. Eis o caso. O que a minha filha, portanto, e muito justa e direitamente pede é para ser admitida á matricula das quatro

cadeiras – sem pagamento de multa, como a não pagaram todos aqueles que a requereram em Coimbra – nota bem. E, mais pede, visto se haver matriculado em Lisboa, para lhe ser autorizada a transferencia para Coimbra, por lhe ficar assim muito mais economico o curso, autorização que tem de ser dada até ao dia 30.

Eu sei que, na tua vida preocupadissima, estas impertinencias esgotam e distraiem e fazem perder um tempo precioso. Mas tens sido bem dedicado e não temos mais ninguem a quem pedir auxilio. Perdoa. Como eu julgo que bastará falar-lhes claro para eles compreenderem. Chego a pensar, com isto de multas e pagamentos de portarias, que anexo ao Ministério da Instrução, abriram um balcão de vendas. E até me arrepio ao ver como estão sendo tratados os assuntos da instrução.

Teu dedicado e grato

Eduardo d'Almeida

Guimarães, 26 de Dezembro de 1932

77.

papel tarjado de negro

Meu caro Alfredo

Ainda não te escrevi a agradecer-te o que fizeste por minha filha e já ela me diz que voltou a importunar-te com o novo pedido da sua ultima carta, sem o qual todos os dados passos serão inuteis. Tens sido, nesta conjuntura, o meu maior amigo...lê o mesmo até ao fim. Eu? Cada vez pior. E tu? E os teus?

Velho, dedicado e grato

Eduardo d'Almeida

Guimarens, 23–Janeiro–1933

78.

Meu caro Alfredo

Li eu mesmo a participação dada pela G.N.R. e não pela policia. É pela falta de respeito à autoridade. Coisa vaga, mas grave para poderes constituidos, maxime nas horas decorrentes. As testemunhas que são guardas, ou quasi só guardas, interessados, mas hoje, havidos por insuspeitos e autenticos, ainda não foram inquiridos – e não podem dada aquela acusação, e mesmo em qualquer caso, deixar de o ser. Promove-se, portanto, a sua inquirição imediata. E fiscaliza-se. Tento é que confirmem o que o rapaz nos disse e disse já em perguntas em Juizo, que estão no processo. Porque averiguando-se assim, não há criminalidade. Veremos, pois, com prudencia, cautela mas decisão.

Estou a postos.

Dedicado e grato

Eduardo d' Almeida

Guimarães, 22, Agosto, 1933

79.

Meu caro Alfredo

Obrigada pelas tuas palavras a respeito dos meus trinta anos...de formatura, no Noticias de Guimarães. Sendo a tua colaboração a que dava autoridade ao número, que foi uma triste lembrança de amigos – rapazes, elas foram justas e nobres, mas, e sobretudo, verdadeiramente sinceras e amigas. Deixa lá que a vida nos apartasse, há muitos contados anos, a ti para uma vida literária gloriosa e intensa, até alcançares um dos mais ilustres nomes do nosso tempo, a mim no arrasto de vicissitudes purcelosas, e nem te embaraces na distancia aparente do mundo dos nossos pensamentos – como há trinta anos contados, o nosso sentimento de amigos não se alterou, nem apartou, nem distanciou. Obrigado.

Tenho andado bastante doente, velho mal cada vez mais agravado por ser absolutamente refractario a tratamentos e como o ano foi duro e trabalhoso, chegarei às férias como os lavradores inválidos e molestos á porta do hospital da Santa Casa – um trapo mole.

Estou a acabar de ler – porque não o podia fazer, durante o ano, como queria e o trabalho exigia, a tua monumental Historia de Portugal, de que me não dispenso de falar – e se o não fiz ainda já sabes porque.

Escrevo-te de Gominhães, mas sou eu, naturalmente, que levo esta carta, amanhã, para a vila. Não passo á tua casa da Madre de Deus porque teria de dar uma grande volta e o coração anda a trabalhar mal. Gostava de te ver.

Logo que consiga um pouco, apareço – e creio que desta vez não serei promessa vã.

Muitos cumprimentos aos teus

Teu dedicado e grato

Eduardo d'Almeida

Gominhães, 4–Setembro–1935

80.

Guimarães, 27 de Julho, 1944

Meu caro Alfredo Pimenta

A tua carta comoveu-me. Não é figura de literária dizer que os olhos se enevoaram de lágrimas. E o cansaço da vida, exaustiva e desiludida, que terá apenas como epitáfio de que "um homem que se enganou no caminho", um pouco falho como advogado – por ter veleidades de arte mais falhou como artista – por ter de advogar, secou-me os olhos

Mas lembrei-me do que fomos, das horas em que sonhamos puramente – numa vida pura.

Não. Tu não erraste o caminho. De ti ficam páginas literárias, que desafiam os séculos, e viverão, frescas e belas, pelos tempos além; de ti fica a soma enorme dos teus procedimentos e a profusão de ideias que prodigamente lançaste.

Discordamos e afastamo-nos em muitos pontos? Isso em nada velou jamais a tua imagem à minha amizade. Esquecida, distante, apagada, silenciosa, fechada como se fosse a indiferença? Se eu assim...

Teu velho, sempre certo

Eduardo d'Almeida

81.

papel tarjado de negro

Porto–15 de Maio

1950

Meu muito querido e prezado Amigo:

Não foi, não, relaxo descortez o atrazo em que venho para agradecer-te as missivas, bem o sei e sinto condolencias que tiveste a generosidade amiga de enviar-me a quando da morte da minha querida Mãe.

Tive a pouco vulgar felicidade de a ter viva a meu lado até esta já avançada idade de mais de 66 anos: por isso mesmo, meu caro Alfredo, a sua morte me causou o maior abalo. E tambem (?) acrescentando-se a outras preocupações morais, por não me furtei a uma crise cardiaca gravissima. Escrevo-te da casa da minha filha Angelica, este ano professora no Liceu Carolina Micaelis; onde estou já há semanas e passei tres dias em perigo de morte iminente por sincope cardiaca, tal era o c ?? cardio-vascular de que estava atacado.

Começo agora, á força de repouso e drogas e cuidados a melhorar um pouco, lentamente, para ficar sendo apenas...um velho farrapo.

Meu caro Alfredo: as palavras da tua carta comoveram-me e essa comoção, o sentir-te em espirito, junto de mim, naquele transe doloroso, deu-me uns momentos de conforto.

Beijo a mão com que as escreveste.

Mando-te um trabalhito. Com és quem sabe a fundo destas coisas, gostaria de ouvir a tua opinião. Já mandei a outra sátira[106] para a Revista. Devo a teu irmão Rodrigo[107] o favor carinhoso de me auxiliar muito na leitura do manuscrito. Teriam sido, ao tempo publicados? Percorreriam em forma de pasquins quais manuscritos? A segunda, ou seja, o Senatus Consultus de Celorico Belado, que é Celorico da Beira, ainda é melhor do que a primeira. Quando vieres ao Norte mostro-te o livro, donde as tirei. Mesmo quero que vejas os Motes dos Fidalgos, antes de os publicar.

Obrigado, muito obrigado.

Teu velho amigo e admirador

Eduardo d'Almeida

NOTAS

[1] Alfredo Pimenta, *Páginas Minhotas*, Lisboa, Organizações Bloco, Ltdª, 1950.

[2] Gonçalo Monteiro de Meira, filho do Dr. Joaquim de Meira e de D. Adelaide Sofia Monteiro de Meira, cunhada do tio e tutor de Alfredo Pimenta, Silvestre Pimenta; bacharel em Direito pela Universidade de Coimbra; o dr. Joaquim de Meira pertenceu ao Conselho de Família de Alfredo Pimenta durante a sua menoridade.

[3] Camilo Castelo Branco, 1825-1890; romancista.

[4] Henri Heine, 1799-1856; escritor e poeta, bilingue (francês e alemão).

[5] ver nota 2.

[6] *Jornal da Noite*, dirigido pelo futuro Cons.º Fernando Martins de Carvalho, tendo como sub-director, Álvaro Chagas; órgão monárquico-constitucional, prenuncia a política incipiente de João Franco; segundo o próprio Alfredo Pimenta, dava inteira liberdade aos seus colaboradores pelo que ele assinou artigos anti-militaristas e anarquistas, confessando mais tarde o seu espanto por tais ideologias terem espaço para se manifestarem num jornal daquela orientação.

[7] António Correia de Oliveira, 1879-1960; poeta lírico, acentuadamente popular; autor de vasta bibliografia.

[8] Dr. Marques, certamente advogado em Guimarães, mas não consta das listas dos *Quadros provisórios dos Advogados que requereram para ser inscritos de pleno direito e que poderão advogar no continente e ilhas adjacentes de Portugal*, Ordem dos Advogados, Lisboa, 1927, Imprensa Nacional: "Neste rol não puderam incluír-se os requerentes que não mostraram estar habilitados a advogar antes da publicação do decreto nº 12.334 de 18 de Setembro de 1926, nem os que só depois de passado o prazo nele fixado e prorrogado pela portaria nº 4.745 de 28 de Outubro de 1926 o pretenderam obter (...)"

[9] Sociedade Martins Sarmento – Promotora da Instrução Popular no concelho de Guimarães, instituída em 1882.

[10] João Monteiro de Meira, 1881-1913, médico, professor de Medicina Legal, escritor e historiador, encarregue pela Sociedade Martins Sarmento de prosseguir a obra do Abade de Tagilde, *Vimaranis Monumenta Historica*, não o conseguindo por falta de saúde. Alfredo Pimenta evoca-o sentidamente por ocasião da sua morte em artigo compilado in *Páginas Minhotas*, Lisboa, 1950, Organizações Bloco Limitada.

[11] João Gomes de Oliveira, 1853-1912; Abade de Tagilde, investigador, erudito, historiador vimaranense.

[12] Francisco Martins Sarmento, 1833-1899; formado em Direito, arqueólogo de renome, deixou bibliografia vária.

[13] *O Povo de Guimarães* de 26 de Junho de 1904; artigo não assinado, intitulado "Eduardo de Almeida", de louvor à sua passagem no exame do 4ºano de Direito.

[14] Eduardo de Almeida, *Lama,* Coimbra, 1905.

[15] ver nota 8.

[16] ver nota 9.

[17] ver nota 7.

[18] ver nota 2.

[19] ver nota 8.

[20] Teófilo Braga, 1843-1924; filósofo, historiador, deputado pelo Partido Republicano Português, presidente do governo provisório aquando da implantação da 1ª República; autor de vastíssima bibliografia.

[21] Maria Adozinda de Carvalho Pimenta, Sousa Monteiro pelo seu casamento, n.1905-1988; mãe de sete filhos, culta, notável conversadora pela sua graça e fina ironia, dedicou-se a actos de bem-fazer, publicou poesia em vários jornais com o pseudónimo de "Uma Maria Qualquer" e um livro de contos para crianças: *A Lenda do Farol.*

[22] Kropotkine, 1842-1921; príncipe russo revolucionário, teórico do anarquismo socialista.

[23] *Burgo Podre – revista de Crítica e Literatura* publicada em Guimarães de Dezembro de 1902 a Fevereiro de 1903. Tem colaboração poética de Alfredo Pimenta e no domínio da prosa, de Eduardo de Almeida

[24] Eduardo Manuel de Almeida, industrial vimaranense.

[25] Auguste Comte, 1798-1857; filósofo francês, iniciador do Positivismo.

[26] ver nota 20.

[27] João Chagas, 1863-1925, republicano, jornalista e panfletário, ministro em Paris, representou Portugal aquando das negociações para a intervenção do país na 1ª Grande Guerra e na Sociedade das Nações.

[28] Maurice Fleury, 1860-1931, médico francês, especializou-se no domínio das doenças nervosas.

[29] ver nota 2.

[30] Rodrigo Pimenta, 1885-1959, bibliófilo, arquivista, bibliotecário na Sociedade Martins Sarmento e no denominado Arquivo Municipal de Guimarães até 1951, onde exerceu as funções de director não nomeado depois da morte de Alfredo Pimenta, seu irmão; autor de estudos de natureza bibliográfica.

[31] Abel Cardozo, 1877-?, pintor vimaranense com formação na Academia das Belas Artes de Paris, autor de frescos nos nichos da fachada principal da Sociedade Martins Sarmento, professor na Escola Industrial e Comercial Francisco de Holanda (Guimarães) e na de Afonso Domingues (Lisboa). Irmão do cor. Mário Cardozo.

[32] José Monteiro de Meira, 1887-1911, vimaranense, estudante de medicina, caricaturista, colaborador da *Nova Silva* (1907) e da *Farsa* (1909.

[33] Alfredo Manoel de Carvalho Pimenta, 1907-1989, advogado em Lisboa, fundista do *Diário de Notícias* instituidor, em 1982, do Prémio de História Alfredo Pimenta atribuído ao Prof. José Mattoso, e doador, com suas irmãs, da valiosa Biblioteca de seu Pai à Fundação Calouste Gulbenkian em 1970.

[34] ver nota 2, 28.

[35] ver nota 25.

[36] ver nota 20.

[37] ver nota 20, 16.

[38] Alfredo Pimenta, *Factos Sociaes – (Problemas d'hoje) – Ensaios de Philosophia Crítica*, Porto, 1908, Livraria. Chardron

[39] Alfredo Pimenta, *EU*, Coimbra, 1904, Typographia Democratica, livro que, por coerência, mais tarde repudiará

[40] ver nota 38.

[41] Alfredo Pimenta, *A Mentira Monarchica – Analyse do Momento Actual da Politica Portuguesa,* Coimbra, 1906, e *Fim da Monarchia* – Coimbra, 1906, Typographia Democrática.

[42] Alfredo Pimenta, *Para a Minha Filha*, 1905.

[43] *Voz Publica*, dirigido por Sampaio Bruno; os artigos de Alfredo Pimenta neste jornal foram reunidos no seu livro *Estudos Sociológicos* (Prefácio de Teóphilo Braga), Lisboa, 1913, Centro de Publicidade Editor.

[44] *Debate,* semanário fundado por Alfredo Pimenta quando se instalou em Matosinhos (1909), *apud* Alfredo Pimenta, *Memórias Inéditas* .

[45] Francisco Martins, vimaranense, comerciante, várias vezes director da Sociedade Martins Sarmento

[46] Henrique Trindade Coelho, 1885-1934, escritor, jurista, director de *O Século*, Ministro de Portugal no Quirinal e no Vaticano, Ministro dos Negócios Estrangeiros; o retrato referido encontra-se na *Revista de Guimarães,* ano de 1922, vol. XXXII, pg. 102, e o texto de apresentação que Alfredo Pimenta fez do escritor na festa anual da Sociedade Martins Sarmento 9 de Março de 1922, nas pgs. 101-104 desta *Revista*.

[47] Ver nota 30.

[48] Alfredo Pimenta, *O Livro das Chymeras*, Lisboa, 1922, Portugália Editora; *Coimbra*, *Poema de Saudade e Desafronta,* Lisboa, Portugália Editora, 1922 e *Pretextos e Reflexões*, Primeira série: 1920-1922, Lisboa, Editora António Maria Pereira, 1922.

[49] *Revista de Guimarães*, Guimarães, Sociedade Martins Sarmento.

[50] Agostinho de Campos, 1870-1944; escritor, jornalista, Director Geral da Instrução Pública, professor no Liceu Pedro Nunes (Lisboa), professor de Filologia Românica na Faculdade de Letras de Coimbra; em sessão de 23 de Novembro de 1922, na Sociedade Martins Sarmento, Eduardo de Almeida informa que a conferência anunciada seria adiada; veio a realizar-se em 1927 intitulando-se *As Pedras falam por Si.*

[51] José Maria Eça de Queirós, 1845-1900, escritor, romancista, jornalista, diplomata; no romance, cultor do realismo e do naturalismo com intuitos de análise social.

[52] *Correio da Manhã*, jornal monárquico dirigido por Aníbal Soares; Alfredo Pimenta começa a sua colaboração neste jornal no número 5 (11 de Maio de 1921) com o artigo intitulado "Na Hora que Passa..."

[53] Em 2 de Novembro de 1922, a Exposição Concelhia é assunto da reunião da direcção da Sociedade Martins Sarmento que analisa a proposta da Associação Comercial de Guimarães solicitando colaboração. (*Revista de Guimarães*, 1922, vol. XXXII).

[54] O ataque à bengalada perpetrado contra Alfredo Pimenta por Aquilino Ribeiro (1885-1965), no dia 16 de Abril de 1923 em pleno Chiado quando aquele passava à porta da Livraria Bertrand. O autor da *Casa Grande de Romarigães* reagia assim à crítica literária feita por Alfredo Pimenta ao seu valor como romancista; o incidente ecoou na imprensa do país merecendo o repúdio geral, inclusive dos jornais que mais se opunham a Alfredo Pimenta.

[55] D. José Ferrão Tavares e Távora, 1882-1964, vimaranense, da Casa do Costeado, proprietário, formado em Direito pela Universidade de Coimbra, director da *Revista de Gil Vicente,* Guimarães.

[56] Honoré de Balzac, 1799-1850, romancista francês.

[57] ver notas 20, 26, 38.

[58] Gustave Flaubert, 1821-1880, romancista francês.

[59] *Vimaranis Monumenta Historica, A Saeculo Nono Post Christum Usque Ad Vicesimum, Jussu Vimaranensis Senatus Edita, (Pars I et II).*

[60] ver nota 30.

[61] ver nota 59.

[62] Henrique Lopes de Mendonça, 1856-1931, oficial de Marinha, Professor de História da Escola Naval e da Escola de Belas Artes, presidente da Academia das Ciências, fundador da Sociedade Portuguesa de Autores, escritor, autor de romances históricos foi também autor de *As Cores da Bandeira* cuja marcha final musicada por Alfredo Keil veio a ser adoptada como hino nacional; deixou bibliografia; a obra referida na carta de Eduardo de Almeida, pela data, será *O Crime de Arronches*, editado em 1924.

[63] *Revista de Guimarães*, Sociedade Martins Sarmento, Guimarães.

[64] ver notas 59, 61

[65] José Valentim Fialho de Almeida, 1857-1911; escritor, contista, crítico de arte e costumes.

[66] Conde de Sabugosa, 1854-1932; membro do grupo "Os Vencidos da Vida", diplomata, escritor, ensaísta, erudito, historiador.

[67] Eduardo de Almeida, "São Torcato – Algumas Notas Dispersas", *Revista de Guimarães*, vols. XXXIII e XXXIV.

[68] William James, 1842-1910; filósofo americano, autor entre outras obras, de *Les Varietés de l'Experience Religieuse,* trad. Francesa de Abauzit, 1906.

[69] Pierre Saintyves, pseudónimo do escritor francês Emile Nourry (1870-1953), pioneiro dos estudos de folclore

[70] Henri Béraud, romancista e jornalista francês, 1885-1958.

[71] Alberto Sampaio, 1841-1908; vimaranense, investigador da História das, actividade agrária e marítima de Entre Douro e Minho; pioneiro da relação entre a História e a Geografia.

[72] Fernando Emygdio da Silva, 1886-1972, professor da Faculdade de Direito, procurador à Câmara Corporativa.

[73] ver nota 30.

[74] Crise económica internacional de 1920-1922 que se repercutiu na vida portuguesa durante 1923,1924 e 1925 quando chegaram a falir cerca de catorze bancos e várias casas bancárias (Oliveira Marques, *História de Portugal*, III, Lisboa, Palas Editores, 1982, pg. 310 e seg.

[75] D. José Lopes de Faria, 1874-1927, Bispo de Bragança e Miranda; deixou obra de Teologia.

[76] Polémica entre Alfredo Pimenta e o Bispo de Bragança e Miranda suscitada pelo livro do primeiro, *A República Portuguesa em face da Egreja Catholica e a Politica do Centro Catholico*, Lisboa, ed. Acção Realista Portuguesa, 1925, depositária Livraria Portugal-.Brazil; na *Revista de Guimarães*, vol .XXXIV, nº 1-2, encontra-se o registo da recepção desta obra.

[77] Centro Católico Português, partido católico da I República (1917) foi dissolvido em 1934; os seus objectivos eram não apenas religiosos mas politico-sociais; de tendência monárquica, defendeu a certa altura a colaboração dos católicos com as legítimas autoridades do Estado sem qualquer renúncia às suas ideias e a política da conciliação social; Oliveira Salazar foi um dos seus membros tendo sido eleito a deputado em 1921 por proposta do Centro.

[78] Alfredo Pimenta, *A Politica do Centro Catholico e a minha resposta ao Senhor Bispo de Bragança*, Lisboa, Edição da Acção Realista Portuguesa, 1925

[79] Carolina Michaëlis de Vasconcelos, 1851-1925, catedrática na Universidade de Coimbra, historiadora da Literatura, Filóloga eminentíssima.

[80] Alberto Vieira Braga, 1892-1965, vimaranense, sócio da Associação dos Arqueólogos Portugueses, do Instituto Português de Arqueologia e História, da Sociedade Portuguesa de Antropologia e Etnologia, do Instituto Geográfico e Histórico da Baía; deixou bibliografia.

[81] Abílio Campos Monteiro 1876-1934, licenciado em Medicina, polígrafo, sócio do Instituto Histórico do Minho e da Associação de Jornalistas e Homens de Letras do Minho.

[82] Eduardo de Almeida, *Vida de sombras (Novelas)*, Famalicão, 1929

[83] Ver nota 81.

[84] ver nota 81.

[85] Francisco José Rocha Martins, 1879-1952, jornalista, historiador, activista político

[86] Velho de Palma (?)

[87] Caetano Maria Beirão da Veiga, 1884-1962, professor catedrático do I.S.T. , director do I.S.E.F., presidente do Conselho de Administração do Banco Português do Continente e Ilhas, administrador da Empresa Nacional de Publicidade, proprietária do *Diário de Notícias*.

[88] Francisco Martins, vimaranense, comerciante, várias vezes director da Sociedade Martins Sarmento.

[89] Maria Angélica Pizarro de Almeida, licenciada pela Faculdade de Letras da Universidade do Porto, *apud Noticias de Guimarães*, 18/8/1930; no espólio epistolar de Alfredo Pimenta (A.M.A.P.) existe correspondência desta senhora acerca da sua vida profissional.

[90] ver notas 30, 47

[91] Alfredo Pimenta, *Tratado de Versificação Portuguesa*, Lisboa, Livraria Universitária de Armando Tavares, 1927. A recepção deste volume está registada na *Revista de Guimarães*, vol .XXXVIII, nºs 3-4 (Julho - Dezembro), 1928.

[92] M. Brito Camacho, 1862-1934, licenciado em Medicina, jornalista, Governador ultramarino, director do semanário *A Lucta* e chefiou o Partido Unionista (1911 a 1919); a conferência que pronunciou na S.M.S. intitula-se "O Alentejo" e realizou-se em 17 de Março de 1930; o *Comércio de Guimarães* de 24 de Janeiro de 1930 anuncia-a por todo o mês de Fevereiro; a *Revista de Guimarães* transcreve-a em 29 de Março de 1930.

[93] ver notas 59 e 61.

[94] ver nota 82.

[95] Joaquim Alberto Pires de Lima, 1877-1951, médico, membro da Comissão do Ensino Universitário (1918), director dos Serviços de Antropologia Criminal, Psicologia Experimental e Identificação Civil do Porto (1926), pertenceu à Junta da Educação Nacional (1928), à Legião Portuguesa, autor de várias obras que na sua maioria relacionam a Medicina e a Literatura; proferiu a conferencia *Demografia e Ensino* na S. M. S. em 3 de Março de 1930.

[96] ver nota 59.

[97] ver nota 92.

[98] Alfredo Pimenta, *Estudos Filosóficos e Críticos*, Coimbra, Imprensa da Universidade, 1930.

[99] Alfredo Pimenta, 2º conservador do Arquivo Nacional da Torre do Tombo, foi nomeado por conveniência urgente de serviço para exercer em comissão de serviço o cargo de director do Arquivo Municipal de Guimarães nos termos do parágrafo 1º do artº 3 do Decreto nº 20.577 de 27 de Novembro de 1931, *Diário do Governo*, nº 229, 2ª série de 28 de Dezembro de 1921 (Decreto de 22 de Dezembro de 1931).

[100] ver nota 59.

[101] ver nota 11.

[102] João Lopes de Faria, 1860-1944, paleógrafo, sócio correspondente da Sociedade Martins Sarmento; deixou bibliografia, sobretudo na compilação e cópia de documentos manuscritos.

[103] ver nota 89.

[104] ver nota 89.

[105] ver nota 89.

[106] Eduardo de Almeida, "Sátiras políticas de Seiscentos", *Revista de Guimarães*, S.M.S., Guimarães, 1949, vols. LIX,LX,LXI.

[107] ver nota 30.